



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

ADRIANO EULÁLIO ARAÚJO

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ÍNDIOS TERENA DO
NORTE DO MATO GROSSO NO TELEJORNALISMO
BRASILEIRO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Florianópolis
2017**

ADRIANO EULÁLIO ARAÚJO

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ÍNDIOS TERENA DO
NORTE DO MATO GROSSO NO TELEJORNALISMO
BRASILEIRO**

Dissertação submetida ao Programa
de Pós-Graduação em Jornalismo da
Universidade Federal de Santa
Catarina / para a obtenção do Grau de
Mestre em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dra. Gislene Silva.

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Araújo, Adriano Eulálio

As representações sociais dos índios Terena do
Norte do Mato Grosso no telejornalismo brasileiro /
Adriano Eulálio Araújo ; orientadora, Gislene
Silva, 2017.

122 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Representação social. 3.
Análise de conteúdo. 4. Índios Terena. 5.
Telejornalismo. I. Silva, Gislene. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação
em Jornalismo. III. Título.

Adriano Eulálio Araújo

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ÍNDIOS TERENA DO
NORTE DO MATO GROSSO NO TELEJORNALISMO
BRASILEIRO**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de “Mestre” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 31 de julho de 2017

Prof^ª. Valci Regina Mousquer Zuculoto, Dr^ª.
Subcoordenadora do Curso

Prof^ª. Gislene da Silva, Dr^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Banca Examinadora:

Prof^ª. Valci Regina Mousquer Zuculoto, Dr^ª.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Daiane Bertasso Ribeiro, Dr^ª.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^º. Jorge Kanehide Ijuim, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Leslie Sedrez Chaves, Dr^a.
Universidade do Federal de Santa Catarina

Ao povo Terena

AGRADECIMENTOS

Ao sair do interior do Mato Grosso e ir morar em uma cidade tão diferente da que estava habituado não foi fácil, os primeiros dias foram de choro, de incertezas, mesmo sabendo que estar ali era o que eu almejava. No caminho descobri que o mestrado é maior do que eu jamais poderia imaginar. Não aprendi a ser apenas um pesquisador, aprendi a ser um homem. Entendi melhor a solidão, a alegria, a raiva, a angústia, o amor, a amizade e todos os sentimentos que a pós-graduação te proporciona. Assim, quero agradecer:

Ao POSJOR/UFSC, com todo seu corpo docente, que junto com meus colegas de curso me acolheram e vivemos momentos inesquecíveis ao longo de dois anos. Obrigado por me permitir dar mais este passo na minha vida acadêmica.

A Glória, que me sacudia, de todas as maneiras possíveis, sempre que eu desanimava.

Ao Carlos Marciano, que me falta palavras para descrever o quão importante ele foi e é em minha vida. Tive sorte de encontrá-lo. Que possa haver sempre um “Start” e jamais um “Game Over” definitivo.

Ao Alceu Zoia, pesquisador que me mostrou que existia um mundo além mar. O cara que me salvou de todas as maneiras que alguém poderia ser salvo.

A Gislene Silva que acolheu a minha ideia, que me deu direcionamentos precisos, que deu o seu SIM. Sei que não foi fácil me orientar, escrita difícil, ideias complicadas. De coração, obrigado.

A Cárilda Emerim, que me coorientou e me acompanhou nesse caminho que é bem solitário.

A vocês pessoal, minha eterna gratidão. Meu aprendizado foi honesto, no meu tempo e, principalmente, sincero comigo.

A gente se vê por aí.

RESUMO

Já há algum tempo que os índios brasileiros entenderam que quando são vistos, são lembrados, seja por setores que se dedicam a refletir sobre tais questões, como a academia, por exemplo, ou pelos órgãos responsáveis por garantir que sejam respeitados. E, nesse contexto, os indígenas vêm utilizando a comunicação para buscar seus direitos, divulgar seus ideais e preservar sua cultura, constituindo, assim, um movimento constante que cria e/ou mantém conceitos que se espalham por todo o mundo. Assim, a pesquisa tem como objeto de estudo as representações sociais dos índios Terena do Norte do Mato Grosso no telejornalismo brasileiro. Por meio de um levantamento histórico este estudo traça o percurso dos principais acontecimentos que envolvem a etnia em questão em sua migração do Mato Grosso do Sul ao Mato Grosso. O objetivo é problematizar a atuação do telejornalismo na configuração destas representações. Com pressupostos teóricos de Serge Moscovici, e Denise Jodelet, tem-se como teoria norteadora da pesquisa a Teoria das Representações Sociais, compreendidas como um conhecimento elaborado e compartilhado numa coletividade que contribui individualmente nas suas inter-relações. Tomando como métodos a Análise de Conteúdo, por Laurence Bardin e Martin W. Bauer, e a Análise de Imagem em Movimento, desenvolvida por Diana Rose, investiga-se o *corpus* da pesquisa composto por 21 matérias veiculadas em emissoras de televisão, no período entre 2000 e 2014, que deram destaque a acontecimentos em que os índios da etnia Terena do Norte de Mato Grosso estiveram presentes. Este trabalho estrutura-se em três capítulos, além da introdução e conclusão. No primeiro intitulado *O povo Terena - entre guerra e paz na luta pela (re) conquista da terra*, reconstrói-se a trajetória de lutas do povo Terena, até a fixação no Norte do estado de Mato Grosso. No segundo *Das Representações Sociais*, aborda-se a construção teórica de Serge Moscovici (1978) sobre a Teoria das Representações Sociais, descrevendo os principais conceitos e suas decorrências teórico-metodológicas, e por fim no terceiro traz os procedimentos metodológicos, bem como análise do material publicado nos meios de comunicação televisionado.

Palavras-chave: Representação social. Análise de conteúdo. Índios Terena. Mato Grosso. Telejornalismo.

ABSTRACT

For some time the Brazilian Indians have understood that when they are seen, they are remembered, either by sectors that are dedicated to reflect on such issues, as the academy, for example, or by the bodies responsible for ensuring that they are respected. And in this context, indigenous people have been using communication to seek their rights, to spread their ideals and to preserve their culture, thus constituting a constant movement that creates and / or maintains concepts that spread throughout the world. Thus, the research has as object of study the social representations of the Northern Terena Indians of Mato Grosso in Brazilian television journalism. Through a historical survey this study traces the course of the main events that involve the ethnicity in question, since its migration from Mato Grosso do Sul to Mato Grosso. The objective is to problematize the role of the press in the configuration of these representations. With the theoretical assumptions of Serge Moscovi and Denise Jodelet, one has as guiding theory of research the Theory of Social Representations, understood as a knowledge elaborated and shared in a collective that contributes individually in their interrelationships. Taking as a method the Content Analysis, by Laurence Bardin and Martin W. Bauer, and the Image Analysis in Motion, developed by Diana Rose, the research corpus is investigated consisting of 21 articles published on television stations in the period between 2000 and 2014, which highlighted events in which the Terena Indians of the North of Mato Grosso were present. This work is structured in three chapters, in addition to the introduction and conclusion. In the first titled The Terena people - between war and peace in the struggle for (re) conquest of the land, the trajectory of struggles of the Terena people is reconstructed, until the settlement in the north of the state of Mato Grosso. In the second of the Social Representations, the theoretical construction of Serge Moscovici (1978) on the Theory of Social Representations is presented, describing the main concepts and their theoretical and methodological consequences, and finally in the third one the methodological procedures, as well as the analysis of the material published in the televised media.

Keywords: Social Representation. Analysis of Content. Terena Indians. Mato Grosso. Telejournalism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Linha do tempo que mostra a trajetória Terena em paralelo a momentos marcantes do Brasil	26
Figura 2 – Primeira reunião em 28 de março de 1998.	40
Figura 3 – Mapa que indica a localização da nova área Terena. Em vermelho o Município de Peixoto de Azevedo e em amarelo, Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso.....	47
Figura 4 – Primeira visita dos Terena para avaliação da terra.....	49
Figura 5 - Imagem que mostra o caminho para a existência da representação social.....	67
Figura 6 - Número de coberturas feitas por emissoras sobre os índios Terena, no período de 2000 a 2014.	86
Figura 7 - Policial Federal sendo entrevistada diante de protesto indígena Terena na BR163	106
Figura 8 - Índio Terena, sendo entrevistado sobre o porquê do protesto na BR163.....	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Povos indígenas que ocupam o território matogrossense.....	31
Tabela 2 - mapeamento das emissoras que veicularam materiais a respeito dos Terenas	85
Tabela 3 - Tabela de frequência da dimensão textual do material analisado.....	101
Tabela 4 - Categorias em que se enquadram as matérias ao representar os Terena	102

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I - O POVO TERENA - ENTRE GUERRA E PAZ NA LUTA PELA (RE) CONQUISTA DA TERRA	25
1.1 Do Sul ao Norte: a trajetória de migração dos Terena	25
1.2 Mato Grosso: a terra Terena prometida.....	31
1.3 A fase mais difícil dos conflitos	38
1.4 Gleba Iriri: a terra conquistada.....	50
1.5 Dez anos depois.....	52
CAPÍTULO II - DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	57
2.1 Do conceito	57
2.2 Abordagem processual – funções e estruturas.....	64
2.3 A representação do social no jornalismo.....	69
2.4 O índio Terena no jornalismo brasileiro.....	74
CAPÍTULO III - OS TERENAS E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	79
3.1 Etapa 1: seleção do material: histórico e contexto dos canais/redes televisivas	84
3.2 Etapas 2 e 3: translação e codificação dos materiais televisivos.....	87
3.3 Etapa 4 – Tabulação dos dados	101
3.4 Etapa 5 - Análise e Discussão dos resultados.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	113
APÊNDICE A - Histórico das Emissoras de Televisão em Mato Grosso e que Aparecem no Corpus da Pesquisa	119

INTRODUÇÃO

Os números da população indígena no Brasil, segundo o IBGE, chegam a 215 etnias e mais de 170 línguas faladas, milhares de índios espalhados por cerca de 600 espaços, alguns demarcados, outros não, em todo o território nacional. Vale ressaltar que praticamente nenhuma dessas terras são as que originalmente foram povoadas por esses grupos e sim resquícios, que através de muita luta, em mais de 500 anos, foram reconquistados.

Ao longo desse período, as questões indígenas vêm sendo discutidas e o acesso às informações sobre o índio no Brasil vem chegando ao conhecimento da sociedade em geral, seja pelos próprios índios, que através de seus movimentos têm conseguido visibilidade para o que necessitam, ou por meios auxiliares. Os índios entenderam que quando são vistos, são lembrados, seja por setores que se dedicam a refletir sobre tais questões, como a academia, por exemplo, ou pelos órgãos responsáveis por garantir que sejam respeitados. E, nesse contexto, os indígenas vêm utilizando a comunicação para buscar seus direitos, divulgar seus ideais e preservar sua cultura, constituindo, assim, um movimento constante que insere novas representações, novas formas de ver o índio e conceitos que se espalham por todo o mundo.

Protestos, bloqueios em Br's e grupos indígenas cada vez mais politizados e conscientes de seus direitos não são só tema de noticiários locais, mas também destaque nos telejornais nacionais e, em alguns casos, mundiais.

Os estudos realizados sobre as etnias presentes no país revelam que a aculturação acontece à medida que a autonomia sobre a posse da terra diminui, essa relação é presente no dia a dia indígena e, por isso, é preciso entender que representações estão sendo perpetuadas nesse processo. As análises mostram que, ao se retratar os índios na luta pela disputa de terras, o tratamento dado é o de que seus questionamentos indicam uma espécie de resistência, uma forma de simplificar a grandeza da situação indígena no Brasil, discursos insuficientes ou fragmentados, que não dão conta de esclarecer os fatos na sua essência e os interesses em jogo, incluindo promessas não cumpridas, contradições de ambos os lados, situações que vão da esfera pública à privada e o constante atrito entre o índio e não-índio.

Em recente pesquisa, a ONG Povos Indígenas do Brasil ¹ identificou, dentro desse sistema, cinco grandes grupos que influenciam na forma como as informações sobre os índios são produzidas e veiculadas, são elas:

MERCADO – composto de empresas privadas que, geralmente, se utilizam da matéria-prima presente em reservas indígenas ou em terras que estão em disputa para demarcação;

SOCIEDADE CIVIL – acolhe ou rejeita o que se refere aos índios, posicionando-se diante da situação indígena;

MÍDIA – Analisa e dissemina as informações, legitimando representações das mais diversas sobre as questões indígenas no país;

CONHECIMENTO – aqui, geralmente, encontram-se os intelectuais que pensam sobre as questões com um olhar mais crítico e analítico, sendo capazes de auxiliar no reforço ou não de ideias sobre os índios;

ESTADO – responsável por decidir, de fato, o que será aplicado ou não ao cotidiano do indígena no país.

Nos anos 2000, durante a comemoração dos 500 anos do Brasil, a Bahia foi palco de intensos conflitos entre índios e policiais que tentavam garantir a segurança do evento. Esse fato foi um desdobramento de tantas outras situações violentas ocorridas em quase todo o território nacional, quando o assunto é a relação entre os índios e não índios, na constante luta para a reivindicação dos direitos daqueles, principalmente sobre a posse de terras tradicionalmente ocupadas. Nesta pesquisa, analisam-se as representações que o telejornalismo elabora sobre a população indígena Terena do Norte de Mato Grosso.

Moscovici (1976, p. 46) sinaliza que este modo de ver o índio é “cheio de fragmentos e contradições, com diferentes fontes e lugares, que estão em constante mudança e construção”, e é em espaços como a escola, a literatura, o cinema, o museu, a igreja entre outros, que são construídos e circulam esses modos de ver o índio. É dentro deste contexto que se insere o objeto de estudo desta dissertação, especificamente as representações sociais dos índios Terena do Norte de Mato Grosso configuradas pelo telejornalismo.

O interesse em centrar este estudo numa comunidade indígena tem suas origens na história profissional do pesquisador, quando em 2010, migrante da Paraíba, recém-formado em Comunicação Social com habilitação em publicidade e propaganda, mudou-se para a cidade de Sinop, no norte de Mato Grosso, onde conheceu o professor doutor

¹ <<http://pib.socioambiental.org/pt>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

Alceu Zoia, que estava trabalhando com a questão indígena em seu Doutorado. No convívio com o pesquisador, deu-se a oportunidade de participar do seu trabalho, contribuindo nas pesquisas de campo, com a tabulação dos dados etc., e assim passando a despertar igualmente o interesse pelo tema e a pensar na questão indígena de várias formas, inclusive a relação entre o jornalismo e o índio.

Já nesta época, com vínculo profissional na afiliada da TV Bandeirantes (BAND) na cidade de Sinop, houve também a oportunidade de docência no curso de Jornalismo de uma faculdade privada, e dentro de sala, em um dos debates sobre a “comunicação e os povos” discutia-se que, na grande imprensa, as comunidades indígenas raramente figuram entre os assuntos mais relevantes e até mesmo o espaço que lhes é concedido, é preenchido de modo superficial. Essa percepção foi sendo apurada e, neste estudo, busca-se responder a algumas destas inquietações.

Das etnias conhecidas no Brasil, aproximadamente 50 delas estão em Mato Grosso, isso, porém, não é suficiente para que as questões indígenas sejam assunto frequente na imprensa mato-grossense e permitam, assim, o discurso indígena na mídia.

Assim, esta pesquisa tem como objeto de estudo as representações sociais dos índios Terena do Norte do Mato Grosso no telejornalismo brasileiro. O objetivo é problematizar a atuação da imprensa na configuração destas representações. Tomando como métodos a Análise de Conteúdo, por Laurence Bardin e Martin W. Bauer, e a Análise de Imagem em Movimento, desenvolvida por Diana Rose, investiga-se o *corpus* da pesquisa composto por 21 matérias veiculadas em emissoras de televisão, no período entre 2000 e 2014, que deram destaque a acontecimentos em que os índios da etnia Terena do Norte de Mato Grosso estiveram presentes.

A partir de um recorte temporal dos eventos envolvendo tais índios, observa-se o processo pelo qual se constroem tais representações, em que momento os índios buscam a visibilidade, o que a teoria oferece para compreender, na prática, as representações sociais e como essa dinâmica se insere na sociedade.

Nesse grupo social, encontra-se uma diversidade cultural múltipla, com tradições e rotinas diferentes das que geralmente são atribuídas ao índio no senso comum e, para entender como o telejornalismo brasileiro expõe a etnia em questão, buscou-se respaldo na Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici.

Muitos autores passaram a utilizar a Teoria das Representações Sociais, publicada por Moscovici (1978), pois, segundo o autor, as

representações sociais são “sistemas de valores, noções e práticas que proporcionam aos indivíduos os meios para orientar-se no contexto social e material [...] que tornam inteligíveis a realidade física e social, integram-se em um grupo ou em uma relação cotidiana de intercâmbios” (MOSCOVICI, 1978, p. 79).

Jovchelovitch (2002), ao refletir sobre o impeachment do ex-presidente Collor, na obra *Representações Sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil* relata que “a vida pública, com suas instituições específicas, seus rituais e significados, é o *topos* no qual as representações sociais se desenvolvem e adquirem existência concreta. Quando isso ocorre às representações sociais, elas mesmas tornam-se constitutivas da vida pública” (JOVCHELOVITCH, 2000b, p. 82), é o que Denise Jodelet (2001) denomina como sendo uma modalidade de conhecimento, socialmente elaborada, compartilhada e objetivada com o intuito da construção de uma realidade comum a um conjunto social.

Serge Moscovici (1978) define a ancoragem e a objetivação como mecanismos utilizados para gerar as representações sociais, pois fornecem subsídios necessários ao processo cognitivo. Nesse caso, ao se pensar na representação do índio na sociedade brasileira, reproduz-se um modo de ver e pensar o indígena herdado de tempos coloniais; cujos mecanismos o autor explica:

O primeiro mecanismo tenta ancorar ideias estranhas; reduzi-las a categorias e imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar [...] O objetivo do segundo mecanismo é objetivá-los, isto é, transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está presente na mente em algo que exista no mundo físico (MOSCOVICI, 2011, p. 61).

Esses dois sistemas se complementam e transformam o conhecimento científico em saber do senso comum, e que ocorre pelas regras da comunicação, vivência, bagagem cultural do indivíduo etc. Jodelet (1989) complementa essa ideia, considerando que:

Essa é a maneira pela qual as informações novas são integradas e transformadas em um conjunto de conhecimentos socialmente estabelecidos e na rede de significações socialmente disponíveis para interpretar o real, onde são em seguida

reincorporados na qualidade de categorias servindo de guia de compreensão e de ação. (JODELET, 1989b, p. 47)

Isso acontece através de processos que geram representações, e aqui se sinaliza que, após fundamentar o trabalho com ideias de Moscovici e outros autores, tenciona-se seguir a perspectiva teórica da abordagem processual, desenvolvida a partir da pesquisa sobre Loucura e Representação Social, realizada por Denise Jodelet (2005). É uma teoria complementar e se aproxima da grande teoria desenvolvida por Serge Moscovici, buscando reforçar a importância de se tratar as representações sociais como processos, para, assim, compreender como elas surgem e se mantêm em nosso cotidiano.

Com base em pressupostos teóricos das representações sociais e apoio metodológico da Análise de Conteúdo, aliada à Análise da imagem em Movimento, optou-se por um estudo qualitativo, uma vez que estes métodos combinados possibilitam compreender, de maneira profunda, os fenômenos sociais e humanos em toda sua complexidade. No entanto, vale ressaltar que, segundo Moscovici, “a teoria das representações sociais, mesmo que isso possa suscitar resistências ou discordâncias entre nós, permanecerá criativa por tão longo tempo o quanto ela souber aproveitar as oportunidades que cada método disponível possa oferecer” (MOSCOVICI, 1994, p. 14).

Ao procurar observar em materiais jornalísticos as limitações, equívocos e distorções nas representações sociais que o telejornalismo faz dos índios da etnia em questão, esta dissertação estrutura-se da seguinte maneira: no primeiro capítulo intitulado *O povo Terena - entre guerra e paz na luta pela (re) conquista da terra*, reconstrói-se a trajetória de lutas do povo Terena, discutindo e analisando o seu movimento histórico desde sua migração do Mato Grosso do Sul até sua fixação na Gleba Iriri no Norte do estado de Mato Grosso. Conforme estudos apresentados pelo pesquisador Alceu Zoia, “é lá que, principalmente, a partir dos anos de 2007 e 2008, começaram a desenvolver suas atividades agrícolas e que aos poucos foram criando as condições mínimas para fixar residência” (ZOA, 2009, p. 19). Para construir esse capítulo, foram utilizados depoimentos colhidos em entrevistas realizadas com os índios entre 2007 e 2010, não como corpus/material empírico, mas como procedimento para resgatar historicamente a trajetória destes e sua luta pela terra.

No segundo capítulo, *Das Representações Sociais*, aborda-se a construção teórica de Serge Moscovici (1978) sobre a Teoria das

Representações Sociais, descrevendo os principais conceitos e suas decorrências teórico-metodológicas, assim como as contribuições e ideias de outros autores a respeito, como Jovchelovitch, Doise e Abric. E aprofunda-se na teoria a partir da perspectiva teórica da abordagem processual desenvolvida por Jodelet (2005).

Com foco na Análise de Conteúdo como uma das técnicas de tratamento dos dados da pesquisa, o terceiro capítulo intitulado *os Terenas e suas Representações Sociais* traz os procedimentos metodológicos fundamentados na proposta da autora Laurence Bardin, aliados à técnica da análise de imagem em movimento de Diana Rose, para estudar, inicialmente, representações de loucura na televisão, abrangendo um conjunto de conceitos e técnicas que podem servir de base para a análise de muitas representações sociais, principalmente as que estão inseridas no audiovisual. Nesta parte do texto centra-se se também na análise do material publicado nos meios de comunicação televisionado, com observação de marcadores que explicitem o que diz o telejornalismo brasileiro sobre os Terena, problematizando as representações sociais a respeito deles.

CAPÍTULO I

O POVO TERENA - ENTRE GUERRA E PAZ NA LUTA PELA (RE) CONQUISTA DA TERRA

No primeiro capítulo desta dissertação realiza-se uma síntese sobre a luta do povo Terena pela disputa de terra. Iniciada nos anos 80, os atores desse trabalho tiveram grandes conflitos no processo de imigração do Mato Grosso do Sul até se instalarem definitivamente em 2003 no norte de Mato Grosso.

Para construir esse capítulo recorre-se a depoimentos colhidos em entrevistas realizadas por Zoia (2009) com os índios Terena do Norte de Mato Grosso entre 2007 e 2010. Aqui utilizamos esses relatos não como corpus/material empírico, mas como maneira de ajudar a ilustrar historicamente a trajetória deste povo e sua luta pela terra, além de autores que se dedicaram a estudar o processo migratório desse povo, além de Zoia (2009), também Oliveira (1986) e Isaac (2004). Aqui se relata os principais fatos que constituem a história dessa etnia no Mato Grosso em seu processo para preservar sua identidade, cultura e a reconquista do seu direito a posse da terra.

1.1 Do Sul ao Norte: a trajetória de migração dos Terena

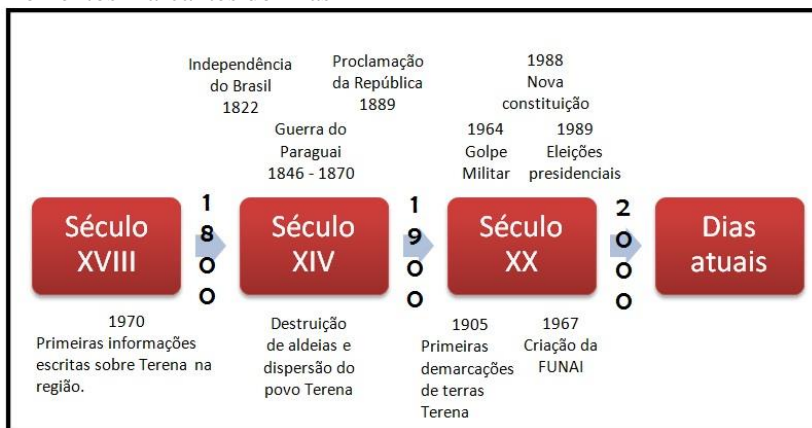
A longa história dos Terena está ligada a tantas outras histórias de diferentes povos, como europeus, africanos etc. O povo Terena, assim como os Laiana e os Kinikinau², faz parte de grupos indígenas que se originaram na América do Sul e assim através da migração ajudaram no desenvolvimento de vários países. No entanto, para se conhecer essa história é necessário recorrer a diversas fontes de informação para conhecer esse passado, como material cultural, objetos artesanais, língua etc., vestígios de hábitos e tradições que tragam indícios de tal trajetória.

Cada povo tem momentos importantes marcados por acontecimentos que levam a mudanças na vida de toda a comunidade. Esses momentos surgem entrelaçados a vários acontecimentos e permanecem na memória de todos. Lembrar esses momentos e buscar entendê-los é importante para que se possa perceber os acontecimentos

² Povos de origem latino-americanos que fazem parte da cultura Boliviana e Venezuelana e que assim como os Terena são descendentes de uma mesma base social e linguística.

presentes e como eles estão ligados a esse passado. E no caso dos Terena destacam-se três importantes momentos em sua história:

Figura 1 - Linha do tempo que mostra a trajetória Terena em paralelo a momentos marcantes do Brasil



Fonte: Ladeira e Bittencourt (2000). Elaborado pelo autor.

O livro *Urbanização e Tribalismo* de José Cardoso Oliveira, publicado em 1968, relata que os índios Terena, pertencentes à família linguística Aruak, são considerados um subgrupo Guaná, falantes da língua Terena ou Txané. Esse povo tem sua origem no Paraguai, na região conhecida como o Chaco Paraguai, e entrou no Brasil pelo Rio Paraguai em diversos ciclos migratórios durante o século XVIII. À medida que chegavam iam ocupando a divisa entre os países do Brasil e do Paraguai, tendo como principal ponto, hoje, o estado do Mato Grosso do Sul, mais precisamente o município de Miranda. Como ainda era uma região imprópria para habitação e quase sem povoamento, os Terena contribuíram muito para a formação da região Sul-mato-grossense, entretanto, seus feitos quase não são lembrados, afirma Oliveira (1968, p.15).

Mesmo assim, a história dos Terena no Brasil se confunde com a história da colonização da região, que hoje delimita as fronteiras do Brasil e Paraguai. Nesse sentido, Oliveira (1968) destaca que houve três ciclos importantes durante o processo de ocupação e povoamento da região, hoje o Estado do Mato Grosso do Sul.

- ✓ O primeiro ciclo se refere à tentativa de ocupação econômica da região, por volta de 1830, com a entrada de atividades agropastoris. O gado ia avançado nas terras à medida que ia consumindo as pastagens.

Iniciou-se, portanto, um processo de exploração econômica do espaço, isso sem a colonização de fato da área e sem a fixação da população neste lugar.

Em seguida, um acontecimento importante afetaria a vida dos Terena, o momento mais significativo, a Guerra do Paraguai (1864-1870). Esta guerra, na qual participaram muitos países – Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai - envolveu também os escravos de origem africana e povos indígenas habitantes das regiões próximas ao rio Paraguai. Os Terena e Guaicuru aliaram-se aos brasileiros e lutaram para preservar seu território. Após a Guerra do Paraguai, muitas mudanças aconteceram na região e, para os Terena, elas significaram a perda da maior parte do seu território, que passou a ser disputado pelos proprietários de terras “brancos”, que chegavam cada vez mais para plantar e criar gado. Este foi o período denominado Tempos da Servidão. E assim se inicia o segundo ciclo.

- ✓ O segundo ciclo trata especificamente do povoamento, ocorrendo logo após a Guerra do Paraguai, onde os exércitos foram fixando barreiras e moradias. Essa etapa representa a expulsão dos Terena das terras onde viviam em comunidade.

Oliveira (1968) afirma que as cercas foram delimitando o tamanho das propriedades e tirando os índios de suas terras:

Surgimento de verdadeiras fazendas já com características “modernas” pois, constituídas de pastos delimitados por cercas de arame, indispensáveis a contenção dos rebanhos nas glebas de seus proprietários. [...] face ao aumento da população regional e, conseqüentemente, com o aparecimento de novos fazendeiros, a disciplinação dos territórios foi inevitável (OLIVEIRA, 1968, p.41).

Se por um lado os Terena ajudaram no desenvolvimento da região através do seu trabalho, por outro, também, foram os mais

prejudicados. Lutaram na Guerra do Paraguai junto com os soldados brasileiros e por isso se consideraram brasileiros e pertencentes à terra, no entanto, com o fim do conflito, os índios não retornaram para suas aldeias de origem que foram destruídas pelos inimigos, e com isso passa a ocorrer a dispersão para outros espaços.

Assim, com o surgimento desse modo de organização de território, os Terena passaram a ter que oferecer sua mão de obra e se inserir definitivamente na economia regional, trabalhando em fazendas em condições desumanas, semelhantes à escravidão; pois, embora livres, trabalhando ao ar livre, estavam presos por dívidas intermináveis que foram contraídas com os fazendeiros para compra de comida.

Ainda segundo Oliveira (1968), esses dois ciclos iniciais colocaram os Terena em um contato intenso com a sociedade não índia (branca) e com o capitalismo que já começava a ser introduzido naquelas terras. As atividades exercidas por eles eram das mais variadas, desde a extração da casca de angico (rica em tanino, usado na curtição do couro) – atividade na qual tinham extrema habilidade para extrair sem machucar a planta - até as atividades relacionadas à criação de gado e plantação das lavouras.

Desde a sua saída do Mato Grosso do Sul, na década de 1980, até a sua instalação, em 2003, na aldeia Kopenoty, no Município de Peixoto de Azevedo, no Norte do Estado de Mato Grosso, os índios da etnia Terena enfrentaram sérios problemas.

Zoia (2009) relata que “A história conhecida dos Terena na região do Mato Grosso do Sul, mostra que o processo foi difícil e humilhante até a conquista de sua terra, deixando suas origens, fazendo trabalhos alternativos e vivendo às margens da sociedade”. (ZOIA, 2009, p. 30). Mesmo assim, insistiram e conseguiram preservar sua cultura e fortalecer sua identidade, finalmente reconquistando o direito a ter a sua própria terra para dela tirar o seu sustento. Destacamos aqui neste capítulo a luta pela sobrevivência, diante dos desafios que a realidade lhes impôs. Ainda segundo Zoia (2009), “esta é uma trajetória de lutas e sofrimentos que se estende desde a chegada ao Mato Grosso, após os inúmeros protestos realizados ao longo das BR 163 e BR 364, até a instalação definitiva da sede do grupo na região norte do Estado de Mato Grosso”, (ZOIA, 2009, p. 31)

Nesse processo de desapropriação da terra os Terena passaram pelo difícil processo da aculturação, onde sua identidade cultural também foi perdida, inclusive com a omissão dos seus verdadeiros nomes, usando nomes de patrões ou pessoas influentes da época. Em

entrevista realizada com o cacique da Aldeia Kopenoty, Zoia (2009) traz o relato de uma testemunha dessa época:

[...] desde que chegaram no Mato Grosso do Sul, a maioria dos nossos antepassados, viveram nas fazendas, foram direto pras fazendas e naquela época o governo fazia as estatísticas nas fazendas e tinha índios que chegavam e não tinham nome, tinham nome indígena mesmo, mas ninguém lembra desse nome, meu avô por exemplo, ninguém lembra o nome dele, aí o que os fazendeiros falavam: - não ó, eu vou por o meu nome neles - meu avô mesmo recebeu o nome do fazendeiro pra entrar na estatística, então desde aí o nosso nome vem do fazendeiro. Meu nome é Cirenio Reginaldo, o Reginaldo é do fazendeiro para quem meu avô trabalhava. (Entrevista; 07 de agosto de 2007) (ZOIA, 2009, p. 35)

Nas pesquisas realizadas sobre os subgrupos de índios espalhados pela região encontramos entre os Terena: a família Reginaldo, a família Jorge, a família Rondon, a família Mário e assim por diante.

O terceiro ciclo correspondeu à delimitação das Reservas Terena, iniciado com a chegada da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas chefiadas por Rondon, e continua até o presente. Essa época do começo do século passado até os dias de hoje é marcada por uma maior proximidade com a população branca

- ✓ Também baseado em povoamento, nesse ciclo ocorre à criação das reservas indígenas através das ações governamentais, onde se tenta reagrupar os Terena, que estavam dispersos pela região, em um só espaço.

Segundo Zoia (2009), podemos afirmar que a criação das reservas indígenas foi mais um ato de expulsão da terra praticado contra estes povos para dar lugar ao avanço do capital, aqui simbolizado pelas grandes fazendas agropecuárias.

No entanto, o assentamento nas reservas não foi suficiente para a sobrevivência dos Terena na região e a mão de obra indígena continuava disponível, atuando nas lavouras e pecuária, o que estavam acostumados a fazer. Trabalhos que não exigiam qualificação e pagavam pouco, se afastando das aldeias à medida que esses trabalhos temporários os

faziam ficarem meses longe de suas casas. Martins (1997 *apud* ZOIA 2009) relata que ações como essas “matam o sonho e a esperança e antecipam cruelmente o futuro como momento de carência e brutalidade sem remédio”. Em entrevista a Zoia (2009), o índio Terena Matheus relata como foi esse período:

Durante o período em que vivemos em Buriti, o que a gente via eram crianças que acompanhavam os pais que iam trabalhar nas fazendas. Os trabalhos que mais existiam naquela época era na cana-de-açúcar e carpir braqueária pra tirar as sementes, a gente chamava de carpir braqueária e na extração das sementes a gente consumia muita poeira, meu irmão trabalhou nessa máquina onde vai classificar a semente, separar da terra e nisso, usavam muitas crianças, meu irmão tinha 08 anos quando trabalhava nisso e em consequência disso ele pegou uma tosse muito braba, achamos que ele ia morrer. Sempre quando a família saía pra trabalhar levavam a família inteira pro trabalho, todo mundo trabalhava, mesmo que a criança não ganhava nada, mas ajudava, eu lembro porque eu fui e trabalhei na braqueária, meus irmãos trabalharam também na cana-de-açúcar [...] (Matheus, entrevista realizada no dia 29 de abril de 2008) (ZOIA, 2009, p. 41).

Segundo o IBGE (2010), hoje, o povo Terena ocupa reservas espalhadas por todo o Mato Grosso do Sul abrangendo os municípios de Campo Grande, Aquidauana, Miranda, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Nioaque, Bonito, Rochedo e Dourados. Nestes locais os Terena ainda trabalham no corte da cana em diversas usinas implantadas na região, ou ainda em fazendas e cidades mais próximas.

No passado, por conta da invasão sobre suas terras, os índios Terena foram expostos a situações impróprias para o desenvolvimento e isso fez com que fosse necessária a busca de novas formas de sobreviver, mesmo que distante de seus familiares. A partir daí uma nova fase na história desses indígenas começa. O período de luta efetiva pela conquista de um espaço onde seria possível construir uma nova história se inicia.

1.2 Mato Grosso: a terra Terena prometida

O Mato Grosso é o segundo Estado em número de etnias indígenas do país. Estima-se que atualmente nele residam aproximadamente 30 mil índios pertencentes a 42 etnias, com diferentes costumes, tradições, línguas e formas de organização social. Segundo dados da Secretaria de Estado de Educação há ainda indícios da existência, no Estado de Mato Grosso, de mais outros 09 povos que ainda não foram contatados e nem identificados oficialmente. Os povos indígenas que residem atualmente no Estado do Mato Grosso são:

Tabela 1 - Povos indígenas que ocupam o território matogrossense

ETNIA	POPULAÇÃO	GRUPO LINGUISTICO	LOCALIZAÇÃO
Apiaká	167	Tupi-Guarani	Rio do Peixe - Juara
Arara	160	Tupi-rama-rama	Aripuanã e Colniza
Aweti	114	Tupi-Rama-Rama	Gaúcha do Norte
Bakairi	900	Karib	Nobres
Bororo	1030	Macro-Jê	Rondonópolis
Cinta Larga	982	Tupi-Mondé	Aripuanã
Enawenê-Nawê	315	Aruak	Sapezal
Hahaintsú	Não consta	X	X
Ikpeng	281	Karib	Feliz Natal
Irantxe	280	Língua isolada	Brasnorte
Juruna	Não consta	X	X
Kalapalo	362	Karib	Querência
Kamayurá	317	Tupi-Guarani	Gaúcha do Norte
Karajá	1624	Macro-Jê	Vários estados do Brasil
Katitaulú	Não consta	X	X
Kayabí	892	Tupi-Guarani	Juara
Kayapó	800	Jê	Peixoto de Azevedo
Kreen-Akarôre	Não consta	X	X
Kuikuro	Não consta	X	X
Matipu	98	Karib	Gaúcha do Norte
Mehináko	183	Aruak	Gaúcha do Norte
Metuktire	Não consta	X	X
Munduruku	89	Tupí	Rio do Peixe
Mynky	69	Língua isolada	Brasnorte
Nahukuá	92	Karib	Gaúcha do Norte
Nambikwara	1511	Não classificado	Comodoro

ETNIA	POPULAÇÃO	GRUPO LINGÜÍSTICO	LOCALIZAÇÃO
Naravute	Não consta	X	X
Panará	285	Macro- Jê	São Félix do Xingu
Parecí	1189	Aruak	Tangará da Serra
Parintintin	Não consta	X	X
Rikbaktsa	910	Marco-Jê	Cotriguaçu
Suyá	245	Marco-Jê	Querência
Tapayuna	45	Marco-Jê	São José do Xingú
Tapirapé	475	Tupi- Guarani	Santa Terezinha
Terena	285	Aruak	Leão do Norte
Trumai	102	Isolada	Feliz Natal
Umutina	208	Macro-Jê	Barra do Bugues
Waurá	280	Aruak	Gaúcha do Norte
Xavante	12480	Macro-Jê	Várias cidades do estado
Xiquitano	Não consta	X	X
Yawalapiti	212	Aruak	Gaúcha do Norte
Zoró	340	Tupi-Mondé	Rondolândia

Fonte: Zoia (2009) / Secretaria da Diversidade Cultural do Mato Grosso e Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso.

Confinados em reservas e com pouca terra, ficou claro que o espaço físico onde viviam os Terena não era adequado para a sobrevivência do grupo. Leitão (2005) afirma que a falta de melhores condições de sobrevivência foi um dos principais fatores que motivaram as famílias Terena a se submeterem à migração definitiva para longe de suas terras e de seus parentes, em busca de melhores condições para se reestruturarem enquanto uma nação, enquanto um povo.

A busca de melhores condições de vida tem sido, ao longo dos anos, o principal motivo pelo qual os índios que nos propusemos a estudar, e outros povos, têm migrado. No entanto, segundo Zoia (2009), isso não acontece sem planejamento. Buscam-se referências, algo que possa indicar o novo local como uma possível moradia.

A situação, que já era difícil, se agrava quando a população Terena, cerca de 35 mil, passa a viver num território com aproximadamente nove mil hectares e espalhados por todo o Mato Grosso do Sul. Em entrevista realizada por Zoia (2009) em agosto de 2007, o cacique Cirenio fala da falta de espaço para se ter uma vida sustentável;

[...] só pra você ter uma ideia, da região da qual viemos no Mato Grosso do Sul, região de

Sidrolândia, naquela época nós éramos mais de três mil índios para duas mil hectares, não dá nem meio hectare pra cada índio (Cirenio em entrevista a Zoia (2009) em 07 de agosto de 2007).

Encontrar uma alternativa para a situação se tornou urgente, pois, segundo o entrevistado, a terra desgastada e o pouco espaço não ofereciam condições de sobrevivência. Foi então que, em 1984, motivado por essa necessidade, o senhor Hélio Rondon, juntamente com sua família, foi à superintendência da FUNAI em Cuiabá, onde permaneceu por duas semanas, com o objetivo de solicitar uma área de terra onde pudessem se estabelecer e tirar seu sustento. Nesse período, a FUNAI tentou convencê-lo a voltar para o Mato Grosso do Sul, afirmando que no Mato Grosso não tinha índio Terena e eles não poderiam viver longe de sua terra de origem.

Segundo ZOIA (2009), nesta passagem por Cuiabá, o cacique Hélio Rondon, ficou hospedado em uma chácara na beira do Rio Cuiabá e lá encontrou um (índio) Bororo que o convidou para ficar na aldeia Tadarinama (Bororo) com eles. Assim, ainda em 1984, se mudaram pra lá, foram aproximadamente umas 10 pessoas no início.

Com o passar do tempo a notícia chega aos Terena da cidade de Dois Irmão do Buriti – MS, grupo de onde o senhor Rondon tinha saído em direção ao Mato Grosso, e as informações relatavam que ele estava em uma terra boa, rica em peixe, caça e considerada ideal para o plantio de produtos agrícolas. Atraídos por essa ideia, mais três famílias se juntam ao grupo. A lavoura foi sendo ampliada para conseguir alimentar a população que ia aumentando na área, à medida que, a cada ano, mais índios iam para lá com a ideia de que ali teriam mais oportunidades do que onde moravam anteriormente.

A convivência com outra etnia, até 1988, influenciou a cultura Terena, principalmente para as crianças que tinham uma relação direta com as crianças Bororo. Elas iam aos poucos incorporando os costumes tradicionais do povo Bororo, principalmente a habilidade para a pescaria, além de aprenderem a língua, como observamos no depoimento do índio Matheus em agosto de 2007:

O povo Bororo tem uma habilidade tradicional que é a pescaria. Eu lembro da pescaria de flecha, de mergulho, então a gente via aqueles anciãos, os mais antigos, fazer esse tipo de pescaria. Eu tive essa oportunidade de poder estar presenciando essas ações do povo Bororo. Então a gente ainda

criança, já estava adquirindo a vida cotidiana desse povo Bororo e os costumes do povo Terena ia deixando de lado. Inclusive a língua deles eu achava muito fácil de entender, não era difícil, então a gente ia adquirindo esses costumes no convívio com esse povo. (Matheus, em entrevista a Zoia (2009) no dia 31 de agosto de 2007)

Segundo Matheus, o que era pra ser uma troca de experiências e uma boa solução se tornou um problema, pois o choque entre as culturas Terena e Bororo fez com que a convivência entre os dois grupos ficasse comprometida. A derrubada da mata e a expansão das lavouras passaram a causar problemas entre os dois grupos:

Depois a gente foi obrigado a deixar a reserva devido a um choque cultural, porque eles tinham um sistema de convivência deles que era de caçar e pescar e o povo Terena era tradicionalmente plantadores e agricultores e quando chegamos, o pessoal que veio do Mato Grosso do Sul, e começamos a fazer roças, primeiro roças pequenas e depois roças maiores e quando a gente fez uma roça bem maior e plantou algodão, a gente foi proibido de produzir. Eles nos criticaram porque a gente estava destruindo a mata toda deles, a floresta, então eles não queriam isso na reserva. Eu lembro também que a queimada que fizemos atingiu até a população vizinha. O nosso pessoal fez uma lavoura e queimaram naquela época e o pessoal que morava ribeirão foi atingido pela fumaça. Isso saiu até na Rádio, e o povo Bororo que tinha o costume de preservar a reserva, eles plantavam também, mas era bem pouquinho e nós viemos com esse costume de fazer uma lavoura um pouco maior, isso gerou problema. (Matheus, em entrevista a Zoia (2009) no dia 31 de agosto de 2007)

A agricultura passou a ser o pivô de discórdias, pois dia após dia a população aumentava. Isso acabou assustando os Bororo que, preocupados com a situação, chamaram os Terena para uma conversa, conforme nos relatou o Cacique Milton Rondon:

Eles perguntaram: vai vir mais gente?

E eu disse: Vai vir mais gente!

Então eles falaram, não, então vamos parar por aqui, não pode vir mais gente. Isso mais ou menos em 86. Porque se cada ano vir mais gente não dá! Vamos fazer o seguinte: vocês não trazem mais gente e quando for trazer vocês comunicam nós, vamos ver o que vamos fazer. A única coisa que temos que fazer é arrumar um jeito de vocês saírem, porque vocês não podem trazer mais gente e ficar por aqui. Então tivemos uma reunião com eles e falamos o seguinte: vocês vão tolerar nós e vocês vão ajudar nós porque nós temos uma instituição do governo que é a FUNAI e nós somos considerados Sem Terra, porque nós não vamos voltar mais para a nossa terra de origem, no Mato Grosso do Sul, nós vamos buscar uma terra aqui no norte, seja numa aldeia, seja na terra do governo, do Estado, nós vamos achar uma terra pra nós. (Milton Rondon em entrevista a Zoia (2009) no dia 03 de novembro de 2007)

Ainda segundo Milton Rondon, enquanto os Bororo iam tolerando a situação, os Terena foram se organizando para solucionar o conflito. Assim, passaram a buscar apoio junto aos órgãos públicos para que providenciassem uma área de terra exclusiva para os Terena. Ao mesmo tempo, denunciavam os confrontos e pessoas que incentivavam a briga entre eles. Denunciavam pessoas da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, que afirmavam que se os Terena permanecessem ali iriam derrubar a mata toda e acabar com a reserva Bororo, transformando-a toda em plantação.

Em entrevista com o Cacique Cirenio em agosto de 2007, ressaltou que essas interferências nas relações entre os Terena e os Bororo culminou na expulsão dos Terena da área:

E quando foi em 1988 mais ou menos, se reuniram e expulsaram as famílias Terena de lá e com isso os nossos parentes passaram a morar na periferia da cidade de Rondonópolis em condições muito difíceis de sobrevivência (cacique Cirenio

em entrevista a Zoia (2009) no dia 07 de agosto de 2007).

Foi a partir daquele momento, segundo Cirenio, com o povo acampado na periferia da cidade de Rondonópolis, que os problemas realmente ficaram mais graves. Já estavam num grupo de aproximadamente 40 pessoas e não tinham para onde ir e nem mesmo condições de se manterem ali. Zoia (2009) afirma que “os homens conseguiam algo na pesca no Rio Vermelho e em alguns serviços temporários em algumas fazendas da região. As mulheres buscavam empregos na cidade, principalmente como domésticas”. (ZOIA, 2009, p. 50). A cada dia que passava ficava evidente que não seria possível sobreviver na cidade, sem um pedaço de chão para plantar. Nesse período, muitas daquelas famílias que tinham vindo do sul para o norte acabaram voltando.

Os Terena permaneceram acampados na periferia da cidade de Rondonópolis – MT, em um local chamado Assentamento Parque São Jorge, por dois anos. Como foi um tempo relativamente longo, criaram uma escola para as crianças estudarem até a quarta série e as demais crianças passaram a frequentar a escola juntamente com as crianças da cidade. As crianças indígenas sofreram muita discriminação e preconceito por parte de professores e também dos demais alunos, conforme relata o índio Matheus, em entrevista em agosto de 2007:

Pra mim no primeiro momento de escola foi um choque porque eu tinha um costume lá com o povo Bororo de viver, de brincar, essas atividades do povo indígena mesmo e quando eu cheguei ali pra estudar na cidade, eu lembro do primeiro dia de aula, até hoje eu nunca esqueci, isso fica na minha memória, sempre quando eu lembro da infância isso vem, discriminação e preconceito que sofriam por parte dos alunos não-índios e professores. (Matheus em entrevista a Zoia (2009) no dia 31 de agosto de 2007)

Devido a essas dificuldades enfrentadas por adultos e crianças foi que, em 1996, surge a ideia que poderia ser a solução definitiva para os problemas (falta de terra e sustento das famílias): requerer uma terra do INCRA para que eles pudessem ser assentados e reconstruírem sua comunidade. Uma terra que fosse só deles e assim pudessem reunir seu povo. Cirenio relata como foi esse processo:

Aí quando foi em 1996 começou a ideia do Milton [Rondon] de requerer uma terra do INCRA. Qual era a ideia dele naquela época? A ideia dele era que o Mato Grosso tem 15% da área do Estado de terra indígena. 13 a 15 % é tudo terra indígena! Então porque que a FUNAI não vai cortar um pedaço pra nós?(Cirenio, entrevista a Zoia (2009) em 07 de agosto de 2007).

Pensando assim acreditavam que seria fácil se concretizar essa solução. Mas, ao contrário do que se pensou no início a FUNAI dificultou o processo, dizendo que questão de terra seria com o INCRA e nas aldeias existentes no Estado ela não poderia mexer. A FUNAI e o INCRA não se posicionaram claramente em relação às reivindicações dos índios. Com isso, os protestos são desencadeados, e dá-se o início da luta do povo Terena, em busca da terra para a instalação destas famílias no Mato Grosso.

Isaac (2004) relata outros problemas enfrentados pelos índios e aponta esses fatores como a motivação para a redefinição das estratégias de luta do povo Terena:

O não-reconhecimento de sua identidade social e a recusa da FUNAI na questão assistencial, a impossibilidade de exercer a pesca, o desemprego dos que trabalhavam em fazendas, o aumento da incidência de doenças, a escassez alimentar, o preconceito da sociedade local quanto aos índios que vivem em contexto urbano e a falta de perspectivas para o futuro formaram o quadro da situação social que os levou a redimensionar sua estratégia política nas relações internas e interétnicas (ISAAC, 2004, p. 79).

Conforme o exposto por Isaac (2004), o não reconhecimento do grupo como povo indígena, e sim como sem terras, deixava-os totalmente desamparados por parte dos órgãos governamentais. Desta forma, não tinham apoio da FUNAI porque não eram considerados índios e também não eram atendidos pelo INCRA porque, como índios, não faziam parte de suas responsabilidades. Boaventura de Sousa Santos

(1999), no texto *A Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença* no diz que:

Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades. (SANTOS, 1999, p. 44)

Ainda segundo o autor, na prática é difícil que isso aconteça, tendo em vista que é necessário entender que identidade e diferença são mutáveis, que mudam a medida que as sociedades evoluem. “Não temos uma única e definida identidade, mas assumimos identidades provisórias, de acordo com o papel social que desempenhamos”, Santos (1999).

Zoia (2009) relata que diante dessa indefinição sobre quem poderia e deveria assumir-lhes só lhes restou a alternativa de radicalizar. Iniciou-se naquele momento uma nova e longa fase na luta pela terra que só acabaria com a transferência definitiva para a Reserva do Iriri Novo, no Norte de Mato Grosso (ZOA, 2009, p. 53).

1.3 A fase mais difícil dos conflitos

Em cinco de março de 1998 foi criada a associação dos trabalhadores indígenas Terena, denominada *Associação de Trabalhadores Indígenas Recanto Pontal – Povo Indígena Terena ATIRPT*, com o objetivo de fazer parte do Programa de Desenvolvimento do Agronegócio (PRODEAGRO), desenvolvido pelo governo estadual, que visava à implantação de um programa de agricultura sustentável para as populações indígenas. A associação tinha quatro pontos fundamentais como mostra Isaac (2004):

- (1) conseguir recursos junto aos órgãos governamentais de assistência social e de produção agrícola;
- (2) assumir-lhes visíveis à sociedade de contato;
- (3) serem reconhecidos como índios pela FUNAI e pela sociedade abrangente;

(4) conquistar uma área das terras para a produção de sua subsistência material e desenvolver suas atividades socioculturais (ISAAC, 2004, p. 79).

Neste sentido, a criação da associação serviu para provar à sociedade que eles eram indígenas, e de fato fazer com que eles ganhassem notoriedade. A associação iniciou com apenas 14 famílias, pois muitos parentes, nesta época, tinham desistido da luta e retornado para o Mato Grosso do Sul. Segundo Zoia (2009), “a partir de então, começou-se a encaminhar ofícios através da ATIRPT à imprensa, às Universidades e ao grupo dos Direitos Humanos, entre outros” (ZOIA, 2009, p. 54) com a finalidade de dar mais visibilidade para os problemas que a comunidade Terena estava enfrentando e, desse modo, buscar apoios na luta pela conquista da terra.

Os resultados vieram rapidamente e, ao que parecia, as reivindicações seriam atendidas. Conforme Zoia (2009), A FUNAI se mobilizou e marcou uma reunião com eles. Para esta reunião veio de Brasília o índio Marcos Terena, funcionário do órgão, com o intuito de 39ssemblei-los como índios e certificar a etnia. Ainda segundo o autor “a regional da FUNAI de Rondonópolis não queria 39ssemblei-los como indígenas, qualificava-os como “sem terra”, como destribalizados, que não eram Terena”. (ZOIA, 2009, p. 55)

Isaac (2004) diz que esse não reconhecimento foi um elemento gerador de conflitos, discriminação e preconceito, pois lhes negavam a identidade. O grupo Terena viu-se obrigado pelas circunstâncias a buscar alternativas diferentes para seu povo. As condições em que viviam exigiam uma medida radical, assim, conforme afirma Marx e Engels 2002^a (*apud* ZOIA, 2009) com a finalidade de criar forças para a resistência, os homens invocam as forças de seus antepassados:

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando perecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os

nomes, os gritos de guerra e as roupagens a fim de apresentar e nessa linguagem emprestada (MARX ENGELS, 2002^a, p. 21).

Para fortalecer a luta decidiram usar suas pinturas corporais, invocando os espíritos dos antepassados para que lhes dessem forças para enfrentar as dificuldades que se apresentavam. Isso demonstra a reafirmação de sua identidade étnica através da exaltação de suas práticas culturais como resposta à situação de preconceito a que estavam expostos.

O cacique Milton Rondon relata que as lideranças Terena conseguiram um ônibus emprestado com um amigo e reuniram um grupo para ir participar de uma reunião em Cuiabá com representantes da FUNAI, com o intuito de finalmente resolver a situação dos Terena na região. Conta o cacique:

Aí tinha família Bororo, meu pai que era Tapirapé, tinha um Guarani que é seu Severino, que é marido de minha mãe, meu pai já estava separado de minha mãe, tinha outras tribos, Cinta Larga também, era um guizado de tribos, todos apoiando a gente. Aí fomos pra reunião. Aí a gente orientou né, vamos fazer o seguinte, vamos pintar! Vamos lembrar da nossa pintura e vamos pintar, vamos caracterizar, vamos nos apresentar diante das lideranças da cidade e de Brasília a caráter e vamos organizar um protesto na FUNAI e vamos chamar a imprensa também. Convocamos a imprensa, Rádio, Televisão, Jornal, iniciou a luta naquele dia, aí direcionou para a Terra. (Milton Rondon em entrevista a Zoia (2009) no dia 03 de novembro de 2007)

Figura 2 – Primeira reunião em 28 de março de 1998.



Fonte: acervo pessoal do senhor Milton Rondon/extraído de Zoia (2009)

Como podemos observar na foto acima, os índios exibem as pinturas nos corpos e levam crianças para participar de todas as etapas do processo. Podemos observar na foto que existem crianças presentes no protesto e em entrevista com Samuel Colmam, índio Terena e professor na aldeia Kopenoty, em abril de 2008, ele afirmou que a presença das crianças na rotina do grupo faz parte da própria cultura Terena de levar os filhos em todos os lugares:

[...] isso faz parte um pouco da cultura do índio, aonde tá um pai ou uma mãe geralmente a criança tá. Ela não larga. Hoje eu tenho filho, inclusive este que está aqui, ele não larga de mim, aonde eu vou, ele vai comigo. Isso por outro lado chamava a atenção dos órgãos competentes da época, porque é uma coisa assim, eles ficavam pensando assim, pô, mas têm um monte de crianças lá, qual a situação que essas crianças passam lá, quer dizer, elas também acabavam contribuindo mesmo no braço, contribuía como forma de pressão diante das autoridades. (Samuel, em entrevista a Zoia (2009) no dia 21 de abril de 2008).

Esta primeira reunião aconteceu no dia 28 de março de 1998. Dela os indígenas saíram muito animados, cientes de que a organização tinha dado resultado e em breve alcançariam o objetivo: a conquista da terra para instalar suas famílias e, a partir dela, recomeçar a organizar a história da comunidade. No entanto, logo perceberam que a luta estava apenas começando.

A partir dessa reunião foram visitadas diversas fazendas na região Sul de Mato Grosso. A certeza e a confiança numa solução rápida para o problema eram grandes. Depois de várias idas a Brasília, reuniões com o presidente da FUNAI e percebendo que nada se resolvia, os Terena foram desanimando, muitos desistiram da luta e retornaram para suas aldeias de origem no Mato Grosso do Sul. Zoia (2009) afirma que “para

as lideranças indígenas ficava a impressão de que esta demora na apresentação de uma proposta conclusiva para as suas solicitações não passava de uma estratégia dos órgãos governamentais para desestabilizar o povo e enfraquecer a luta”. (ZOIA, 2009, p. 58)

Em uma segunda reunião no dia 20 de maio de 1998, com o presidente da FUNAI, ficou definido que os técnicos iriam até as fazendas visitadas e fariam uma análise do local e apresentariam propostas de áreas que poderiam ser adquiridas pela União para o assentamento dessas famílias. Durante aproximadamente um mês os índios foram mantidos nos hotéis e se alimentando de marmitas fornecidas pela FUNAI, conforme contou Milton Rondon em entrevista a Zoia (2009) no dia 03 de novembro de 2007.

Ainda segundo relato de Milton Rondon, depois desse período, foram transferidos para uma chácara às margens da Rodovia MT 70, na saída para o município de Guiratinga, onde permaneceram por aproximadamente seis meses enquanto aguardavam os desdobramentos das negociações para a questão da terra.

Em reportagem publicada no jornal *Diário de Cuiabá* do dia 01 de junho de 1998, o Chefe do Núcleo de Apoio da FUNAI em Rondonópolis afirma que a terra destinada aos índios estava em impasse porque a “FUNAI não tinha recursos para 42ssemb-la. Além disso, existem outros 50 mil índios sem aldeia no Brasil. Se a FUNAI comprar uma área para os Terena, estará abrindo um precedente”. Justificava-se assim o desinteresse do Estado na questão.

Diante disso, o Cacique Milton Rondon decidiu organizar um protesto nacional para chamar a atenção da mídia e dos governantes para a situação indígena. Para se juntar ao grupo veio o índio Cirenio que, segundo Milton, foi muito importante para o próprio reconhecimento do grupo como indígena, pois ele era uma liderança com forte influência entre os jovens e estava empenhado em revitalizar a cultura Terena entre a juventude, recuperando as tradições, as danças e os costumes que estavam desaparecendo.

Então se começou a requerer uma área do INCRA e começou então o processo, não é difícil, [...] aí até que em 1998 essas famílias entraram em contato comigo (Cirenio) no Mato Grosso do Sul, naquela época eu morava lá ainda né em 1998, aí o Milton que era o responsável por essas famílias na periferia de Rondonópolis falou: - Ta acontecendo isso, o INCRA não quer dar terra pra

nós, FUNAI não quer dar terra pra nós e eu to pensando, se você puder me apoiar com algumas pessoas ali do Mato Grosso do Sul, nós vamos, nós estamos querendo fazer um protesto (Cirenio, entrevista a Zoia (2009) em 07 de agosto de 2007).

Em dezembro de 1998 foi elaborado um ofício e encaminhado para o senhor Sullivan Silvestre de Oliveira, então presidente da FUNAI, que foi assinado pelos indígenas Milton Turi Rondon, como Presidente da ATIRPIT, e pelo Cirenio Reginaldo. Ali, os índios detalhavam todo o processo pelo qual seu povo vinha passando: necessidades, doenças, fome, desemprego e preconceitos, entre outros. Lembravam que eram remanescentes dos povos que habitavam o território brasileiro e que “estamos sem terra para habitar e criar nossas famílias [...] é inadmissível para os donos da terra que não tem terra” (sic) e finalizam o ofício com um ultimato: caso nossos pedidos e reivindicações não sejam atendidos até o dia 15/12/98, usaremos nosso “orgulho de nação indígena e tomaremos de volta as terras que nos foram tomadas e, por direito natural, nos pertencem” (sic).

Pode-se dizer que este foi o marco inicial da luta efetivamente declarada e que só acabaria com a conquista definitiva da terra.

Eu reuni o pessoal no Mato Grosso do Sul, aí 100 pessoas naquela época falaram assim: - não, eu vou com você, se for pra adquirir terra, nós vamos pra lá porque nós não temos terra mais aqui no sul, no Mato Grosso do Sul. Então, quando foi no dia 15 de dezembro de 1998 nós viemos pra Rondonópolis. Vieram três ônibus. Eram cerca de 100 pessoas. No dia 17 de dezembro de 1998 nós fizemos o primeiro bloqueio na BR 364, aí começou o processo! Esse foi o nosso primeiro protesto em busca da terra! (Cirenio, entrevista a Zoia (2009) em 07 de agosto de 2007).

Segundo Cirenio para ajudar na luta vieram dois ônibus lotados de índios Terena, provenientes do município de Dois Irmãos do Buriti-MS, com um total de 87 indígenas.

Esse foi apenas o início da luta. Os índios Terena tinham a esperança de que tudo pudesse se resolver rapidamente e pensavam que com o trancamento da BR, causando transtornos para a população que

necessitava passar por ali, a FUNAI tomaria uma providência com urgência. Porém, não foi o que aconteceu. Esse foi apenas o primeiro dos 25 protestos de fechamento das BR 163 e BR 364, que se estenderam por longos cinco anos de luta. Período que enquanto esperavam por uma solução por parte dos órgãos responsáveis, se mantiveram às margens da BR, montaram acampamentos semelhantes aos sem terras feito com lonas e pouca estrutura.

Em primeiro de outubro de 2001, às oito horas da manhã, houve o maior protesto de todos, os bloqueios da BR 364 e da BR 163, nas proximidades do município de Rondonópolis. A ação foi liderada pelos índios Terena, porém contou também com a participação de guerreiros de outras etnias, tais como Xavante, Umutina, Pareci, Bororo, entre outros, conforme descreve Isaac (2004).

Para esta ação, eles contaram com apoio de outras sociedades indígenas tais como os Terena de Mato Grosso do Sul, Bororo, Caiabi, Guarani, Kadiwéu, Laiani, Mundurukú, Nambikwára, Paresí, Umutina e Xavante, todos organizados pela Federação dos Povos Indígenas do Estado de Mato Grosso (FEPOIMT), órgão ligado à Confederação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) (ISAAC, 2004, p. 82)

Ainda segundo Isaac (2004), a situação foi marcada por graves tensões. A Polícia não conseguia conter os constantes conflitos que aconteciam entre os índios e os usuários das rodovias, principalmente com os caminhoneiros, durante os cinco dias do bloqueio. Em entrevista realizada em novembro de 2007, Milton Rondon assim descreveu o maior dos protestos que realizaram nas rodovias federais brasileiras:

Fomos pro protesto novamente, pra rodovia para um protesto federal! Foram mais de 4 dias, fizemos um protesto que já estava morrendo porco, perdendo verdura, não tinha leite, os açougues de Rondonópolis já tinham fechado, as padarias não tinham mais pão, porque ninguém tinha mais trigo, nos mercados já estavam faltando mercadorias, e nós lá! Nós estávamos magrinhos de fome também, porque já tava apertando, mas

vamos até o fim! O Ministério da Justiça engrossô policial rodoviário, tinha 70 policial rodoviário, 40 polícia Federal, 40 polícia Militar, fora os civis, mais um helicóptero sobrevoando por cima [risos] Nós tínhamos um mato e eu falei pros guerreiros: - Vocês ficam no mato! Vocês não se aparecem aí não! Vocês ficam no mato que vocês vão ser a salvação nossa, porque quando eles achar que acabou os guerreiros, tem muita gente no mato. Ficam lá! (Milton Rondon, em entrevista a Zoia (2009) em 03 de novembro de 2007).

Os índios estavam decididos a ir às últimas consequências; viam no protesto a única arma capaz de resultar numa possível vitória. Várias aldeias haviam enviado guerreiros para auxiliarem na luta, o Cacique Milton Rondon detalha esse momento:

Nós trouxemos 2 ônibus de Terena de Campo Grande, e veio mais Guerreiros aqui dos Apiakás, Mundurukú, Kaiaby, Umutina, Pareci, Xavantes e 40 Bororo, fora os Terena tinham mais de 300 guerreiros e cada guerreiro de cada aldeia dava depoimento na imprensa que se não resolvesse o problema dos Terena eles iriam trazer mais guerreiros das aldeias (Entrevista a Zoia (2009) em 03 de novembro de 2007).

No terceiro dia a situação agravou-se e os índios Terena fizeram algumas pessoas reféns, o que fez com que a mídia toda se voltasse para o protesto:

No terceiro dia do bloqueio os Terena fizeram onze pessoas reféns no acampamento da Chácara Lago Azul, sendo nove profissionais dos meios de comunicação de Rondonópolis, um motorista da empresa de ônibus interestadual Eucatur e um funcionário da ONG Trópicos Instituto de Apoio ao Desenvolvimento Humano e do Meio Ambiente (TROPICOS), responsável pela saúde indígena na região (ISAAC, 2004, p. 82).

Na tentativa de encontrar uma solução, no dia 05/10/2001, aconteceu mais uma reunião na sede da Prefeitura Municipal de Rondonópolis com representantes da FUNAI, na pessoa de seu presidente, diretor fundiário, administrador regional da FUNAI, superintendente regional do INCRA, coordenador de conflitos agrários, delegado da Polícia Federal, Bispo Diocesano, entre outros, além dos caciques Terena Milton e Cirenio e caciques de outras etnias que se faziam presentes na reunião para manifestar apoio aos Terena. O cacique Terena Milton Rondon informou que todos os reféns estavam sendo bem tratados e a qualquer momento, até mesmo com um telefonema eles poderiam ser libertados, mas que eles não aceitariam mais serem enganados, pois, queriam propostas concretas para a solução do problema da terra.

Dentre todos os protestos, este foi o que teve a maior repercussão chegando ao conhecimento do Governo Estadual e Federal, e sociedade civil. Na semana seguinte, começaram os trabalhos da comissão de visitas nas possíveis fazendas que poderiam ser adquiridas. Para cada fazenda visitada foi feita uma ata apresentando-se relatórios minuciosos das áreas visitadas. Após concluírem as visitas em todas as possíveis áreas disponíveis, os índios, em 46ª assembleia, no dia 13 de outubro de 2001, decidiram-se pela Fazenda Tarumã, devido a sua extensão e infraestrutura já existente, tais como energia elétrica e boas estradas para o escoamento da produção agropecuária. Foram apresentados à FUNAI os relatórios de todas as áreas, assim como um documento manifestando a opção da comunidade indígena pelo complexo Tarumã com um total de 8.391.000 hectares. No entanto, o parecer do INCRA se posicionava contrário à compra destas terras.

Zoia (2009) relata que cansados de esperar que o governo atendesse às suas reivindicações e desiludidos com as “soluções” oferecidas, mas que nunca saíam do papel, os índios se sentiram obrigados a radicalizar a luta e partir para novos bloqueios nas rodovias federais. Somente após o vigésimo quinto protesto a FUNAI decidiu chamar as lideranças e mostrar as terras que existiam no Norte do Estado de Mato Grosso. Eram terras do Estado e poderiam ser destinadas a este grupo, caso concordassem em mudar para o Norte do Estado. “Tem mais de 400 mil hectares aqui que é do Estado e que tá na mão do INCRA”, relata Cirenio (entrevista a Zoia (2009) em 07 de agosto de 2007).

Para Milton Rondon esse dia foi realmente decisivo:

Daí de fato nesse dia resolveu a questão da terra. Fomos chamados na procuradoria e lá demos um duro no pessoal do INCRA por causa da publicação anterior no Diário Oficial, como a gente ficou muito decepcionado com o Diário Oficial. Como que publica uma coisa e depois volta atrás. Aí o próprio INCRA abriu o espaço pra nós no departamento fundiário, abriu uma tela no computador e mostrou pra nós e disse: aqui tem uma terra, tem três áreas, tem essa área lá no nortão, tem em Alta floresta, tem na gleba nhundú e aqui, aqui tem em duas região, mas nós já tínhamos a noção de que em Alta Floresta nós íamos ficar impossibilitados porque nós íamos ficar do outro lado do rio. Aí a gente viu aqui, ficava próximo a vila, pensamos no futuro, nas crianças, próximo ao acesso, então voltamos pra comunidade em Rondonópolis e repassamos pro pessoal pra aprovar nossa instalação, e na época era chuarada não dava pra gente se instalar lá na área, mas aí o INCRA prometeu dar 10 hectares pra nós fazer a vila aí o INCRA deu 30 hectares aqui, 400m X1000m, e instalamos aqui em janeiro, fevereiro, a Vila Terena (entrevista a Zoia (2009) em 03 de novembro de 2007).

Figura 3 – Mapa que indica a localização da nova área Terena. Em vermelho o Município de Peixoto de Azevedo e em amarelo, Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso



Fonte: Zoia (2009)

Quando o governo sugeriu essa área no Norte do Estado o povo Terena já estava descrente das promessas, pois haviam passado por várias fazendas na promessa de que aquela seria a sua terra; porém, logo eram retirados da área novamente e transferidos para outras fazendas, o que acabava gerando um descrédito na palavra dos representantes da FUNAI e dos governos Estadual e Federal. Por causa disso segundo relato do cacique Cirenio, uma das primeiras providências tomadas quando foi apresentada a proposta de transferência para a atual área foi a de ir verificar primeiro o local e avaliar se a área destinada era de contento do povo, se atenderia as suas necessidades. Dessa forma, a decisão de migrar para essa nova área foi precedida de visita à localidade para se certificarem que era um lugar de futuro. Em entrevista realizada em agosto de 2007, Matheus descreve como foi à chegada do grupo de Terena que fez a avaliação da terra:

Quando chegamos no rio, pernoitamos, para no outro dia a gente andar a área um pouco né, e começar a fazer uma análise pra levar pra comunidade, pra famílias nossas e dizer como era a área, se era boa, se não era [...] amanheceu agente viu que era uma área de floresta, inclusive a beira do rio, onde hoje está toda desmatada já, naquele tempo não era. O pessoal da FUNAI dizia: isso tudo é de vocês, isso aqui tudinho, entra muitos quilômetros aí dentro [...] só que começamos a andar, era ruim porque o carro não entrava, era só aquela picada, onde passava os madeireiros, já tinha rastro, vestígio de madeireiros, então a gente chegou e entrou até uma certa distância [...] o pessoal se reuniu né, a gente num dormiu a noite, a novidade, o pessoal pescando no rio né, passaram quase noite inteira acordado, alguns que dormiram que estavam

muito cansados, pescaram, comeram peixe assado, carne assada né, aí, aí falou pelo menos peixe é bom, e voltamos pra, pra comunidade. Eu lembro muito bem que quando a gente chegou na comunidade em uma certa ocasião a gente contou como era, mas aí umas quinze pessoas, cada um teve uma visão, alguns tiveram visão positiva de que a área é boa, outras já tiveram outra visão diferente, ah não é muito longe, ah vamos ficar longe de nossos parentes do Mato Grosso do Sul, e se o pessoal for pra lá nós não vamos, e aí foi o que aconteceu, algumas famílias voltaram, chegaram na liderança disseram que não queria ir lá e tal, mas não tinha outra alternativa porque a FUNAI, o governo, como se diz, tava empurrando com a barriga, então ou era pegar ou largar, porque o recurso já tava sendo disponibilizado. Diziam: se vocês pegarem vai sair um recurso X, vocês vão ganhar isso, isso e isso, toda uma infraestrutura, até ponte, eu lembro das promessas lá na beirado rio, aqui vai se cruzar uma ponte pra vocês ter acesso a aldeia dentro da reserva. Ponte essa que até hoje não saiu. (Matheus, entrevista a Zoia (2009) em 31 de agosto de 2007).

Figura 4 – Primeira visita dos Terena para avaliação da terra



Fonte: arquivo pessoal do cacique Milton Rondon/ extraído de Zoia (2009)

Após avaliação positiva os índios aceitaram a proposta, segundo Zoia (2009), desde que a FUNAI e o INCRA disponibilizassem recursos para a implantação da aldeia. Os órgãos aceitaram essa condição e em dezembro de 2002 os Terenas começam o processo de transferência e implantação da aldeia na terra conquistada.

1.4 Gleba Iriri: a terra conquistada

Após definida a área onde seria construída a nova aldeia Terena, seguiram-se os preparativos para a mudança. Contrataram alguns ônibus e os índios foram levados para a nova área.

Como tinham poucos materiais, seus pertences se resumiam a apenas algumas roupas e redes, dispostos a recomeçar a vida em outro meio social. De modo voluntário, as famílias que estavam na luta e aceitaram a transferência para a nova terra, chamada de Gleba Iriri; foram as primeiras a chegar. Algumas famílias, no entanto, que estavam nos acampamentos em Rondonópolis, voltaram ao Mato Grosso do Sul, pois consideraram a nova terra distante.

Vimos de ônibus, foi contratado ônibus, nós tínhamos caminhão já também, que a FUNAI comprou, porque quando nós aceitamos vir pra cá a FUNAI falou, não, nós vamos dar dinheiro pra vocês e aí foi rapidinho, e o ministério da justiça disse, desde que seja pra mudar daqui já foi rapidinho, 6 ônibus, 5 ônibus, caminhão, trouxe todas as coisas nossas foi rapidinho de um dia pra outro aí nós tínhamos que alugar casa, arrumar barraco, 6 meses nós moramos, nós moramos em barraco (Cirenio, entrevista a Zoia (2009) em 07 de agosto de 2007).

O relato do cacique Cirenio mostra como o processo foi rápido, relativamente fácil, e após estar devidamente instalada na nova área, cada família foi adquirindo os móveis básicos para suas casas com o dinheiro recebido da FUNAI o qual era destinado para a compra de mercadorias e também na construção das casas, o que, segundo Cirenio, ajudou muito no primeiro ano que estavam na aldeia *Kopenoty*.

Quando nós chegamos aqui foi difícil, mas também foi fácil porque na época nós recebemos um apoio da FUNAI de 1 milhão e 500 mil quando nós chegamos aqui, para compra de material, de mercadoria, compra de equipamentos e mesmo essas casa pra ser construídas, então nós vivemos na média de um ano só de comida da FUNAI, mais de um ano, um ano e pouco né, nós vivemos aí comendo aí, só sentado aí na rede, aí no acampamento(Cirenio, entrevista a Zoia (2009) em 07 de agosto de 2007)

Nos relatos dos entrevistados percebemos a dependência que eles ainda têm da FUNAI, como sendo o órgão que mantém e supre suas necessidades:

Qual era a idéia da FUNAI? A idéia era vamos levar pra lá porque lá eles vão caçar, vão pescar, lá eles vão viver tranquilo, vão esquecer de nós . Mas não, nós não vivemos mais disso, e também bicho hoje nem tem mais, e nessa época da seca vai pescar o que no rio seco? Os rios estão tudo seco! Então é uma idéia que eles [FUNAI] têm os antropólogos da FUNAI. Nós somos agricultores. Desde que os Terena vieram para o Brasil já veio direto pras fazendas, meu avô, a família dele, já veio direto pras fazendas. (Cirenio, entrevista em 07 de novembro de 2007)

O Cacique Terena relata que o apoio da FUNAI nos primeiros meses que estavam na nova área foi fundamental, pois de outra forma não teriam como se sustentar, visto que a plantação necessita de um tempo para as primeiras colheitas. Por outro lado, por receberem este auxílio da FUNAI, demoraram na busca por alternativas para se manterem e produzirem alimentos nas terras a eles destinadas. Assentados agora, numa região de floresta amazônica, encontraram muitas árvores, frutas, clima diferente do que estavam habituados, o que demanda um tempo para a adaptação e o conhecimento das potencialidades da terra. Nesse sentido, parece existir certo rancor a respeito da atuação da FUNAI, a falta de acompanhamento e incentivo ao manejo da terra.

Uma coisa que a gente pensa, que a FUNAI pensa, que o Governo pensa, é isso: não os índios a gente aplica e não tem retorno, não compensa. Isso é talvez uma idéia da FUNAI, mas na verdade hoje as áreas intactas que ta preservada são as aldeias, mas infelizmente o governo não vê dessa maneira. A FUNAI tem deixado muito a desejar, não tem participação nenhuma. (Cirenio, entrevista em 07 de novembro de 2007)

Parece haver uma relação bem contraditória entre índio e FUNAI. Ao mesmo tempo em que os índios têm na FUNAI uma parceira em suas lutas, também a acusam de abandono e a responsabilizam pelas dificuldades que enfrentam. Isaac (2004) assim descreve esta relação entre os índios Terena e a FUNAI:

A Instituição é tratada ora como algo abstrato ora como a casa do índio. Considerada por eles como sua protetora, benfeitora e provedora é constantemente acusada de não lhes dar assistência adequada. É invocada sempre que uma pessoa ou o coletivo da Comunidade necessita ou reivindica alguma coisa, mas a ela são atribuídas as causas dos infortúnios dos índios. Nas situações de conflito, o Órgão é usado como um escudo protetor que evita sanções e agressões contra indivíduos e o coletivo, mas é sempre acusada de omissão e inoperância. (ISAAC, 2004, p. 109)

Além disso, tinha-se a ideia de que tudo se resolveria com a conquista da terra. Entendiam que os acampamentos, bloqueios de BR's, negociações etc eram ações necessárias para reorganizar a aldeia.

1.5 Dez anos depois

Apesar dessa estranha relação, atualmente, dez anos após a transferência do povo Terena para a área nova, foi possível perceber a felicidade de seus membros com a conquista. Agora nas novas aldeias, se tornou possível reestruturar a vida em comunidade. As práticas culturais foram resgatadas através da escola. É o que os pesquisadores Zoia, Pasuch e Peripolli (2013) constataram, em recente artigo, eles analisam o período de dez anos desde a conquista da terra. Ainda

segundo os pesquisadores, o que diferencia a situação anterior da atual é que lá no Mato Grosso do Sul o crescimento das famílias e dos filhos demandava necessidades que não podiam ser atendida pelo trabalho e pelas condições do espaço em que viviam. Já a nova terra, na Gleba do rio Iriri, possibilita uma condição de vida e de sustentabilidade para todo o povo, pois nessa nova terra pode-se plantar, colher, caçar, pescar, enfim, garantir a sustentabilidade do povo a partir do seu trabalho.

Para conseguir o básico para sua sobrevivência, os Terena enfrentaram uma grande batalha para reconquistar seu espaço, remontando os tempos da guerra de onde se originaram, lutaram por melhores condições de vida. O principal motivo da saída desse grupo do Mato Grosso do Sul para o Mato Grosso foi a questão econômica. Segundo Zoia, Pasuch e Peripolli (2013) “melhorou com a possibilidade de produção de uma agricultura básica e produzindo inclusive excedentes, essa preocupação cede espaço para outras necessidades” (ZOIA; PASUCH; PERIPOLLI, 2013, p. 10). O impasse que existia sobre a demarcação de terra, que mesmo a realocação do povo não tinha sido efetuada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), foi resolvida parcialmente. Zoia, Pasuch e Peripolli (2013) afirmam que apenas metade da área destinada aos índios foi, de fato, demarcada. A primeira aldeia foi instalada em uma área de 30 hectares, distante da Gleba Iriri, local onde seriam construídas as novas aldeias Terena e onde, principalmente a partir do ano de 2007 iniciou-se a plantação de alguns produtos que viram a colaborar com suas necessidades, taic como mandioca, melancia, banana, abobora, arroz, algumas árvores frutíferas, dentre outros produtos que contribuíam para subsistência.

A adaptação foi lenta e difícil, pois o ecossistema de cerrado no qual estavam acostumados a trabalhar e viver era diferente. Faltavam conhecimento e ferramentas básicas; as madeiras que encontravam na floresta não eram conhecidas por esse povo. No entanto, com o tempo houve o aprendizado:

Com os novos conhecimentos, e com o trabalho de coleta de sementes, passamos a fazer artesanato. Estamos trabalhando com a revitalização da nossa cultura, e também na diversificação do plantio de outros tipos de sementes, variedades de mandioca, banana, cará e outros produtos que ajudam na alimentação do

povo (Matheus, conversa com Zoia; Pasuch; Peripolli (2013) no dia 19 de abril de 2013).

Zoia, Pasuch e Peripolli (2013) consideram que o novo espaço destinado aos Terena caracteriza uma grande conquista, principalmente com relação à questão econômica, onde passaram a plantar e atualmente podem ter uma fonte segura de subsistência. “Já conseguem produzir muitos alimentos para o consumo próprio. Com a possibilidade de plantar, colher, caçar, pescar e viver seus rituais característicos da cultura terena, o sentido de autonomia passa a fazer parte de suas vidas” (ZOIA; PASUCH; PERIPOLLI, 2013, p. 18).

Com relação à questão cultural, no processo migratório muito se perdeu. A necessidade de estarem inseridos em outra cultura sem poder, de fato, exercer a sua, fez com que se submetessem a outros modos de viver suas práticas. Zoia, Pasuch e Peripolli (2013) alertam que mesmo depois de tanto tempo, os problemas ligados a saúde, identificados anos atrás permanecem, principalmente no que diz respeito a saneamento básico e tratamento da água. Além de questões ambientais que pressionam a demarcação da terra e trazem insegurança aos indígenas. “Existe uma pressão de empresas grandes, multinacionais, que fazem propostas para a exploração da área indígena, exploração de madeira e também de minérios, e os indígenas reclamam que não estão sabendo lidar com esta situação” (ZOIA; PASUCH; PERIPOLLI, 2013, p. 24) Em conversa com o índio Terena Matheus, ele relata essa situação:

Existe ainda muita madeira grande na reserva. É uma área intacta, então, tem muita madeira. Também possui minério na área e a pressão está realmente grande. Contamos com nossas lideranças para resistir, mas sabemos que é difícil e acreditamos que nem a Funai conseguirá segurar isso (Matheus, conversa com Zoia; Pasuch; Peripolli (2013) no dia 19 de abril de 2013).

A relação com os povos vizinhos, os Panará e os Caiapó, que na chegada na nova terra haviam tido alguns atritos, com o passar dos anos a relação foi mudando e hoje os Terena tem ajudado muito os povos vizinho, principalmente com relação ao atendimento educacional. Muitos alunos Caiapó frequentam as aulas na escola Terena e também tem professores Terena que trabalham na escola Caiapó. A troca de informações e o convívio têm se fortalecido. Segundo Zoia, Pasuch e Peripolli (2013) “é comum encontrar índios de outras etnias dentro das

aldeias dos Terena, produzindo e participando” (ZOIA; PASUCH; PERIPOLLI, 2013, p. 27).

Estar num espaço deles e poder finalmente ter uma vida comunitária, criar seus filhos com um pouco mais de tranquilidade e dignidade. Este foi o momento em que as transformações começaram a se apresentar, um povo que se reorganizou e deu os primeiros passos enquanto nova nação. Ainda é recente a história dos Terena no Norte de Mato Grosso e resultados mais expressivos só serão possíveis perceber daqui a alguns anos. O Cacique Milton Rondon, em entrevista, há alguns anos, já expressava esse sentimento:

Hoje o pessoal tá aqui, cada um nos seus barracos, estão dignos, tem escola construída, igreja, posto de saúde, acredito que está todo mundo feliz, estão indo pra terra, estão fazendo um trabalho produtivo lá, e quem tá mais feliz com tudo isso sou eu que estou vendo todo mundo digno e contente, fruto da nossa luta, e hoje está aí! Os meninos fazendo faculdade, tanto o meu filho como o genro, um outro sobrinho fazendo enfermagem, outra trabalhando na saúde, a maioria do pessoal nosso tá encaminhado, a felicidade é grande, já a missão ta cumprida. (Milton Rondon, entrevista a Zoia (2009) em 03 de novembro de 2007)

Nesta etapa da trajetória Terena, parte da luta foi vencida, mas a preocupação com a manutenção da aldeia, quanto à estrutura permanece. Os Terena estão conscientes que ainda falta muito para se chegar ao ideal de aldeia que querem e que ainda terão muito que lutar, pois, segundo o Cacique Milton Rondon, só a conquista completa poderá trazer paz e dignidade para a história do seu povo.

Nos dias atuais, a organização da aldeia já se encontra bastante alterada do que tradicionalmente existia. Tiveram que se adaptar e buscar novas formas de viverem. Essas alterações foram frutos da proximidade da aldeia com as periferias das cidades que influenciaram no modo de sobrevivência. Hoje, segundo Zoia; Pasuch; Peripolli (2013) há um esclarecimento bem maior, não só dos Caciques, mas também de toda a comunidade e, com isso, o índio começou a perceber a necessidade de lutar para conquistar os seus espaços. E apesar da luta para conseguir a terra ter chegado ao fim, são constantes as lutas para se manterem nela. Pode-se perceber no conjunto desses fragmentos de

entrevistas que tudo o que foi conquistado por esse grupo foi resultado de um processo de luta, reivindicações e cobranças. Porém, ainda faltam muitas coisas na aldeia e os Terena estão dispostos a continuar lutando pelos seus direitos e por essas razões ainda são vistos na mídia conflitos, bloqueios de estradas e mortes relacionados aos índios da etnia Terena. Aparecem apenas quando protestam, por que ao protestar incomodam e, por consequência, na visão do não índio, atrapalham a sociedade.

CAPÍTULO II

DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O contexto histórico em que se discutem os novos conceitos de Representação e de Social faz parte de um difícil caminho trilhado por historiadores, filósofos, sociólogos, entre outros estudiosos, que se debruçaram sobre o tema. Ao longo do tempo, desenvolveram abordagens teórico-metodológicas, que dotam o conceito de um aspecto dinâmico, modificando-o e recriando-o. Por conta dessa dinamicidade, as noções de Representação e de Social recebem críticas e contraposições, exigindo a descrição de um percurso histórico e teórico que permita compreender o funcionamento deste conceito no âmbito da pesquisa em Jornalismo e Ciência Social aplicada.

Sendo assim, busca-se, nesta parte, compreender, do ponto de vista epistemológico, tais conceitos, de modo a refletir a respeito da noção de representação social, definição fundamental para esta pesquisa.

2.1 Do conceito

Em 1960, Serge Moscovici, no livro *La psychanalyse, son image et son public*, elabora a teoria da Representação Social, o pesquisador mostra a maneira como a sociedade parisiense utiliza-se de conceitos psicanalíticos para explicar o seu próprio modo de funcionamento. O livro investiga os processos pelos quais as pessoas, em seu ambiente social, categorizam elementos do seu cotidiano e sobre como se estrutura a vida em sociedade, a partir das representações.

Moscovici (1976) explica que as representações sociais podem ser estudadas e interpretadas “como um conteúdo global, cujas dimensões (informações, valores, opiniões) são coordenadas por um princípio organizador (atitude, normas), estruturas de conhecimento que organizam o conjunto dos significados relacionados com o objeto” (MOSCOVICI, 1976, p. 82).

Para desenvolver essa teoria, Moscovici se inspira na Teoria das Representações Coletivas, elaborada pelo sociólogo Émile Durkheim (1989), na obra “As formas elementares da vida religiosa”, para fundamentar sua teoria. A partir de então, Moscovici (1976) conceitua que as representações coletivas partem de interações sociais e não de um processo unicamente psíquico. Em Durkheim, (1993, p. 498), as

representações se referem a crenças que buscam explicar os mitos, a ciência, o tempo e o espaço como conhecimentos pertencentes à sociedade, ou seja, como a sociedade organiza a sua realidade a partir daquilo que conhece, experimenta e prática.

Durkheim (1993, p. 518) explica que as representações coletivas são “[...] produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo, para fazê-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram e combinaram suas ideias e sentimentos; longas séries de gerações acumularam aqui sua experiência e saber” considerando que se trata de tradições, lendas e mitos, que possuem autonomia e não depende do sujeito. Berger e Luckmann (1995) desenvolveram estudos que tratam o conhecimento de modo prático na sociedade e foram além, estudando também os processos pelos quais essa bagagem de conhecimento sobre o outro e o mundo ao seu redor se estabelece como realidade. Para os autores, o social no cotidiano é interpretado de modo subjetivo e vai se tornando realidade à medida que vai sendo partilhado.

Citando Durkheim (1993), Moscovici (2001) reforça que as representações coletivas possuem um caráter estável de reprodução; e as individuais, características efêmeras. Acerca disso, posiciona o pensamento de Durkheim:

Se é comum é porque é óbvia da comunidade. Já que não é marca de nenhuma inteligência particular, é porque é elaborada por uma inteligência única, onde todas as outras se reúnem e vêm de certa forma, alimentar-se. Se ele tem mais estabilidade que as sensações ou as imagens é porque as representações coletivas são mais estáveis que as individuais, pois, enquanto o indivíduo é sensível até mesmo a pequenas mudanças que se produzem em seu meio interno ou externo, só eventos suficientemente graves conseguem afetar o equilíbrio mental da sociedade. (MOSCOVICI, 2001, p. 48).

Assim, segundo Moscovici (2001), Durkheim (1993) possuía uma perspectiva estática do que seriam as representações. E explica que este pensamento era coerente para os estudos antigos, que privilegiavam sociedades primitivas, com pouca mudança social, mas que já não atendiam às atuais sociedades complexas, cheias de dinâmicas e em constante evolução.

Moscovici (2003), ao pensar diferente de Durkheim (1993), direcionou seu interesse para as representações mais instáveis, mais plurais dentro da sociedade, observando suas estruturas e dinâmicas. Para o autor, as representações sociais que lhe interessam são diferentes das de Durkheim (1993):

Não são nem as das sociedades primitivas, nem as suas sobreviventes, no subsolo de nossa cultura, dos tempos pré-históricos. São as de nossa sociedade atual, de nosso solo político, científico, humano, que nem sempre têm tempo suficiente para se sedimentar completamente para se tornarem tradições imutáveis. (MOSCOVICI, 2003, p. 48)

De forma sintetizada, Sá (1993) explica a diferença entre Representação Coletiva e Representação Social da seguinte maneira:

[...] o conceito durkheimiano é sociológico, compreende uma grande quantidade de formas de conhecimento, são entendidas como entidades explicativas e muito estáticas; o conceito de Moscovici é psicossociológico, se preocupa com as questões contemporâneas, crê que são fenômenos que deve ser explicados através do estudo de sua estrutura e mecanismos internos e possuem plasticidade, circulação e mobilidades. (SÁ, 1993, p. 43).

Moscovici (2001) afirma que, ao se propor estudar as representações sociais, é necessário olhá-las como algo vivo, dinâmico, que está ligado na interação entre o sujeito e a sociedade na qual ele está inserido, “numa troca constante entre a produção e reprodução de conceitos, símbolos e imagens se fazem presentes, já que para se comunicar em grupo as pessoas precisam de um sistema de entendimento comum, (conceitos e ideais) que possui um significado particular determinado, assim as palavras se tornam fáceis de compreender, com um significado especial no social” (MOSCOVICI, 2001, p. 43). E, com esse suporte, o indivíduo se apropria da realidade, criando um saber cotidiano (senso-comum) que, segundo o autor, é indispensável para vida.

A Teoria da Representação Social entende que o indivíduo não é apenas um receptor de informações, mas também um produtor que dá sentido a elas dentro do seu mundo. E isso é parte do que Moscovici denomina como paradigma da sociedade pensante, e nesse ponto ele questiona as teorias que idealizam os atores sociais apenas como um ser que processa informações, “[...] sustenta-se que os sujeitos, como regra, não pensam, ou produzem nada de original por si mesmos: eles reproduzem, e em contrapartida, são reproduzidos. “(MOSCOVICI, 2003, p. 45). O autor rejeita uma interpretação exclusivamente sociológica da sociedade, como também rejeita uma visão exclusivamente psicológica, para ele, o sujeito participa ativamente da construção da história do seu grupo social, e não apenas como espectador. Ainda segundo o autor, as representações que se formam na sociedade têm repercussão em seu comportamento, nas atitudes e nos modos de agir, pois formam estruturas individuais de conhecimentos que informam e orientam os membros de um grupo social, em determinado tempo e espaço (MOSCOVICI, 2003, p. 47).

Para Moscovici (2001, p. 46), é na ação, nas trocas e interações entre os sujeitos e os grupos que a representação social ganha forma. De acordo com Sá (1996), é neste ponto que o pensamento de Moscovici se diferencia do de Durkheim, pois o autor enfatiza a relação entre o indivíduo e a sociedade:

Alerta que a linha que distingue um do outro é muito próxima e não há como definir onde começa um e termina outro. Ou seja, um está inserido no outro, e ambos atuam na construção da realidade. As representações sociais têm um papel preponderante na mediação entre o individual e o social, cumprindo importantes funções. (SÁ, 1993, p. 98).

Portanto, as representações sociais se baseiam em conceitos e outras teorias para, com elas, cooperar e mediar as relações.

Ao longo do livro, ao expor suas ideias a respeito da teoria, Moscovici (2003) deixa clara qual é a sua intenção quando se propõe a estudar as representações sociais: “quando estudamos representações sociais nós estudamos o ser humano, enquanto ele faz pergunta e procura respostas ou pensa e não enquanto ele processa informação, ou se comporta. Mais precisamente, enquanto seu objetivo não é comportar-se, mas compreender”. (MOSCOVICI, 2003, p. 43).

Partindo das proposições de Moscovici, no entanto, outros autores aprofundaram e desdobraram o tema das representações sociais: os psicólogos Jean-Claude Abric (2000) e Willem Doise (1993) como também a filósofa Denise Jodelet (2001), todos eles considerados discípulos de Moscovici, pois conviveram e foram por ele orientados.

Esses autores têm em comum a base da Teoria das Representações Sociais, mas a partir dela desenvolveram outras propostas teóricas. Abric (2000), por exemplo, dá ênfase à dimensão cognitivo-estrutural conhecida como Teoria do Núcleo Central. Willem Doise (1990) centra-se nas condições de produção e circulação das representações sociais e Denise Jodelet (2001) segue um viés antropológico, focando nos processos que criam e mantêm as representações, cuja proposta tem sido mais difundida ao longo dos anos.

A Teoria do Núcleo Central, como o próprio nome já diz, considera que a representação social passa a existir em torno de um núcleo com divisões e subdivisões específicas. O que é consensual é definido e, a partir desse consenso, são organizados outros fatores. Esses fatores são abstratos e é parte das cognições que criam e fortalecem uma representação, ou seja, sistemas centrais iguais tendem a construir representações iguais e, quando diferentes, geram representações diferentes (ABRIC, 1998).

Sá (1996) explica que “o sistema central busca a estabilidade, e quando instável as mudanças nas representações são constantes. No sistema periférico, a instabilidade e as mudanças são rotineiras e até necessárias, por meio delas acontece a adaptação ao cotidiano” (SÁ, 1996, p. 108). Funcionam como mecanismos responsáveis por guiar as práticas sociais.

Já Willem Doise focou seus estudos na “idéia que a Psicologia Social deveria, antes de tudo, buscar 'conectar o individual e o coletivo', estudar as *relações* entre os grupos e os indivíduos, de enfatizar e empiricamente colocar em relevo a influência de fatores sociais” (SÁ, 1996, p. 112).

Doise (1993) afirma que Moscovici apresenta uma “teoria das representações sociais que não é somente heurísticamente útil para analisar complexos fenômenos sociais, mas também capaz de reorganizar teoricamente tradicionais campos de estudo na Psicologia Social” (DOISE, 1993, p.161).

Como criador da teoria, Moscovici pensa em importantes conceitos que orientam, de modo geral, uma estrutura onde se pode analisar com detalhes o processo de construção das representações

sociais, mas, como Doise (1993) afirma, Moscovici não tem a pretensão de esgotar todas as possibilidades teóricas que este campo de estudo suscita.

Com efeito, a teoria das representações sociais pode ser considerada como uma grande teoria, grande no sentido de que sua finalidade é a de propor conceitos de base [...] que devem atrair a atenção dos pesquisadores sobre um conjunto de dinâmicas particulares e suscitar, assim, estudos mais detalhados sobre os múltiplos processos específicos (DOISE, 1993, p. 172).

E complementa dizendo que: “representações sociais são princípios geradores de tomadas de posição ligadas a inserções específicas em um conjunto de relações sociais e que organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações” (DOISE, 1993, p.173). O autor privilegia a ótica sociológica, procurando entender que relações sociais condicionam as representações.

Resumindo, Abric (1998) explora a abordagem estrutural, Doise (1993) empreende um estudo sobre a abordagem psicossocial e Jodelet (2001) propõe a abordagem processual, desenvolvida a partir da pesquisa sobre *Loucura e Representação Social* e pela qual se interessa esta pesquisa.

Optou-se pela perspectiva teórica da abordagem processual realizada por Denise Jodelet porque centra-se nos aspectos histórico-etnográficos, com o apoio metodológico da análise de conteúdo aliada a outras técnicas, na busca da origem das representações sociais, considerando o contexto no qual tais representações foram produzidas, como o local, as interações sociais, o período, os argumentos, etc. Esta proposta, que será detalhada mais à frente, busca reforçar a importância de se tratar as representações sociais como processos e não somente como reproduções, para, assim, compreender como elas surgem e se mantêm em nosso cotidiano.

Em sua proposta teórica, Moscovici (1978) aponta a dificuldade de conceituar, naquela época, o que seriam as representações sociais e admite isso ao explicar que, “se, por um lado, o fenômeno é passível de observação e de identificação, por outro, o conceito, dada a sua complexidade, demanda uma maior ”maturidade” e desenvolvimento do próprio postulado teórico das representações sociais para que haja uma definição do mesmo” (Moscovici, 1978, p. 189).

Coube a Denise Jodelet definir, com mais precisão, o que seriam as representações sociais:

[...] modalidade de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, com o objetivo prático que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber do senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido a sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais (JODELET, 2001, p. 22).

Ainda segundo Jodelet (2001), a Teoria das Representações Sociais tem o senso comum como seu foco de estudo, procurando legitimar o conhecimento produzido no cotidiano. De acordo com a autora, “ignorar o senso comum por ser um conhecimento diferente do que a sociedade tem cultuado nos últimos dois, três séculos é instaurar uma lacuna permanente na história do conhecimento e na realidade” (JODELET, 2001, p. 24). As representações comandariam as relações dos indivíduos uns com os outros e com o mundo ao seu redor, por vezes partilhando, discordando, construindo ideias e, a partir daí, gerando a compreensão do mundo. Mas, como se observou anteriormente, o diálogo e as interações acontecem dentro de um grupo social, há constante troca que, por fazer parte da comunicação, é propícia a falhas.

Assim, Jodelet (2001) afirma que “uma das razões que levaram Moscovici a reestabelecer o uso da noção de representação foi a reação contra a insuficiência de conceitos da psicologia social, a limitação de seus objetos e paradigmas” (JODELET, 2001, p. 25). Segundo a autora, a psicologia social, na época, tinha posturas extremas, com dois lados bem definidos: um deles focava no social e nos aspectos individuais, como barreiras a serem superadas, já o outro buscava explicações nos processos cognitivos. O que o conceito de Representação Social oferece de novo para este campo é que, neste caso, o sujeito e o social não estão em disputa, mas sim em uma relação de trocas e complementações.

2.2 Abordagem processual – funções e estruturas

Para explicar como ocorre a representação social, Moscovici (2003) identifica dois mecanismos que a originam: a objetivação e a ancoragem. O autor define ancoragem como “o ato de classificar e dar nome a alguma coisa” (MOSCOVICI, 2003, p. 61). Neste evento, acontece a integração do desconhecido a um contexto familiar, enquadrando tal objeto em uma categoria de representação pré-existente. Ao passar por esse processo, o novo objeto é adequado a um esquema antigo e, ao fazer isso, renova este esquema, pois age alterando outras representações. Denise Jodelet (2001) adota esses dois mecanismos como base para desenvolver a abordagem processual, detalhando as estruturas, além de explicar o funcionamento deles na formação das representações, propondo que o ato de representar surge pela necessidade do homem de estar informado sobre aquilo que o cerca e, a partir daí, decidir como se posicionar nas diversas situações com as quais se depara, dando sentido a sua vida cotidiana. A autora detalha que:

Frente ao mundo de objetos, pessoas, acontecimentos ou ideias, não agimos de modo automático, nem estamos isolados num vazio social: partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelos conflitos, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. (JODELET, 2001, p. 18).

Assim, Jodelet (2001, p. 29), ao tratar desses mecanismos está enfatizando a subjetividade e os processos que envolvem a construção de uma representação. A inter-relação entre os sujeitos é imprescindível para que se elaborem e se troquem saberes entre eles e essa relação deve ser estudada observando-se a articulação entre os diversos elementos presentes (sentimentais, cognitivos, psíquicos e sociais), que se legitimam pela linguagem e, por consequência, pela comunicação.

A essência da abordagem processual defendida por Jodelet busca um estudo global que compreenda, como o nome já diz, os processos pelos quais os indivíduos constroem, mantêm ou modificam sua visão de mundo.

Na *Objetivação*, o processo visa organizar os elementos de uma representação, tornando-os mais concretos, facilitando, assim, o

entendimento e a assimilação no esquema cognitivo. De acordo com Jodelet (2001), a objetivação é subdividida em três fases: a construção seletiva, a esquematização e a naturalização.

Na *Construção Seletiva* ocorre o processo de apropriação das informações, características e saberes sobre um determinado objeto pelo sujeito. Entretanto, nem todos os elementos deste objeto são utilizados na representação, eles são selecionados de acordo com critérios normativos e condicionantes culturais de determinada sociedade.

A representação impõe ao objeto uma redução com o objetivo de torná-la mais precisa, melhorando a comunicação entre os grupos. No entanto, ao fazer isso, acentuam-se alguns elementos e outros são esquecidos e, assim, surgem defasagens que podem prejudicar a compreensão. A Representação Social, portanto, não deve ser simplificada, ela é uma estrutura que pode ser avaliada e explicada; e isso revela muito sobre quem produz tal representação.

Já a *Esquematização* é responsável por organizar os elementos que estruturam a representação, conectando conceitos e imagens, permitindo a materialização da mesma.

E a *Naturalização*, como o próprio nome diz, nela, os conceitos se naturalizam. Se antes o abstrato se tornava concreto, aqui o que era percepção é entendido como realidade.

Segundo Vala (2002), “[...], a defesa dos valores sociais passa pela naturalização enquanto categorias descritivas da natureza humana [...]” (VALA, 2002, p. 467). Portanto, elementos sociais ligados à identidade, como nacionalidade, cor, classe etc., se naturalizam. Quando se classifica algum objeto, insere-se nele um “conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é, ou não é permitido, em relação a todos os indivíduos pertencentes a essa classe” (MOSCOVICI, 2003, p. 63). O autor esclarece que o processo de ancoragem funciona como um regulador das relações sociais, e os objetos que não conseguem uma classificação são considerados como ameaçadores. As classificações, entretanto, não ocorrem de maneira aleatória e muito menos neutra. Moscovici (2003), explica:

[...] são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para

outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas e partir do que já é conhecido (MOSCOVICI, 2003, p.78).

Vala (1997) complementa: “São processos através dos quais os indivíduos em interação social constroem teorias sobre objetos sociais, que tornam viável a comunicação e a organização dos comportamentos” (VALA, 1997, p. 353).

Nesse sentido, é necessário compreender que mecanismos, elementos, objetos, ideologias, etc., estão presentes na escolha de determinada representação, o que demanda atenção e cuidado. E por essa dificuldade, de se identificar com precisão que elementos estão presentes na construção de uma representação, é que Sá (1998) alerta para as complexidades de se estudar as representações sociais, pois embora a importância destes dois mecanismos, a ancoragem e a objetivação, seja inquestionável, a ancoragem exigiria uma pesquisa histórica profunda, buscando encontrar fontes confiáveis de informação.

Portanto, para que existam as representações, o grupo que as cria precisa possuir uma relação com o objeto representado, estabelecendo alguns *critérios* para isso, descritos por Moscovici (2003), como sendo, por exemplo, relevância, proximidade, valor, etc. Segundo Wagner (2004), além desses critérios elencados por Moscovici, existem outros que fazem parte do processo para que ocorra a representação social, como abaixo explicitado.

O *Critério do Consenso Funcional* – Jodelet (2001) afirma que as representações sociais são partilhadas pelos membros de um grupo e constroem uma realidade consensual para este. Wagner (2004) contesta essa afirmação com base em autores que criticam esse pensamento, pois, segundo eles, participação e consenso não estão garantidos. Explicam que ocorreria, em princípio, um consenso apenas numérico porque seria impossível uma representação ser partilhada por todo o grupo ao mesmo tempo. Contudo, deixam claro: para que a representação social aconteça, o aspecto funcional deve estar presente, ou seja, precisa existir a organização e a ideia de grupo. Outro seria o *Critério de Prática* – A ação e o pensamento não podem ser dissociados. Para Wagner (2004), a representação social vai além de uma imagem estática de um objeto; ela engloba o comportamento e a prática social destes grupos. Logo, o discurso e o comportamento social são epistemologicamente equivalentes.

Vala (2002) enumera outros três fatores que, associados a critérios anteriores, influenciam na *construção* de uma representação social: *A dispersão da informação* – Dependendo do grupo social, a informação circula de modo diferente, procurando se adequar às necessidades destes. Desse modo, ocorrem falhas quantitativas e qualitativas entre o que é conhecido e o que se necessita conhecer para entender o objeto. *A focalização* – alguns parâmetros sejam eles ideológicos, profissionais, educacionais ou sociais, fazem com que os grupos sociais se foquem em apenas uma parte do objeto, deixando de observar com mais atenção outros aspectos. *A pressão à inferência* – Por falta de informação, quando surge uma nova representação, o grupo social precisa se posicionar com relação a ele e, assim, rapidamente se cria um conceito para que sirva de referência para o grupo.

Wagner (2004) adverte que “a representação social como processo só pode ocorrer em grupos e sociedades onde o discurso social inclui a comunicação tanto de pontos de vista compartilhados, quanto divergentes sobre muitos assuntos” (WAGNER, 2004, p. 10).

Já segundo Abric (2000, p. 28), as representações possuem quatro *funções*: *Função de saber* – As representações sociais permitem apreender e explicar a realidade. Este saber fornece aos sujeitos elementos cognitivos para lidar com as situações cotidianas. *Função identitária* – O compartilhamento das representações por um grupo cria um laço, que gera identificação com outros integrantes do grupo como seus iguais e isto define uma identidade que situa o indivíduo dentro de uma sociedade. *Função de orientação* – Ela serve como um guia para as ações, refletindo sobre as normas sociais e definindo o que é aceitável, tolerável e inaceitável em um determinado contexto social. *Função justificadora* – Esta função ocorre após a realização de uma ação, permitindo justificar as posições tomadas e os comportamentos, além de preservar a diferenciação social podendo estereotipar as relações entre os grupos, colaborando para a discriminação ou para a conservação da distância social entre eles. Portanto, observa-se, nestes casos, a Representação Social acontecendo a partir de um processo:

Figura 5 - Imagem que mostra o caminho para a existência da representação social



Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

Para Jodelet (2001), a representação é uma reconstrução do objeto, que expressa o sujeito, suas necessidades e interesses. E Jovchelovitch (2004) alerta para o perigo da hiperrepresentação, termo usado por ela para denominar as representações que não representam o objeto fielmente, mas que confundem, mentem e distorcem suas características. Segundo a autora, este aspecto do processo representacional é decisivo tanto na dimensão criativa e positiva como na dimensão negativa e degradante da representação. Nas sociedades em geral, as representações distorcidas são amplamente usadas por vários grupos sociais a fim de que determinada ideia seja disseminada a favor ou contra determinado grupo social.

Todos os conceitos trabalhados por Jodelet (2001) Doise (1993) e Abric (2000) até o momento dão ênfase ao fato de que as representações sociais são “socialmente elaboradas e coletivamente compartilhadas” e, ao que parece, concretizam-se a partir de três pontos:

- ✓ O domínio do mundo - que permite ao indivíduo situar-se e ter controle de mundo no ambiente onde está inserido;
- ✓ A comunicação – que oferece ferramentas, como linguagens, códigos e índices para se nomear e classificar o mundo;
- ✓ A construção e a (re) construção da realidade – que surge da dinâmica entre o que é comunicado e o que é representado, e possibilita, assim, a construção de realidades a partir de interações cotidianas.

Portanto, as interações sociais são responsáveis por criar e manter o senso comum, no cotidiano das sociedades, orientando o modo de agir e pensar dos indivíduos. Jodelet (2001) analisa de que modo ocorre a produção e circulação das representações sociais, constituído de saber prático e socialmente construído e como visto até o momento, isso se dá pela interação entre os indivíduos que partilham dos mesmos símbolos linguísticos e das mesmas práticas sociais.

Assim, as representações sociais funcionam como formas de perceber e interpretar o mundo e ganham força pela relação dos indivíduos com os acontecimentos à sua volta. E, aqui, a comunicação social e o jornalismo, bem como outros agentes presentes na sociedade, atuam para que, assim, ocorra a transformação do cotidiano.

Para compreender como o jornalismo, seus suportes e linguagens constroem e reconstroem as representações sociais dos índios na

sociedade, é importante, nesse momento, tratar da própria representação do social no jornalismo e, logo depois, das representações sociais do índio que circulam de modo amplo na sociedade brasileira, uma vez que o telejornalismo irá justamente se apropriar dessas representações, em geral, para reforçá-las.

2.3 A representação do social no jornalismo

O jornalismo é um dos meios pelos quais as pessoas são atualizadas e informadas sobre a política, economia, saúde, educação, entre outros temas que as afetam diretamente, mostrando-lhes determinadas realidades. E tal realidade presente em comentários, notícias ou programas dos mais diversos é que tende a favorecer a sua compreensão do mundo.

Motta (2005) enfatiza que “são as notícias que tornam o complexo e desordenado mundo no qual vivemos menos caótico para cada um de nós, que nos ajudam a selecionar, priorizar, organizar e, compreender e ordenar os acontecimentos da nossa realidade imediata” (MOTTA, 2005, p. 2). A função do jornalismo é informar, e ao fazer isso através das notícias, produz representações, que podem ser tanto resultado de interpretações particulares (do repórter, da câmera, ou edição), quanto por imposição dos meios de comunicação (linha editorial, interesses maiores).

Essa realidade é apreendida num fluxo contínuo que vai se fixando à medida que se torna frequente, torna-se um hábito e sai do âmbito da novidade. É o que Jodelet definia como a naturalização, quando os conceitos se tornam comuns. Se antes o abstrato se tornava concreto; neste processo, o que era percepção, é entendido como realidade.

A partir de determinadas técnicas ou regras de produção dos diferentes veículos, há formas distintas de apreensão dessa representação do social, mas é importante dizer que o jornalismo não vai se representar ou fazer representar uma sociedade que não existe, porque ela precisa dessa referência entre o real e aquilo que ela apresenta para se legitimar enquanto meio, enquanto função social.

É inegável que o ato de se comunicar é indispensável à vida humana. Desde ações simples até as mais complexas do dia a dia, o que se comunica e como se comunica determina o sucesso ou não da ação desejada; e o jornalismo, com todas as suas ferramentas, tem alterado os modos desse comunicar e criado novas formas de interação entre os indivíduos. Essas novas formas de se relacionar geram novas ações que

individualmente influenciam no coletivo. Como apresentado anteriormente, quando um código novo é inserido, ele não só renova o existente, mas também o revalida, produzindo novas percepções, atitudes e comportamentos.

No universo da mídia e todo seu aparato, o modo de se informar através do jornalismo ocupa um espaço de destaque na formação e difusão de opiniões dentro das esferas públicas e privadas, contribuindo para disseminar novas ações. No entanto, de modo geral, há uma contínua exclusão das minorias sociais nesse espaço, embora, apesar de gradativamente e em momentos específicos elas apareçam.

No século XIX, os avanços tecnológicos advindos da Revolução Industrial, o êxodo do campo para as zonas urbanas, aliado a um baixo índice de alfabetismo foram fatores que contribuíram para que a comunicação passasse a se organizar nos moldes como a conhecemos hoje, como uma empresa. E, por consequência, tornou-se um meio com bases sólidas para a disseminação de ideias, como aponta Thompson (2008, p. 117). Segundo Mattelart (2002), é nesse período que a comunicação assume um papel informativo, passando a “civilizar” a população. Com esse status, ora fazendo o papel de empresa, ora fazendo o papel de meio esclarecedor, os meios de comunicação foram se livrando da censura governamental, opinando e influenciando em decisões importantes; expedientes importantes que fizeram surgir o direito à liberdade de imprensa (MATTELART, 2002, p. 110).

No século XX, o jornalismo, nos moldes de empresa, se fortalece economicamente e passa a atuar com mais ênfase na sociedade. Com a liberdade de imprensa, ele passa a comercializar não só as informações, mas também bens e serviços, com maior intensidade, a publicidade. As tecnologias como telefone, rádio, televisão e, posteriormente, a internet desenvolveram-se ainda mais e colaboraram para a formação de grandes conglomerados de mídias como se conhece hoje (THOMPSON, 2008, p. 134). Assim, como define Thompson (2008), essa forma de comunicação “se tornou o canal mais importante para a circulação de informação de vários tipos, e toda tentativa de repensar a natureza e o papel da ideologia nas sociedades modernas deve prestar uma atenção total a esse desenvolvimento” (THOMPSON, 2008, p. 135). À medida que cresciam em importância e autonomia perante o controle do Estado, muitas dessas instituições tornaram-se prisioneiras de um processo que resultou de um grau nunca imaginado de concentração – tanto de recursos como de poder – dentro do campo privado. E isso se tornou tão marcante e evidente que “a teoria liberal tradicional da livre imprensa, vista como um veículo da expressão livre dos diferentes pensamentos e

opiniões assume um valor limitado” (THOMPSON, 2007, p. 327). Ainda segundo Thompson (2007), existem processos de representação criados e recriados pela indústria cultural:

Os produtos da indústria cultural se apresentam como um reflexo direto, ou uma reprodução, da realidade empírica, e, devido a esse “pseudo-realismo”, normatizam o status quo e suprimem a reflexão crítica da ordem social e política. O que as pessoas lêem, vêem e ouvem é algo familiar e banal, e nessa esfera simbólica de familiaridade repetitiva é inserida uma cadeia de slogans aparentemente inocentes – “todos os estrangeiros são suspeitos”, “uma garota linda não pode fazer essas coisas erradas”, “o sucesso é a finalidade última da vida” – que se apresentam como representações verdades autoevidentes e eternas. (THOMPSON, 2007, p. 133).

Diariamente, o jornalismo oferece ao público informações que chegam das mais variadas formas. São tantas que, muitas vezes, “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentido que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós” (ORLANDI, 2001, p. 20).

Assim, entende-se que as palavras que compõem o conteúdo jornalístico, possuem cargas ideológicas, muitas vezes, despercebidas, por estarem constantemente presentes no senso comum. Fairclough (2001) entende “que as ideologias são significações/construções da realidade [...] que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117). Ainda segundo o autor:

Não se deve pressupor que as pessoas têm consciência das dimensões ideológicas de sua própria prática. As ideologias construídas nas convenções podem ser mais ou menos naturalizadas e automatizadas, e as pessoas podem achar difícil compreender que suas práticas normais poderiam ter investimentos ideológicos específicos. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 120).

Os meios de comunicação possuem extrema importância para a representação do social. Cremilda Medina explica que o ideal seria que o modo de ação do jornalismo, através das notícias, não perdesse o foco no contexto, que se observasse o espaço e o tempo dos acontecimentos levando em conta o antes, o durante e o depois (MEDINA, 1996, p. 10). Segundo Medina (1996), agir desse modo seria importante para o bom jornalismo, pois sairia do plano superficial de apenas relatar o fato, sem interação, sem preocupação real com o que está se comunicando. “Por qualquer um desses ângulos, encontramos uma mediação defeituosa, monódica, unidirecional, ideologicamente preconceituosa. O jornalismo em seu dia a dia recebe a confiança do público, e a ele transmite ideais, guia comportamentos, passa conhecimento, molda visões de mundo” (MEDINA, 1996, p. 12-13). Ainda segundo a autora:

Sua postura deve ser de revelador de acontecimentos, atos, ideias e mitos sociais ocultados pelos jogos de poder, velados pela retórica das fontes, inacessíveis pelas insuficiências do observador. Atua mediando as representações presentes no social, refutando, ampliando, defendendo e, por isso, ele tem responsabilidade firmada quanto à visão de mundo com que opera no cotidiano da informação. (MEDINA, 1996, p. 12).

Ao refletir sobre a produção das representações na mídia, Medina (1996) entende que três forças atuam fazendo pressão no conteúdo jornalístico: Relações de poder – da própria empresa emissora aos grupos externos organizados econômica, política, social e culturalmente; Elementos culturais – onde estão presentes os arquétipos, conteúdos universalistas que lidam com os valores e comportamentos míticos; “O profissional que produz – seja ele o pauteiro ou editor, que pode modificar o que está se emitindo e praticar um discurso polifônico e polissêmico ou manter um discurso unilateral” (MEDINA, 1996, p. 18-20).

A autora explica que diariamente o jornalista tem contato com as mais diversas formas de cultura, e é nesse ponto que está a chave para se romper com o senso comum e ir além para se compreender o que está se comunicando

Pode-se alegar que as circunstâncias não alimentam o olhar amoroso no jornalista. O que

não justifica o olhar raivoso ou de menosprezo com que pauta as culturas que lhe são mais próximas. A humanização das circunstâncias é um dever do mediador social: a circunstância brasileira não pode ser tratada exclusivamente por gráficos, balanços numéricos, no esquematismo das tendências das elites ou das falas fáceis e demais aleatórias do povo da rua. O perfil humanizado da circunstância exige o encontro profundo com o tônus cultural (MEDINA, 1996, p. 219).

Relacionando o exposto ao objeto de estudo desse trabalho, que são os índios, é possível fazer referência a um imaginário construído historicamente que, ao se ouvir, ler ou ver algo a respeito, é acionado e reconhecido imediatamente.

Tendo em vista que a sociedade trabalha em movimento, e que essas representações vão se modificando através de processos, Medina (1996) afirma:

Justamente porque se está em um período no qual o excesso de informações tem feito um movimento de segmentação ou hipersegmentação dos grupos sociais que estão, mesmo que a passos lentos, se fortalecendo e também selecionando quem faz ou não parte de determinados grupos. Antes você podia circular livremente entre eles, hoje o movimento da sociedade busca segmentar. (MEDINA, 1996, p. 221)

Na televisão, a base para representar é imagem, som e movimento. A televisão tem uma linguagem própria, que trabalha com cortes de cena, trilhas, luz, ângulos e planos que dão significado às ideias ali expressas. Quando determinados *frames*³ são selecionados, favorecendo uma situação em detrimento de outra, acaba por dar mais espaço a um deles. Na dinâmica televisiva, existe ainda o enquadramento da imagem e o lugar da imagem. É possível uma analogia desse tratamento da imagem como relacionamento da

³ Alguns termos da gramática televisiva, puramente técnicas, foram adotados aqui como conceitos operacionais de análise; entre eles os 'frames' (enquadramento) e não está relacionado à proposta da Teoria do Enquadramento advinda de Gofmann.

sociedade e a comunicação. O jornalismo quer representar e ser referenciado pelo social, essa referência passa pela representação desse social no telejornalismo e na televisão. Assim, a representação da sociedade na televisão vai estar sempre enquadrada numa gramática técnica e nas premissas de cada empresa que se apropria dessas imagens para produzir o seu conteúdo.

O funcionamento da TV está voltado para as diferentes lógicas, entre elas a tecnológica, a narrativa e, a mais perceptível delas, a comercial.

No próximo item, este estudo busca verificar, por meio das análises dos materiais coletados, as representações sociais dos índios Terena do Norte de Mato Grosso em telejornais de referência. Com o suporte metodológico da análise de conteúdo, aliada à metodologia de análise de imagens em movimento, desenvolvida por Diana Rose, analisam-se os principais acontecimentos, nos quais os índios da referida etnia protagonizaram episódios de disputa pela terra, de modo a observar que figurações são construídas e que representações são sugeridas sobre eles.

2.4 O índio Terena no jornalismo brasileiro

Na síntese sobre a história dos índios Terena, apresentado no primeiro capítulo, relatam-se as origens e sua importância, bem como de tantas outras etnias nas guerras ocorridas nos primeiros passos da colonização. Momentos cruciais para a história do Brasil e alguns estudos, a exemplo o das historiadoras Circe Maria Bittecourt e Maria Elisa Ladeira (2000) revelam que, mesmo tendo vital importância e lutado junto a generais e soldados, logo após as conquistas, os índios foram dizimados e tribos inteiras desapareceram.

Muitos autores, a exemplo de Darci Ribeiro e Eduardo Viveiros, compreendem que faltam forças contra as classes dominantes, por isso, os índios são considerados minorias e, ao longo da história brasileira, observa-se a criação e a perpetuação de uma representação baseada em imagens estereotipadas com as quais os não-índios rotularam os índios. Essa atitude ultrapassa gerações e se mantém no imaginário coletivo das sociedades modernas.

Por estereótipo, compreende-se como sendo uma forma, um modelo, um conceito estabelecido e repetido, uma falta de entendimento

sobre o outro (WILLIAMS, 2005, p. 326). Pereira (2002)⁴ explica que alguns se originam no senso comum e se perdem na poeira do tempo; outros se relacionam diretamente com alguma tradição filosófica, enquanto uns tantos são fixados a partir de analogias com processos e produtos gerados pelo desenvolvimento científico e tecnológico. Marques e Paéz (2002) corroboram explicando que esse olhar estereotipado é construído a partir de expectativas e experiências com o outro e que isso determina o interagir e o julgar.

O site *estereótipos.net*⁵ organizado pelo grupo de pesquisa Leeps⁶ da UFBA, publicou artigos fundamentais para o entendimento da questão do estereótipo, entre eles o dos pesquisadores Katz e Braly (1933) no qual afirmam que a estereotipização de um objeto acontece por dois modos operantes: projetivo, que se refere às motivações dos atores envolvidos; e verídico, que trata da relação mais direta entre quem cria o estereótipo e quem é estereotipado.

Ainda de acordo como o artigo de Katz e Braly (1933), publicado no Leeps, apesar de estarem no cotidiano de modo geralmente negativo, os estereótipos nem sempre o são. Do ponto de vista cognitivo são processos necessários para a vida, pois de modo simples nos traz a representação de algo, nos permitindo assim, fazer associações mais rápidas. No entanto, ao simplificar, também se criam lacunas. Que geralmente são preenchidas com as primeiras informações que são recebidas, construindo representações que não ultrapassam a barreira do senso comum. E neste ponto ocorrem distorções, que acabam por se perpetuarem. O que nos remete às funções das representações citadas anteriormente.

A prática de um estereótipo pode ou não contribuir para construir outros sentidos sobre um grupo, uma coisa ou mesmo a sociedade. Nessa direção, Thompson (2008) explica que “[...] as palavras e imagens podem reativar uma tradição, servindo para sustentar uma ordem social opressiva e impedir o caminho para a mudança social [...]”, (THOMPSON, 2007, p. 61). Partindo desse pressuposto, pode-se entender que, na maioria das vezes em que o índio está representado, ele

⁴ Artigo publicado no site <https://estereotipos.net/enfrentando/estereot/> e acessado em junho de 2015

⁵<http://estereotipos.net/enfrentando/estereot/>

⁶ O LEPPS, Laboratório de Estudos dos Processos Psicológicos e Sociais, vinculado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, sob a coordenação do Prof. Marcos Emanuel Pereira, tem desenvolvido pesquisas no âmbito da Psicologia Social, com ênfase em Relações Interpessoais e Processo Grupal, atuando principalmente no estudo de temas como os estereótipos, as crenças, a percepção social e os preconceitos.

está inserido em toda a sua história primitiva tribal. Assim, segundo autores como Tacca (2001), Gonçalves (2001), Oliveira e Freire (2006), entre outros, podem-se identificar algumas representações que são comumente reforçadas na sociedade, construídas historicamente, e que se consolidaram como estereótipos, a saber:

- ✓ **Índios como preguiçosos:** a história mostra que essa imagem surge quando os colonizadores aqui chegaram, por encontrarem uma imensidão de terra sem cultivo e preservadas, pensaram que os índios não se preocupavam em trabalhar nela por pura preguiça.
- ✓ **Povos que cometem atrocidades:** os rituais indígenas que, por muitas vezes exigiam sacrifícios – de animais e até comiam seus inimigos para assimilarem suas virtudes, bravuras e etc. - eram vistos pelos colonos como bárbaros e violentos.
- ✓ **É tudo Tupi e Tapuio:** quando, por alguma razão, ficavam um contra o outro por questões de relacionamento, os índios eram classificados e limitados a esses dois grupos - os Tupi eram bons e os Tapuio eram maus; a antiga dicotomia do bom e do mau.
- ✓ **Bom índio:** imagem construída ao longo dos séculos, através da literatura, que tem o índio como protetor das matas, amigo dos animais, com sabedoria mística voltada às forças da natureza. Romantizado por autores como José de Alencar – Peri e Ceci.
- ✓ **Mau índio:** os índios mais difíceis de catequizar eram vistos como maus exemplos, verdadeiros selvagens que lutavam contra o que lhes era imposto, que atrapalhavam o progresso.
- ✓ **Inocentes:** imagem que cristaliza o índio como um ser que precisa de cuidado, que não sabe cuidar de suas riquezas e nem administrar seus limites territoriais. Essa ideia deriva da época do escambo, quando os primeiros índios trocavam ouro e pau-brasil por espelhos e anéis de prata.

- ✓ **Exótico:** com costumes e hábitos primitivos, não se enquadram no padrão dominante.
- ✓ **Domado:** um índio que aceita ‘sua condição’ e entende que os tempos são outros, que tudo que é feito contra eles é também por eles e pelo progresso.
- ✓ **Perdeu sua cultura:** estão totalmente integrados à cultura vigente e que não possuem interesse em preservar sua cultura de fato, que ao invés da canoa preferem o carro, ao invés da caça e pesca, preferem a carne pronta do mercado, entre outros.

Segundo Tacca (2001), “ao recuperar esses estereótipos se está reafirmando o modo como essa imagem se formou e se estabeleceu de maneira permanente no imaginário social” (TACCA, 2001, p. 130). Para este estudo, é importante compreender como as imagens e discursos se configuram no imaginário coletivo do social e que este imaginário pode estar representado no jornalismo. Por isso, se quer investigar este percurso, observando que transformações ocorrem quando passam a ser representados, o que é reforçado, explicado e reiterado desse social.

Nessas mudanças sociais, o índio sempre foi tratado pelas políticas públicas brasileiras como minoria, juntamente com os pobres e os negros. Diante do exposto, é possível que as imagens dos indígenas estejam sendo reiteradas na mídia de modo estereotipado.

CAPÍTULO III

OS TERENAS E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Laurence Bardin (2009) ao discorrer sobre a Análise de Conteúdo (AC) mostra que “a análise de conteúdo enquanto método torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2009, p. 49). Para a autora, a Análise de Conteúdo “dá ao leitor alguns exemplos representativos daquilo que se pode pôr em prática no campo da Psicologia (principalmente em psicologia social) e da Sociologia [...]. Isto porque a análise de conteúdo se faz pela prática” (BARDIN, 2009, p. 51). A autora esclarece ainda que esse método permite expor, para a análise, os modelos, as imagens, e os estereótipos que circulam na cultura de massa.

Segundo Bauer (2002), as pesquisas sociais subestimam materiais textuais como dados. Mas, com o acesso facilitado à internet, os materiais para análises estão a apenas algumas buscas e cliques, isso mudou; e os dados em forma de textos estão sendo cada vez mais utilizados e analisados. Por consequência, observa-se uma renovação no interesse pela análise de conteúdo e suas articulações.

Segundo Bauer, é uma técnica híbrida de mediação que serve para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada (BAUER, 2002). Essa ação vem acompanhada de procedimentos sistemáticos, métodos explícitos e replicáveis que recodificam o texto trazendo à tona novas informações:

Um *corpus* de texto oferece diferentes leituras, dependendo dos vieses que ele contém. AAC não é exceção; contudo, ela traça um meio caminho entre a leitura singular verídica e o "vale tudo", e, em última análise, uma categoria de procedimentos explícitos de análise textual para fins de pesquisa social. (BAUER, 2002, p. 191).

Através da reconstrução de uma representação, a AC revela as intenções presentes no material analisado. Fonte, público e contexto formam uma tríplice aliança capaz de trazer luz aos objetos estudados. Quando se observa a fonte, analisa-se um meio de expressão, que traz

uma versão do fato a ser narrado; quando o foco está no público, o texto é um meio de apelo, uma influência nos preconceitos, opiniões, atitudes e estereótipos das pessoas; e quando se analisa o contexto, têm-se os elementos que vão além do que está sendo contado. Os textos analisados contêm registros de eventos, valores, regras e normas, entretenimento e traços do conflito e do argumento (BAUER, 2002).

Nesse sentido, verifica-se como o jornalismo posiciona os atores envolvidos na narrativa quando veicula as reportagens, pois se entende que, a partir das representações, é que outras sub-representações são renovadas, assim como outras são reforçadas.

Vale ressaltar que, geralmente, a AC é utilizada para análise de textos, em sua maioria, impressos, e aqui, para analisar os materiais veiculados em emissoras de televisão, articula-se essa metodologia com o método da Análise de Imagens em Movimento, desenvolvido por Diana Rose, tomando-se em conta a lógica televisiva e suas rotinas produtivas.

Antes de explicitar os procedimentos metodológicos, porém, cabe desenvolver alguns argumentos para explicar a escolha do método adotado por essa pesquisa. O método intitulado Análise de Imagens em Movimento, desenvolvido por Rose (2002) para estudar, inicialmente, representações de loucura na televisão, abrangendo um conjunto de conceitos e técnicas que podem servir de base para a análise de muitas representações sociais, principalmente as que estão inseridas no audiovisual.

O método da autora organiza assim suas ações:

- 1) Escolher um referencial teórico e aplicá-lo ao objeto empírico;
- 2) Selecionar um referencial de amostragem - com base no tempo ou no conteúdo;
- 3) Selecionar um meio de identificar o objeto empírico no referencial de amostragem;
- 4) Construir regras para a transcrição do conjunto das informações - dimensões visuais e verbais;
- 5) Desenvolver um referencial de codificação baseado na análise teórica e na leitura preliminar do conjunto de dados: que inclua regras para a análise, tanto do material visual, como do verbal que contenha a possibilidade de desconfirmar a teoria; que inclua a análise da estrutura narrativa e do contexto, bem como categorias semânticas;
- 6) Aplicar o referencial de codificação aos dados, transcritos em uma forma condizente com a translação numérica;

- 7) Construir tabelas de frequência para as unidades de análise – dimensão visual e verbal;
- 8) Aplicar estatísticas simples, quando apropriadas;
- 9) Selecionar citações ilustrativas que complementem a análise numérica.

Segundo a autora, todo passo, no processo de análise de materiais audiovisuais, envolve transformar uma linguagem em outra e, nesse ponto, ela esclarece haver um fator limitador, que é o fato de esse modelo pressupor apenas dois passos. Nesse processo, estão contidas escolhas que levarão a diversos outros caminhos, e, por esse motivo, Rose (2002, p. 344) defende que nunca haverá uma análise que capte uma verdade única do texto, pois, nessa ação, são tomadas decisões sobre o modo como serão descritos os elementos presentes no audiovisual. O processo de translação não dá origem a simples cópias, mas sim cria a possibilidade de se produzirem novos resultados. Não havendo, portanto, um modo de coletar, transcrever e codificar um conjunto de dados que sejam cem por cento assertivos, afirmando que há casos em que a análise extrapola o texto, tanto em tamanho quanto em complexidade, pois existem dimensões possíveis de aprofundamento, e, nesse ponto, a autora coloca como questão primordial “ser o mais explícito possível, a respeito dos recursos que foram empregados pelos vários modos de translação e simplificação” (ROSE, 2002, p. 344).

Nesta pesquisa, trabalham-se os materiais audiovisuais a partir da Teoria das Representações Sociais entendidas como materiais textuais, esclarecendo que, no universo desse material, existem duas importantes dimensões: a visual e a textual propriamente dita. Na dimensão visual, estão presentes elementos técnicos como o manejo de câmera, direção, luz, ângulos, enquadramentos e composições de cena etc. E na dimensão textual, tem-se a narração, as sonoridades de entrevistados e passagens dos repórteres. Os materiais televisivos formam uma articulação entre essas duas dimensões, produzindo, por conseguinte, o sentido. Segundo Rose (2002):

Os meios audiovisuais são um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequência de cenas e muito mais. É, portanto, indispensável levar essa complexidade em consideração, quando se empreende uma análise de seu conteúdo e estrutura (ROSE, 2002, p. 343).

Ao explicar o seu método, a autora toma uma série de cuidados sobre os elementos que serviram de base para o seu desenvolvimento, problematizando suas aplicações e limitações. Rose (2002) tinha o objetivo de procurar a representação da loucura através do discurso presente na ficção da TV, e observou como tal representação se dava pela relação entre os loucos e não loucos, e que tratamentos visuais e verbais eram dados a eles. Para ela, o modo de se fazer TV e os conteúdos que ali circulam são mais do que materiais ilustrativos, as informações teriam impacto direto no cotidiano e no modo como se lida com ele, por isso se torna indispensável levar em consideração essa complexidade ao se analisar o material televisivo.

De acordo com os dados da Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM - 2016), coordenada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, a televisão é o meio mais usado pelos brasileiros para se comunicar, e o aparelho está presente em 97% das residências. Ainda segundo a pesquisa, o brasileiro passa em média 3h20min em frente à TV e, portanto, ela assume um papel importante na vida cotidiana. As imagens, matéria-prima de diversos meios de comunicação, para muitos telespectadores, enquanto índice do real, constata ou não o fato apresentado na notícia. Assim, parte-se do pressuposto de que a TV, é uma importante ferramenta de mediação social com linguagens, angulações e produções específicas. Aqui não inserimos outros dados como internet, mídia impressa e radiofônica, por exemplo, porque o nosso corpus está centrado na televisão.

O método elaborado por Rose (2002) é constituído por alguns passos. O primeiro deles é fazer a seleção do programa para construir uma amostra e dela eleger os materiais a serem trabalhados, depois promover uma varredura para identificar os materiais relevantes para a análise, o que dependerá do que está sendo pesquisado e de qual base teórica orienta o estudo. O processo de seleção não é simples, o que se deixa de fora é tão importante quanto aquilo que se vai incluir e tais escolhas irão influenciar o caminho trilhado pela pesquisa.

Como segundo passo, a transcrição (também chamada de translação ou decupagem) tem por finalidade gerar um conjunto de dados que sirvam de base para uma codificação. Rose (2002) discorre acerca da importância de se decidir as unidades de análises, explicitando o que se busca dentro das dimensões estudadas, sejam elas um ângulo de câmera no âmbito visual, ou a construção da narrativa no que tange à questão textual, por exemplo.

Segundo a autora, é impossível descrever tudo o que está na tela e as decisões sobre transcrição devem ser orientadas pela teoria para que não se perca o foco do estudo, tendo em vista que existem inúmeras teorias que levariam a diferentes escolhas sobre como selecionar e transcrever. Tomadas as decisões sobre o material, a transcrição é feita em duas colunas; na esquerda, descrevem-se os aspectos visuais da narrativa e na direita, ocorre a transcrição do verbal.

O terceiro passo, a codificação, segundo Rose (2002), baseia-se na teoria da representação social desenvolvida por Serge Moscovici, que é também a adotada aqui como teoria base desta pesquisa, a codificação aponta elementos de representação com relação ao objeto de estudo. Aqui se aprofunda o olhar sobre os aspectos visuais e verbais dos materiais extraídos das duas etapas anteriores.

Rose (2002) explica que o conjunto de análises serão sempre parciais e nem sempre definitivas, pois, nas escolhas estão presentes a subjetividade, vivências e interesses do pesquisador com relação ao objeto estudado. Assim, revelam-se, de certo modo, incompletas, seja pelo recorte (necessário), ou seja, pela vasta possibilidade de interpretações sobre o mesmo objeto (o que não é de todo ruim), pois permite que possíveis questionamentos sejam respondidos em pesquisas futuras.

Em vez de procurar uma perfeição impossível, necessitamos ser muito explícitos sobre as técnicas que nós empregamos para selecionar, transcrever e analisar os dados. Se essas técnicas forem tornadas explícitas, então o leitor possui uma oportunidade melhor de julgar a análise empreendida (ROSE, 2002, p. 345).

Um último passo descrito por Rose (2002) é a tabulação dos resultados, que a autora explica como “uma questão de números”, havendo, portanto, a apresentação dos dados elencados acima, através de tabelas de frequência. Essa face da análise de conteúdo recebe críticas de alguns autores, onde se afirma que a simples contagem das vezes que uma palavra, ou um tema, aparece no texto ignora a estrutura e o contexto (ROSE, 2002, p. 358). No entanto, a autora defende que os números em tabelas não estão flutuando livremente, mas estão ancorados em uma perspectiva conceitual.

O que o número significa, depende da natureza do material empírico e também da natureza da linguagem da descrição. Não há nada de incomum nisso [...] a tabela deve ser lida como um mapa. Ela mostra os pontos de ênfases e insistência, e os pontos de carência e ausência nas informações das notícias (ROSE, 2002, p. 359).

Diante do exposto, parte-se, a partir de agora, a explicitar a metodologia escolhida relacionando-a com os objetivos e objeto empírico deste estudo. Como já se afirmou, o método permite flexibilidade, pois o que deverá, ou não, ser utilizado é definido pelo objeto, pelo tempo de pesquisa, entre outros elementos. Para dar conta da investigação, os elementos definidores das etapas a serem empregadas surgem do formato, do modo como é veiculado e o tempo de veiculação, bem como as formas de acesso e de coleta do material empírico.

3.1 Etapa 1: seleção do material: histórico e contexto dos canais/redes televisivas

Como **Etapa 1**, houve a **Seleção** dos materiais, que foi realizada através de busca na internet (Youtube e sites das emissoras de TV) e por reportagens cedidas pela professora Maria Canovas⁷, que disponibilizou um raro material, gravado ainda em VHS; de posse das fitas, as imagens foram transformadas em arquivo de formato digital.

A seleção agrupou matérias veiculadas em emissoras nacionais e locais que tratassem especificamente da etnia Terena, do Norte de Mato Grosso, no período que tem início no ano 2000, com as comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil, até o ano de 2014, momento em que se inicia esta pesquisa. O critério de busca desses materiais concentrou-se em palavras-chave que remetessem diretamente aos objetivos da pesquisa: TERENA, INDÍGENAS, BR163 e CONFRONTO. O resultado desta busca mostrou que, nesse período, foram produzidas e veiculadas 21 matérias ligadas aos índios em torno do tema conflitos pela disputa de terra e momentos pós-conquista da terra.

⁷ Maria Francisca Canovas de Moura defendeu a dissertação “Telejornal dos 500 anos: frames de protesto e violência”, 2001, na pós-graduação em Ciência da Comunicação na UNISINOS, Rio Grande do Sul, e o corpus do seu trabalho é constituído de um raro material sobre os índios nas comemorações dos 500 anos do Brasil.

Ainda no que se refere à seleção dos materiais a serem analisados, o quadro abaixo mostra quais emissoras, datas, programas e temas, sejam de abrangência local, estadual ou nacional, foram selecionados, tendo como base produções que se referissem aos índios da etnia Terena, especificamente ao grupo do Mato Grosso do Sul que migrou ao Mato Grosso, como exposto no primeiro capítulo deste trabalho.

Tabela 2 - mapeamento das emissoras que veicularam materiais a respeito dos Terenas

	EMISSORA	DATA DE EXIBIÇÃO	PROGRAMA	ABRANGÊNCIA	TEMA
1	BAND	19/04/2000	Jornal da Band	NACIONAL	500 anos do Brasil
2	SBT	02/10/2001	Não consta	LOCAL	Bloqueio da BR163
3	TV BRASIL	26/02/2002	JNBR	NACIONAL	Sequestro FUNAI
4	TV BRASIL	20/04/2009	Interesse Público	NACIONAL	Ações do MPF nas aldeias
5	SBT	14/04/2010	Nortão Agora	LOCAL	Cultura Terena
6	RECORD	XX/05/2010	Cadeia Neles	ESTADUAL	Índios presos delegacia
7	BAND	12/03/2011	Band Sinop	LOCAL	Bloqueio BR163
8	RECORD	12/03/2011	Cidade Alerta	LOCAL	Bloqueio BR163
9	BAND	19/04/2011	Band Sinop	LOCAL	Cultura Terena parte I
10	BAND	20/04/2011	Band Sinop	LOCAL	Cultura Terena parte II
11	SBT	17/02/2012	Comunidade	ESTADUAL	Funcionário FUNAI
12	SBT	11/05/2012	Comunidade	ESTADUAL	Índios na delegacia
13	TV BRASIL	28/08/2012	JNBR	NACIONAL	700 índios bloqueiam BR
14	SBT	29/08/2012	Jornal de MT	ESTADUAL	BR364 bloqueada índios
15	SBT	28/03/2013	Jornal do Sbt	ESTADUAL	Índios negociam madeira
16	SBT	21/08/2013	Nortão Agora	LOCAL	Mutirão documentos
17	SBT	06/01/2014	Nortão Agora	LOCAL	Cultura de alimentos
18	RECORD	06/11/2014	Não consta	LOCAL	Exoneração FUNAI
19	RECORD	02/12/2014	Cidade Alerta	LOCAL	Índios quebram carro
20	RECORD	03/12/2014	Cidade Alerta	LOCAL	Bloqueio BR's
21	SBT	02/12/2014	Comunidade	ESTADUAL	Br163 bloqueada

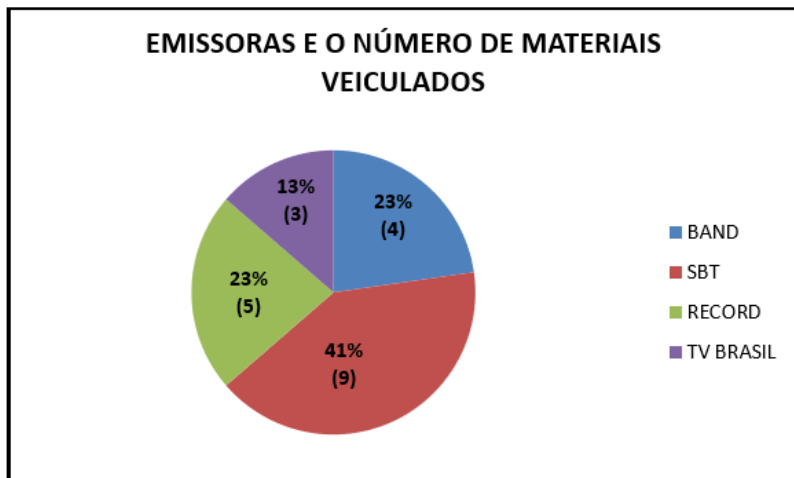
Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Vale ressaltar que enquanto se fazia a seleção, outros materiais surgiram, mas não entraram no corpus por critérios pré-determinados, como por exemplo, estarem fora do recorte temporal escolhido (2000 a 2014), não se referirem ao grupo especificado anteriormente ou não fazerem parte do telejornalismo brasileiro. Sendo assim, o total de 21 reportagens compõe o corpus que foi analisado.

Na tabela, estão elencadas reportagens veiculadas por emissoras privadas, de abrangência nacional, regional e local, como também emissoras públicas, de abrangência nacional. É interessante ainda perceber que, de acordo com o mapeamento, as emissoras privadas deram mais espaço às questões indígenas em sua programação, dados que serão detalhados mais à frente.

Infelizmente, muitas vezes, pela rotina de produção ser feita às pressas e com poucos recursos, sem seguir uma linha editorial específica, algumas emissoras, principalmente as do interior, que não possuem um padrão, em alguns momentos, dados importantes como nome de fontes, repórteres e cinegrafistas, locais e datas são ocultos, tornando impossível a recuperação ou identificação⁸.

Figura 6 - Número de coberturas feitas por emissoras sobre os índios Terena, no período de 2000 a 2014.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Com os dados apresentados, verificou-se que algumas emissoras privadas, como o SBT – Sistema Brasileiro de Televisão e RECORD, através de suas afiliadas no estado, dão mais destaque do que outras à questão indígena, e outras, como a REDE GLOBO e a REDE TV, também com afiliadas na região dos conflitos, não fizeram coberturas durante o recorte temporal desta pesquisa. E essa postura relaciona-se com a história das emissoras no estado, quem as comanda e as linhas editoriais que seguem. Poderíamos afirmar que a atitude de não relatar esses movimentos, também demonstra uma posição política.

O jornalismo, aqui entendido como um complexo de produtos (impresso, televisionado, radiofônico e online entre outros), responsável diariamente por pela emissão e recepção de informações, representa uma

⁸O pesquisador buscou, por considerar importante, através de telefonemas, as emissoras e pesquisas mais avançadas identificar os dados que faltavam. Em alguns casos obteve sucesso, em outros não. Como mostram as lacunas na tabela 1 e as fichas de análise utilizadas na pesquisa.

forma de poder, como defende Fonseca (2011) “nas sociedades “de massa”, possui papéis extremamente significativos, como: influir na formação das agendas públicas e governamentais; intermediar relações sociais entre grupos distintos, formar opinião e muito mais”. Ainda segundo o autor, esses papéis são mascarados sob a premissa do “dever da informação”, que, embora já esteja superada essa questão no jornalismo, se propõe a ser uma fonte “neutra”, “independente”, “apartidária” e “a-ideológica”.

Assim, sob esse manto, o jornalismo existe na sociedade como um espaço de “prestação de serviço” e se coloca, como afirma Fonseca (2011) no dever de “informar sobre os acontecimentos levando às pessoas uma gama de dados que, sem esse serviço, não teriam condição de conhecer outras realidades que não as vivenciadas ou relatadas por pessoas próximas”.

No entanto, os meios de comunicação, de modo geral, precisam obter lucro e agem segundo a lógica mercadológica e os interesses privados dos grupos que representam. No anexo I, vemos o histórico das emissoras que noticiaram o corpus analisado. É possível ter indícios do *modus operante* de cada uma.

O Mato Grosso, assim como em todo território nacional, tem a maioria dos veículos de comunicação comandados por políticos, que acabam cedendo as concessões a grandes empresários, pessoas ligadas ao agronegócio e aos grandes empreendimentos, setores que enxergam nos índios um retrocesso em relação ao desenvolvimento econômico. Desde os primórdios a reforma agrária, movimentos sociais e as disputas por terras no estado de Mato Grosso existe e se mantém presente nos dias atuais. E os meios de comunicação, e a mídia como um todo, acaba seguindo todo um sistema que se instalou a partir disso. Portanto, as matérias com a temática do índio, em sua maioria, representam-no como preguiçoso, violento, confuso e em alguns momentos até como ex-índio, diminuindo sua identidade e consequentemente seus direitos como cidadão brasileiro.

Essa é uma das razões pelas quais os movimentos e conflitos contra os indígenas não aparecem em emissoras que tem como donos ou linhas editoriais focadas no agronegócio (Tv Centro América, afiliada Rede Globo) e na venda de espaços publicitários (Rede TV).

3.2 Etapas 2 e 3: translação e codificação dos materiais televisivos

A **Etapa 2** consistiu em definir regras de **transcrição**. Buscou-se atender às duas categorias propostas: a visual e a verbal; e foi o

momento para se colocar a situação dos personagens representados nas reportagens e a descrição do ambiente onde ocorreram as narrativas. Um primeiro mapeamento de cada reportagem foi feito a partir de ficha de análise⁹ (em anexo), contendo dados técnicos mais gerais, além da transcrição do texto da reportagem analisada.

Para abordar essas questões, optou-se por elaborar uma linha do tempo entre 2000 e 2014, que tem início em razão das comemorações dos 500 anos do Brasil, um grande movimento, do qual também participaram outros grupos como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), estudantes e onde se dá as primeiras aparições dos índios da etnia Terena na mídia, e que destaca os principais acontecimentos envolvendo esse povo, de modo a observar que figurações são construídas no telejornalismo brasileiro e as linhas de interpretação sugeridas sobre as populações indígenas.

O corpus do trabalho está composto de material produzido pelo jornalismo televisivo nacional e local, sobre eventos que envolveram os índios Terenas do Norte de Mato Grosso no período já mencionado. A escolha desses conteúdos se deve a sua grande repercussão no telejornalismo, tendo sido selecionadas 21 matérias veiculadas em emissoras de televisão.

O material em questão começa com o destaque do Jornal da Band¹⁰, que já em sua abertura chama a atenção para a cobertura das comemorações aos 500 anos do Brasil. O âncora da emissora chama o link ao vivo de São Paulo à Bahia:

DECUPAGEM	
DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO TEXTUAL
[ABRE ÂNCORA DO TELEJORNAL] – Enquadramento em plano médio	[TEXTO ÂNCORA] – Boa noite. 500 anos do Brasil, no meio da festa muita confusão, índios, sem terras e negros tentaram chegar a Porto Seguro, mas não conseguiram.
[DIVIDE SE A TELA, ELE CHAMA O LINK COM A BAHIA]	[TEXTO ÂNCORA] – Janine Borba está em Porto Seguro e pra lá que nós vamos agora, Janine.

⁹ Sugerida pela professora doutora Cárilda Emerim

¹⁰ Link da matéria no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=CMqOQmsZaEMA>

A repórter Janine Borba é chamada no link ao vivo e introduz a sua matéria.

<p>[ENQUANDRAMENTO EM PLANO MÉDIO NA JORNALISTA JANINE BORBA]</p>	<p>[VIVO - REPORTER JANINE BORBA] – Boa noite. Foi um dia de correria, bombas de gás e feridos. O confronto entre índios e a tropa de choque terminou em tumulto na estrada que liga Coroa Vermelha à Porto Seguro.</p>
---	--

Primeiro aspecto interessante é a diferença entre o que o âncora anuncia e o que a repórter profere em sua fala. Ao dizer seu texto, o âncora diz que: [...] **no meio da festa muita confusão, índios, sem terras e negros tentaram chegar a Porto Seguro, mas não conseguiram.** Ao passo que a repórter responde dizendo: **O confronto entre índios e a tropa de choque terminou em tumulto na estrada que liga Coroa Vermelha à Porto Seguro.** Deve-se atentar que, em seu texto, ela omitiu a informação inicial do âncora de que, nos protestos, também participaram negros e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

Com o título de *500 anos de protesto e violência na Bahia* e dedicando 2' 57'' do telejornal nacional da emissora Bandeirantes, a repórter Janine Borba chama sua matéria.

<p>[IMAGENS DOS ÍNDIOS CAMINHANDO NA ESTRADA] [IMAGENS DA POLÍCIA EM FORMA DE BARREIRA] – Sons de bombas explodindo, gritos e correria.</p> <p>Sons de bombas explodindo, gritos e correria.</p> <p>[IMAGENS DOS POLICIAIS SAINDO DA BARREIRA E CORRENDO ATÉ AS PESSOAS]</p> <p>[IMAGENS DA CAVALARIA</p>	<p>[OFF] Os índios estavam reunidos em Santa Cruz de Cabrália, desde terça feira, eles participavam de uma conferência. Hoje de manhã saíram para fazer uma manifestação em Porto Seguro, debaixo de chuva os 600 índios tomaram a estrada. Eles caminharam dez quilômetros. E encontraram a primeira barreira policial.</p> <p>[OFF] Foram recebidos com bombas de gás lacrimogêneo.</p> <p>[OFF] Houve muita correria e empurra-empurra. Os índios não sabem se ficam na estrada ou se fogem da polícia. Os policiais correm para tentar prender os manifestantes</p>
---	--

CHEGANDO E FORMANDO OUTRA BARREIRA]	[OFF] A cavalaria chega para ajudar.
[IMAGENS DO CARRO COM VIDRO QUEBRADO]	[OFF] Um vidro do carro da polícia é quebrado com uma pedrada
[IMAGEM DA ÍNDIA SENDO AMPARADA]	[OFF] Essa índia estava na linha de frente da caminhada e foi atingida por uma bomba
[SOM E IMAGEM DA AMBULANCIA]	[OFF] A ambulância socorre os feridos
[IMAGENS TROPA DE CHOQUE EM MARCHA]	[A tropa de choque chega e marcha para intimidar os índios . E o comandante da polícia militar defende a ação
[ENQUADRAMENTO PLANO MÉDIO]	[SONORA 1] COMANDANTE DA POLÍCIA MILITAR – O pessoal veio aqui pra tumultuar o processo, inclusive jogando pedra nos índios. Eles feriram índio pra dizer que foi a polícia militar.
[IMAGENS ÍNDIOS CAMINHANDO]	[OFF] Depois de muita discussão e violência, os índios recuam e dizem que não esperavam uma resistência tão grande.
[ENQUADRAMENTO FECHADO NO ÍNDIO]	[SONORA 2] CACIQUE ALISSON- Nós queríamos aqui ir até Porto Seguro, mas numa marcha passiva, mas sem agredir ninguém, infelizmente nós fomos agredidos, sem reação, sem a gente reagir.
[ENQUADRAMENTO MÉDIO NA ENTREVISTADA]	[SONORA 3] SENADORA MARINA SILVA – A democracia continua sendo apenas para a casa grande, o povo excluído continua na senzala.
[CORTE SECO]	

Mesmo a fala do capitão da Polícia Militar (destacado em verde) apresentando indícios de que outras pessoas participavam da ação, durante toda a matéria, a repórter não cita que ali nos protestos também se encontravam outros movimentos sociais. Outro aspecto interessante é a forma como a narrativa da reportagem é construída, os elementos técnicos, pausas e enquadramentos constroem, de fato, um cenário de guerra, agora não mais entre os descobridores do Brasil e os índios, mas sim entre aqueles que protegem o Brasil dos índios.

Em outubro, ainda no ano 2000, poucos meses após os protestos na Bahia que repercutiram por todo o mundo, os índios da etnia Terena voltam a ser destaque no telejornalismo quando bloqueiam a BR 163, que corta o Brasil de norte a sul, pela quarta vez. Mesmo não sendo a primeira vez que os indígenas da referida etnia bloqueavam BR's, foi este o de maior duração (aproximadamente cinco dias) e, portanto, chamou a atenção da mídia, pois, nesse período, nenhum veículo era autorizado a passar e, entre esses, estavam caminhões com alimentos perecíveis, combustíveis etc., o que causou a escassez dos produtos nas regiões norte e centro oeste do país. A reportagem¹¹ analisada é da afiliada do SBT em Mato Grosso

<p>IMAGEM DE ABERTURA – SEM BG- [pneus bloqueando a BR, índios montando barreira]</p> <p>[ENQUADRAMENTO FECHADO] – PLANO MÉDIO</p> <p>[ENQUADRAMENTO FECHADO] – PLANO MÉDIO</p>	<p>[OFF] – Repórter: pela quarta vez esse ano os índios da nação Terena voltaram a interditar a BR163, a pista foi bloqueada por volta das cinco horas da manhã e já causou um enorme congestionamento, os caminhoneiros estão revoltados.</p> <p>[SONORA 1] – Caminhoneiro 1: DAVID FOSTER - Eu acho que a gente não tinha motivo nenhum de parar a gente na estrada, que o lugar de fazer uma reivindicação pros índios seria em Brasília, não na estrada que seria o trânsito da gente passar.</p> <p>[SONORA 2] – Caminhoneiro 2: LEONARDO WOSNIAK – Até agora ninguém veio dar uma solução aqui, nós estamos parado hoje desde da manhã, carretas com carga perecível e gado e tudo ai oh, gado passando sede e fome.</p>
---	---

A matéria é realizada por volta das 9h da manhã e, já no início, o repórter chama a atenção para o horário do bloqueio e diz que os caminhoneiros estão revoltados. Logo em seguida, colhe dois depoimentos de caminhoneiros, focando nos transtornos que o protesto causou, e não se interessa em saber dos índios o “por que” da ação realizada.

¹¹ Link da matéria no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=si7xENGhGBY>

<p>[IMAGENS DO ACAMPAMENTO] [INFRAESTRUTURA DO LOCAL] [INDIOS BUSCANDO ÁGUA NO AÇUDE]</p>	<p>[OFF] Aqui vivem famílias da reserva Cachoeirinha e da etnia Terena. Os Terena são os mais sacrificados e vivem sem a mínima infraestrutura. A falta de abastecimento de água potável ainda é o maior desafio.</p>
<p>[PLANO MÉDIO]</p>	<p>[SONORA 1] LEONOR MUCHACHO – INDIA TERENA: é difícil porque quando a gente acaba água tem que esperar o carro pra gente. Ai tem que pegar no poço.</p>
<p>[IMAGENS DA COMUNIDADE]</p>	<p>[OFF] Com a ajuda do Ministério Público Federal e da Prefeitura da Cidade, a comunidade ganhou uma escola de ensino fundamental. A área é reconhecida como território indígena, mas ainda não foi homologada, ou seja, ainda não há oficialização do direito à terra para as comunidades.</p>
<p>[PLANO MEDIO]</p>	<p>[SONORA 2] EMERSON KALIF SIQUEIRA – Procurador da República, MS: Eles estão aqui por conta de recursos que nós ajuizamos no tribunal regional da terceira região em relação a decisão que o juiz federal em Campo Grande proferiu determinando que os índios ocupassem. Essa decisão foi suspensa no primeiro momento e depois foi cassada. Esse processo ainda continua com o Juiz em Campo Grande agora já está na fase de sentença. Nós acabamos de emitir parecer nesse processo pela manutenção, obviamente dos indígenas aqui nessa área e a gente tá aí no aguardo dessa sentença.</p>

A situação indígena acima descrita serve, neste caso, como campo para que os órgãos como MPF e a Prefeitura promovam suas ações diretas. Retratando o índio como um povo que precisa de ajuda constante do Estado, que este tem se preocupado com as suas demandas e que elas estão sendo resolvidas sempre que possível, como se constata no fim da pauta, quando a âncora volta e traz a seguinte informação:

<p>[PLANO MÉDIO]</p>	<p>[VIVO] ANCORA: E o problema da falta de água do acampamento Mãe Terra foi alvo de</p>
----------------------	--

	<p>uma ação do Ministério Público Federal [...]. Nela a Procuradoria da República pede à Justiça Federal que obrigue a Fundação Nacional de Saúde, a FUNASA, a fornecer água potável à aldeia por meio da construção de poços artesianos e redes de distribuição de água num prazo de 60 dias.</p>
--	---

Outros órgãos, como Prefeituras e Sindicatos têm se associado à questão indígena para desenvolver ações visando suporte financeiro, tendo em vista que, em Mato Grosso, o fomento às questões indígenas, embora escasso, ainda existe.

Em abril de 2010, as matérias com o foco nas comemorações do dia do índio estiveram presentes em todas as emissoras. Algumas de caráter informativo, outras com um caráter de entretenimento. No reportagem¹³ a seguir, exibido em nível local, a equipe produz o material em uma escola da região próxima à aldeia onde vivem os Terena.

DECUPAGEM	
TEC	LOC
<p>[SOB SOM] – IMAGEM DE ABERTURA</p> <p>IMAGENS DE CORTE – DIVERSAS, COBRINDO O OFF</p> <p>[SOB SOM]</p>	<p>[OFF] – Repórter: O som da flauta e batida compassada do tambor anunciava uma apresentação indígena, para ser mais exato uma apresentação dos índios Terena. Durante todo o dia de ontem eles estiveram se apresentado nas escolas de Matupá. Com o objetivo de reforçar um convite para uma apresentação especial que vai acontecer na aldeia Terena na próxima semana, alusivo ao dia do índio nos dias 17, 18 e 19; hoje no período noturno os índios visitaram os alunos do CEJA o saguão foi o local escolhido, com a flauta e o tambor os índios acompanhavam a dança, cada um com o seu significado. Teve a dança das mulheres, a dança dos guerreiros e dos meninos, danças que ilustravam a caça, a guerra, enfim um pouco da cultura resumida em</p>

¹³ Link da matéria no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=Ejn-0GJLH2c&feature=youtu.be>

<p>IMAGENS DE CORTE – DIVERSAS, COBRINDO O OFF</p> <p>[ENQUADRAMENTO FECHADO] – PLANO MÉDIO</p> <p>FINALIZA EM FADE.</p>	<p>uma pequena apresentação</p> <p>[OFF] – Repórter: olhares atentos do público acompanharam o diferente, uma nova cultura diante dos olhos, a curiosidade predominava. Cirênio Terena é o cacique da aldeia localizada nos limites do município de Matupá. Ele aproveitou para fazer o convite a todos para que prestigiem nos dias 17, 18 e 19 a programação Terena alusiva ao dia do índio</p> <p>[SONORA 1] – Entrevista índio: CIRÊNIO TERENA (cacique) – Nossa programação vai do dia 17 até o dia 19 de abril, considerada ai o dia do índio e nós estaremos finalizando na noite do dia 19 de abril nossas competições culturais de atletismo, futebol, canoagem. Nós estaremos relembando também uma tradição do povo Terena desde o Mato Grosso do Sul que é a corrida a cavalo, com lanças e argolas de uma equipe contra a outra. Todos os dias nós teremos essa competição e também apresentação de danças de outras tribos.</p> <p>[ENTREVISTA VIVO] – Repórter: Essa programação é aberta? Como que funciona pra quem quer conhecer um pouco mais da cultura Terena?</p> <p>[SONORA 1] – Entrevista índio: CIRÊNIO TERENA (cacique) – Então, o nosso propósito é convidar o máximo de pessoas, autoridades, amigos e não índios para conhecer hoje o nosso dia a dia e para nós também começarmos essa amizade com o povo não índio e também pra conhecer a nossa história e o nosso dia a dia na comunidade.</p>
--	---

A reportagem mostra a cultura indígena, reforçando a presença de alguns elementos como o som da flauta e o tambor, elementos que constituem o senso comum sobre o que é ser índio. Em outro momento, a dimensão textual descreve o índio como um ser exótico, como

expresso em “**olhares atentos do público acompanharam o diferente**”, e os elementos que caracterizam o índio Terena como um ser que preserva sua cultura estão ali presentes. Ao final da reportagem, o próprio indígena se coloca numa posição afastada da sociedade, quando diz “**e para nós também começarmos essa amizade com o povo não índio e também pra conhecer a nossa história e o nosso dia a dia na comunidade**”.

Em 2014, com o título *Índios revoltados destroem veículos*, (<<https://www.youtube.com/watch?v=iaXZ8BVX7jU>>) o material é produzido no centro da cidade de Sinop, por volta das 11h30min da manhã, aproximadamente a 100 km de distância da região onde estava ocorrendo o conflito, com o repórter conduzindo uma entrevista com duas pessoas que, horas antes, estiveram presentes no bloqueio.

DECUPAGEM	
TEC	LOC
<p>IMAGEM DE ABERTURA – COM PASSAGEM DO REPORTER</p> <p>[MOVIMENTAÇÃO EM PLANO MÉDIO] – Mostrando o veículo e indo em direção ao entrevistado.</p> <p>[ENQUADRAMENTO FECHADO] – PLANO MÉDIO</p> <p>[ENQUADRAMENTO ABERTO E DEPOIS FECHA] – VAI DO ENTREVISTADO PARA OS DANOS DO CARRO.</p>	<p>[VIVO] – Repórter: GEOVANE BARROS - Isso mesmo os índios que estão realizando o bloqueio na BR163 entre Santa Helena e Itaúba estão muito revoltados, inclusive trazendo danos a terceiros. Esse casal aqui passou apertado agora pouco. Tava com esse veículo no bloqueio, eles vieram com aquela <i>burduna</i>, deram uma pancada violenta aqui, amassado o veículo e também destruíram aqui o pára-brisas. Foi um susto muito grande, como é a ação deles lá?</p> <p>[SONORA 1] – Entrevistada: (MULHER) - É eles tavam um pouco revoltados, por causa da saúde deles né. Eles tavam reclamando, mas a gente num tem nada a ver com isso. Eles veio bloquear a BR, e a gente tava indo sentido Colíder, e a gente tava parado lá, de repente a polícia tava tentando negociar com o cacique pra liberar a BR, só que tipo assim, as pessoas, muitos carreteiros lá, eles ficaram revoltados, porque eles pediam pra manter no carro, mas eles queriam passar, porque muitos precisam trabalhar, porque muito depende disso pro seu ganha pão e ele se revoltaram e partiram pra cima da gente e vieram com</p>

<p>[ENQUADRAMENTO FECHADO E ABRE] – VAI DOS DANOS DO CARRO PARA O ENTREVISTADO</p> <p>[SE MANTÉM ENQUADRAMENTO FECHADO] – PLANO MÉDIO.</p> <p>[ENQUADRAMENTO ABRE – ZOOM OUT RÁPIDO] – ABRE DO ENTREVISTADO PRO REPÓRTER.</p>	<p>tudo, nossa, o nosso carro e mais de duas pessoas, então isso é muito revoltante pra gente.</p> <p>[VIVO] – Repórter: GEOVANE BARROS - Amassou a coluna e quebrou seu pára-brisas né?</p> <p>[SONORA 1] – Entrevistada: (MULHER) - É com certeza não é fácil, fica difícil.</p> <p>[ENTREVISTA VIVO] – Repórter: GEOVANE BARROS - Eles tão reivindicando uma coisa e trazendo prejuízos para vocês né</p> <p>[SONORA 2] – Entrevistado: (HOMEM) - Prejuízo muito grande, criança, espancaram mulher com braço quebrado.</p> <p>[ENTREVISTA VIVO] – Repórter: GEOVANE BARROS - tá desse jeito lá?</p> <p>[SONORA 2] – Entrevistado: (HOMEM) – tá, deram paulada no pé, no braço.</p> <p>[ENTREVISTA VIVO] – Repórter: GEOVANE BARROS – e você correu, pegou seu carro e vazou?</p> <p>[SONORA 2] – Entrevistado: (HOMEM) – sim, foi doído</p> <p>[ENTREVISTA VIVO] – Repórter: GEOVANE BARROS – Então foi um deus nos acuda lá?</p> <p>[SONORA 2] – Entrevistado: (HOMEM) – sim, foi apavorante. Meu piá até doente lá, deu febre, deu tudo lá. Porque não é acostumando a ver essas coisas né, e criança, idoso, mulher, todo tipo de gente tinha né.</p> <p>[ENTREVISTA VIVO] – Repórter: GEOVANE BARROS – E tinha um outro carro que eles acabaram lá né?</p>
---	--

<p>[ENQUADRAMENTO ABERTO E DEPOIS FECHA] – VAI DO REPORTER PARA A MULHER</p> <p>[ENQUADRAMENTO FECHADO E ABRE] – VAI DO ENTREVISTADO PARA OS DANOS DO CARRO</p> <p>[ENQUADRAMENTO ABRE – ZOOM OUT RAPIDO] – ABRE DO CARRO PRO REPÓRTER.</p> <p>[CORTE SECO] – ENTRA VINHETA DE PASSAGEM</p>	<p>[SONORA 2] – Entrevistado: (HOMEM) – sim, um Hyndai, HB20 destruíram todinho e mais uns carros lá também.</p> <p>[VIVO] – Repórter: GEOVANE BARROS – é interessante quem tiver assistindo a gente nesse momento tomar cuidado se tiver indo naquela direção com seu veículo, tentar arrumar um desvio que os índios tão bravo lá.</p> <p>[SONORA 2] – Entrevistado: (HOMEM) – mas os desvios eles bloquearam também, os dois. O que sai em Juara e em Marcelândia bloquearam também.</p> <p>[ENTREVISTA VIVO] – Repórter: GEOVANE BARROS – Então tem mulheres, crianças, gente passando fome lá?</p> <p>[SONORA 1] – Entrevistada: (MULHER) – é de sexta pra sábado, o pessoal passou a noite, eles falaram que ia liberar seis horas da manhã e fiquemos, ai de seis passou pra dez e ai liberaram e logo em seguida já bloquearam de novo</p> <p>[VIVO] – Repórter: GEOVANE BARROS – Que coisa então, esse recado estamos levando para vocês. Pessoal revoltado, agora um prejuízo grande na coluna do veículo, isso aqui não vai ficar nada barato pra resolver.</p> <p>Sem contar que eles estão tentando reivindicar algo que é pra ser resolvido lá em Brasília, mas o bloqueio está acontecendo aqui na BR entre Santa Helena e Itaúba, ali onde fica ali a igreja de nossa senhora aparecida, naquela região, então tome todo cuidado.</p> <p>Aconteceu, Geovane Barros informou para o Cidade Alerta.</p>
---	---

Aqui, a reportagem exibida tem elementos bem diferentes de algumas premissas jornalísticas. Nota-se, nas falas em destaque, que o repórter, em suas perguntas que acabam por se tornarem também um comentário. O fato narrado ganha forma apenas pelo depoimento de duas pessoas que estavam no bloqueio e conseguiram passar, não há imagens do local em que ocorre o que está sendo noticiado, nenhum depoimento além dos cidadãos que ali estão, no entanto, a matéria foi ao ar e teve 2' 45'' de destaque. E, no dia seguinte, esse mesmo repórter volta às margens da BR163, a 100 km do conflito e atualiza as informações ao apresentador do programa jornalístico, sem citar fontes ou exibir qualquer imagem no vídeo. Esse modo de fazer jornalismo faz uso do sensacionalismo, uma ferramenta que há muito tempo é usada pelos veículos de comunicação, segundo MATTOS (2011) essa forma de comunicar o fato “[...] é opção editorial. Assim, aparece nos meios midiáticos como uma forma de chamar a atenção do público, fazendo-o a adquirir a informação ou produto”. Prendem a atenção da audiência dando importância exagerada a um fato que nem sempre corresponde ao que ele realmente é. A reportagem foi apresentada apenas em nível local, sem a preocupação de apuração ou credibilidade das informações ali proferidas.

Passamos a **Etapa 3 - codificação** que foi a base para a interpretação, ou seja, com os dados obtidos na etapa anterior (a transcrição) identificaram-se os elementos visuais e verbais na narrativa. É aqui nesta etapa de codificação que se concentrou o olhar mais crítico do pesquisador sobre o objeto. Nas análises dos materiais, a proposta foi a de verificar como se constrói a representação social do índio, em específico, os Terena, estabelecendo o seguinte percurso analítico:

- ✓ O conteúdo apresentado;
- ✓ As marcas discursivas deste índio Terena do Norte de Mato Grosso nos conteúdos;
- ✓ Identificação e análise desta representação.

Para a codificação dos materiais textuais (visual e verbal), optou-se por um referencial que procurasse atender à questão central da pesquisa, as representações sociais dos índios Terena. Com base nas palavras chaves (Terena, indígenas, BR163 e confrontos) e seguindo as orientações do método de Rose (2002), foram formatadas algumas categorias e termos descritivos para servirem de referência no momento da codificação:

- 1) **ATORES:** nesta categoria, estão todas as palavras associadas diretamente aos envolvidos na narrativa: índios, manifestantes, criminosos, polícia, FUNAI, IBAMA, reféns.
- 2) **CENAS:** nesta categoria, estão agrupadas as palavras associadas a lugares onde ocorrem as ações da narrativa. Termos como BR, 163, margens, fazendas, bloqueio, violência, acampamentos, sede, aldeia, interno, externo.
- 3) **NARRADORES:** Aqui se encaixam os apresentadores, âncoras, repórteres e off's, e personagens entrevistados presentes nas reportagens.

Na codificação dos elementos audiovisuais, Rose (2002) destaca a importância do ambiente descritivo, do local onde se passa a ação (narrativa). Para dar conta dessa parte, incluiu-se, numa grande categoria, o ambiente descritivo, diversos termos a serem observados, sendo eles: descrição detalhada, história que está sendo contada; a informação que está sendo narrada; as perguntas base do lead (O que? Quem? Como? Onde? Por quê?). Dados técnicos como enquadramento de câmera, posicionamento do repórter, trilha sonora e luz.

Por fim, na **Etapa 4** da aplicação do método, definida como **tabulação**, construíram-se as tabelas, contendo os dados para análise. Esse elemento municia o pesquisador para o olhar crítico e apresentação dos dados. Aqui se buscou, através das tabelas de frequência, compreender o que está sendo afirmado, reforçado, omitido ou negado nas reportagens; que indícios de representação se configuram a partir da leitura dessas tabelas.

3.3 Etapa 4 – Tabulação dos dados

Munido de dados das etapas anteriores, contendo as dimensões visuais e textuais das produções selecionadas, procedeu-se à tabulação para, assim, possibilitar a visualização do panorama quantitativo/qualitativo das representações sociais.

Considerando a teoria base do trabalho, a Teoria das Representações Sociais e categorias previamente definidas, chegou-se à seguinte tabela:

Tabela 3 - Tabela de frequência da dimensão textual do material analisado

ATORES	Nº	CENAS	Nº
FUNAI	36	BR'S	41
IBAMA	12	VIOLÊNCIA	49
REFÉNS	07	TERRAS	32
ÍNDIOS	146	ALDEIAS	18
POLÍCIA	39	PROTESTOS	56
CACIQUE	26	CULTURA	10
OUTROS	11	OUTROS	22

Fonte: Elaborado pelo autor.

Retoma-se, pois, a ideia de Rose (2002) quando ela defende que os números em tabelas não estão flutuando livremente, mas estão ancorados em uma perspectiva conceitual. A tabela de frequência mostra-se relevante para os resultados que se pretendem comprovar. A tabela mostra os pontos de ênfases e insistência e os pontos de carência e ausência nas informações das notícias. As palavras negritadas foram as que se destacaram em repetição, reforçando ou negando situações narradas nas reportagens. A categoria OUTROS refere-se a itens citados apenas uma ou duas vezes, termos como *INCRA, igreja, e conflito, espaço etc.*

Após análises, o corpus se configura da seguinte maneira quanto às temáticas e seus objetivos:

- 13 – referem-se a protestos/bloqueios de BR's pelos índios;
- 03 – tratam da cultura Terena e suas peculiaridades;
- 05 – focam ações de órgãos (público/privado) em prol ou em parceria com os indígenas.

Dentro desse mapa de análise, observam-se três grandes categorias, nas quais os materiais analisados se enquadram:

Tabela 4 - Categorias em que se enquadram as matérias ao representar os Terena

DÃO VOZ	NÃO DÃO VOZ	SE AUTOPROMOVEM
6 (seis)	10 (dez)	5 (cinco)

<p>As matérias que DÃO VOZ aos indígenas tratam de suas demandas, procura-se entender o porquê os protestos estão acontecendo, embora, ainda foquem nas causas do ato, aqui o índio Terena é entrevistado e expõe basicamente o tempo de duração do protesto e o que precisa acontecer para se liberar o local interdito.</p>	<p>As reportagens que NÃO DÃO VOZ as questões indígenas, tornam o sujeito invisível diante da situação narrada. Nesse material o índio não pode explicar o seu lado da história. Aqui, eles são representados, geralmente, por uma autoridade que fala em seu nome.</p>	<p>No Mato Grosso, e em estados que compõem a Amazônia Legal como um todo, alguns órgãos e empresas se utilizam das demandas indígenas para se AUTOPROMOVEREM. Realizam “parcerias” com os índios, doando mudas de árvores ou máquinas agrícolas usadas, por exemplo, e convidam a imprensa a fazerem reportagens sobre esse ato.</p>
--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nestas três grandes categorias, estão presentes as mais diversas formas de representação social sobre os Terenas. Nas primeiras duas matérias analisadas, por exemplo, *500 anos de protesto e violência na Bahia e Bloqueio da BR163*, e a última delas *BR163 é bloqueada por índios* colocam em evidência a representação do **Mau índio**, que como define Tacca (2001), selvagem que lutava contra o que lhe era imposto, que atrapalhava o progresso. E ainda, **Povos que cometem atrocidades**: vistos pelos colonos como bárbaros e violentos.

Na terceira reportagem analisada, veiculada no programa Interesse Público, na TV BRASIL, a representação ali colocada é a do índio **Domado**: um ser que aceita ‘sua condição’, e **Inocente**: imagem que cristaliza o índio como um ser que precisa de cuidado, que não sabe cuidar de suas riquezas e nem administrar seus limites territoriais. Precisando assim, da tutela de outras instituições para garantir seus direitos.

No quarto material, *Apresentação índios Terena - Ceja matupá*, as palavras do repórter para compor sua narrativa trás a representação do índio **Exótico**: com costumes e hábitos primitivos, “diferente”, que desperta curiosidade.

Ao escolher as palavras, no processo de construção da reportagem, aquilo que se escolhe detalhar é determinante quanto às informações que vão ser omitidas ou reforçadas dentro de um contexto, passando a ser entendido como único e, a partir desse ponto, esta representação fica marcada como única. Focalizam-se apenas alguns elementos, sejam eles ideológicos, profissionais, educacionais ou

sociais, e faz com que os grupos sociais guardem para si e tomem como verdade apenas uma parte do objeto, deixando de observar com mais atenção outros aspectos.

Procurando se adequar às necessidades, seja da linha editorial do veículo e da intenção por trás da ação narrada na reportagem, ou seja, das escolhas na construção das dimensões verbais e textuais, as informações circulam de modo diferente e tornam-se dispersas. Assim, ocorrem lacunas entre o que é conhecido e o que necessita ser conhecido para entender o objeto.

3.4 Etapa 5 - Análise e Discussão dos resultados

Nas análises, de modo geral, o indígena aparece em posição de fonte jornalística, às vezes de modo mais ativo no interior da narrativa, que é quando ele traz a informação mais relevante; e, em outros momentos, de modo mais passivo, quando ele é objeto do discurso, ocasião em que outras pessoas assumem a sua voz e, por consequência, falam por eles, naquele momento.

Nas tabelas elaboradas, as categorias evidenciam que, ora como vítima da violência e ora como alguém que pratica a violência, e a situação envolve atores como polícia e órgãos públicos, o que sinaliza, no material analisado, que a questão indígena no país é sempre acompanhada de grandes contrariedades, em situação de conflito. E considera-se oportuno, por ocasião do exposto, retomar dois aspectos importantes: quando o índio age com violência, protestando ou mostrando as armas que tem para ir à guerra, por exemplo, a representação que se coloca revela caráter inesperado, pois, nesse instante, a imagem do índio presente no senso comum, como um ser de cocar, que vive apenas na mata, dançando e pescando se desfaz. Entram em cena, nessa ocasião, outras representações ligadas ao mau índio. São representações sutis, mas com força suficiente a ponto de impedirem que o índio seja ouvido.

Para então explicitarmos que representações estão presentes no corpus analisados, recuperamos alguns trechos dos materiais. Do ponto de vista textual, na tabela 3, ao elaborarmos um ranking das palavras recorrentes no corpus, temos que:

Os ATORES – Índios (146), Polícia (39) e FUNAI (36), aparecem associados a CENAS como Protestos (56), Violência (49), BR's (41). Por analisarmos os materiais que envolvem os indígenas é natural que as menções a eles sejam as mais recorrentes, no entanto ao analisar os textos das reportagens, observa-se que em determinados momentos,

focaliza-se apenas o índio, mesmo havendo outros envolvidos, como movimentos estudantis, negros, sindicais etc. E isso se evidencia na reportagem da repórter Janine Borba comentada ao longo do texto, na qual ela exclui da sua narrativa outros movimentos e constrói o texto focando em apenas um personagem: o índio. Como a cena descrita por ela envolve protestos e violência, ficam sugeridas duas linhas de representação – o índio está sendo violento em seu protesto, por ser violento, a polícia precisa reprimir tal ação e por isso age com violência. Aqui a representação do indígena é a do mau índio. Nessa forma de narrativa, a representação é fixada e disseminada com a visão de apenas um lado.

Do ponto de vista textual, os âncoras e repórteres têm papel fundamental na construção das representações aqui analisadas. Eles conduzem o telespectador a ter aquela informação como verdadeira, na maioria dos textos não se observa contrapontos a respeito do assunto retratado. Reforçam discursos do senso comum, e elaboram cenas sem ao menos terem presenciado a ação, como no caso do repórter Geovane Barros, que descrevemos nas análises, que mesmo distante do protesto ele afirma: *GEOVANE BARROS - Isso mesmo os índios que estão realizando o bloqueio na BR163 entre Santa Helena e Itaúba estão muito revoltados, inclusive trazendo danos a terceiros. Esse casal aqui passou apertado agora pouco. Tava com esse veículo no bloqueio, eles vieram com aquela burduna, deram uma pancada violenta aqui, amassando o veículo e também destruíram aqui o para-brisas. Foi um susto muito grande.*

E ao longo do seu texto indica ao telespectador de que os índios não estão agindo de forma correta ao protestar e elementos do jornalismo como parcialidade, verificação de informações e fontes ficaram em segundo plano.

Em outra reportagem, os índios aparecem retratando sua cultura em datas específicas como o dia do índio e descobrimento do Brasil. Nestes momentos os indígenas mostram suas peculiaridades, música, danças, vestidos e pintados, na dimensão textual, as expressões mais citadas pelas âncoras e repórteres são; “exóticos”, “curiosidade”, “difícil comunicação”, entre outros, passa a ideia de que, apesar de estarem inseridos na sociedade do não índio, ainda mantêm alguns hábitos preservados. Aqui a representação do índio primitivo vem à tona.

Em outros materiais temos o indígena como um ser que precisa e que busca a tutela do governo, aqui expresso na dimensão textual pela recorrência da palavra FUNAI. A instituição às vezes surge como protetora e interessada no bem-estar dos Terena, outras vezes aparece

como negligente, com falta de vontade para resolver as demandas apontadas pelos indígenas. Com a falta de assistência por parte da FUNAI, outros órgãos como Ministério Público, Associações de Direitos Humanos, entre outros, passam a ajudar os Terena, como vimos nos textos descritos no item 3.2 desta pesquisa, e promovem suas ações por meio da questão indígena.

O plano médio é usado para entrevistas seguindo-se de duas formas. Na primeira, quando a fonte são autoridades, tais como Polícia Federal, IBAMA, FUNAI, Ministério Público etc., tendo com plano de fundo, pneus queimados ou índios armados, representação de violência e agressividade. A exemplo da imagem a seguir:

Figura 7 - Policial Federal sendo entrevistada diante de protesto indígena Terena na BR163



Fonte: extraída de reportagem analisada.

Na segunda, quando são os índios que dão entrevistas, o plano médio é usado, tendo como plano de fundo os próprios índios ou uma paisagem. Pintados, vestidos para guerra, fazendo danças, de cocar e lança na mão. Como podemos ver a seguir:

Figura 8 - Índio Terena, sendo entrevistado sobre o porquê do protesto na BR163



Fonte: extraída de reportagem analisada.

Como demonstramos, quando é dada voz aos índios, o senso comum sobre ele se destaca nos noticiários, sendo que em alguns momentos aparecem como selvagem, como na primeira imagem, em outros momentos aparecem como pessoas integradas a sociedade, exemplo da segunda imagem, capazes de conceder entrevistas e falar de suas demandas. Na maior parte das reportagens analisadas o Terena é associado a uma marca: a violência.

Em outro grupo de reportagens quando não aparecem como fonte, quando não lhes dão voz, surge a representação do sujeito que atrapalha o progresso do país, do mau índio. Aqui eles não têm a chance de expor suas demandas. Para a opinião pública o que aparece são outras autoridades falando sobre o que está acontecendo e o que vão fazer para solucionar tal problema. Em outro momento quando são representando como seres que precisam da tutela do Estado, Ministério Público e parceiros.

Portanto, pela pesquisa realizada, tem-se que os Terena são representados socialmente no telejornalismo brasileiro ainda com bases do senso comum, formas de ver o índio que foram e seguem sendo reforçadas. Essas representações descritas até aqui e o material analisado demonstram mais uma vez a relevância do jornalismo como mediador, informante, que possui o poder de, junto com outras esferas, agir de modo imparcial na sociedade em que vivemos hoje e, principalmente,

ajudar na formação da sociedade que vamos construindo para o futuro. Mas, com relação à questão indígena no país isso não ocorre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo que buscou compreender quais representações estão presentes quando se trata dos índios Terena do Norte de Mato Grosso e quais são reforçadas pelo telejornalismo brasileiro, percebe-se que tal luta não é apenas pela defesa de sua cultura ou pela reconquista da terra, e isso aparece nos materiais analisado, embora esse aspecto não seja focado pelo telejornalismo, apesar desses objetivos estarem claros e serem intensificados de forma consciente, algumas vezes violenta; outras vezes pacífica; o que se busca também é o direito à terra, o direito de exercer a sua cidadania, o direito a um futuro, não distante dos não-índios, mas integrando seus direitos e deveres próximos a eles, com o objetivo de avançar quanto ao seu desenvolvimento.

Como vimos, a ideia do índio tradicional está presente na sociedade e remontam aos tempos do Brasil colônia, desconsiderando uma sociedade em constante mudança, que Moscovici definia como algo vivo, dinâmico, que está ligado na interação entre o sujeito e a sociedade, numa troca onde a produção e reprodução de conceitos, símbolos e imagens se fazem presentes. Assim, os meios de comunicação propiciam um ambiente em que se produz e reproduz as representações que fundamentam nossa compreensão sobre nós e o outro. É difícil imaginar estar presente em um mundo sem essa mediação. As formas de comunicação se tornam o processo no qual um grupo ou pessoa sofre a influência de outra que, por sua vez, também a influencia.

O modo como Serge Moscovici elabora a teoria das representações nos traz perspectivas muito pertinentes para o campo dos estudos da mídia e em especial do jornalismo. O autor enfoca os processos coletivos que são compostos por pequenos processos individuais, explicando como que o conhecimento científico e o do senso comum se transformam e fazem parte da realidade. Havendo assim, uma integração entre a comunicação midiática e as relações interpessoais.

As representações sociais são atualizadas ou até mesmo modificadas dia a dia, assim, o jornalismo e suas práticas, como o telejornalismo, atuam como um grande sistema, formando e espalhando tais representações. Portanto, as representações sociais se configuram como valores e práticas que, como defendia Jodelet (2001), proporcionam aos atores envolvidos noções de orientação dentro do contexto social, ajudando-o a se integrar nas relações do cotidiano. No

entanto, quando tais representações são produzidas e reproduzidas sem levar em conta a posição do objeto (pessoas, lugares, notícias) representado pode promover o inverso. No caso dos índios da etnia Terena do Norte de Mato Grosso, tais representações, na atualidade, estão promovendo a exclusão desse povo.

Podemos afirmar que ter a teoria das representações sociais como base para o nosso estudo nos ajudou a compreender a realidade de modo menos superficial, possibilitando olhar o objeto de estudo em sua complexidade.

Vale à pena ressaltar que esta discussão visa debater, a luz de teorias e metodologias científicas, as dimensões verbais e visuais do discurso jornalístico. A temática indígena é complexa e que esse estudo sobre representação é humilde, mas nos dá indícios para pensar sobre tais questões. E, de fato, quanto à questão indígena, se observa ao longo da história antiga e no registro de uma história recente uma representação que se mantém praticamente estática. No caso do Terena do Norte de Mato Grosso, quando analisamos sua trajetória de migração nesses 14 anos, vimos através das entrevistas os índios rememorem sua história e podemos entender em seus discursos claramente os seus objetivos. Nos materiais analisados o que menos se observa é o porquê dos protestos, o porquê geram tais conflitos, e mesmo quando essa pergunta aparece não é profunda, curta demais para o tamanho da questão ali noticiada.

Os resultados confirmam representações que o senso comum tem dos indígenas na sociedade brasileira. Com dois lados bem definidos: dentro da aldeia, pintado e de cocar na cabeça o indígena mantém sua origem, ligada a caça, pesca e isolamento, ligados a um passado que remonta os tempos de Cabral. Fora da aldeia o reconhecimento é praticamente nulo. Os índios brasileiros são retratados, em muitos casos, como um ser menos humano. Representação essa que gera tantas outras sub-representações, naturalizando um olhar construindo historicamente.

E aqui buscamos ao longo do texto analisar e compreender como o jornalismo e sua propagação de informações atuam negando ou afirmando as representações sobre os índios Terena do Norte de Mato Grosso. Mais do que o que se noticia, o importante é perceber como se noticia e que significados isso gera na comunicação entre os indivíduos. Partindo da raiz da palavra em latim *Comunicare*, que em tradução livre é *o tornar comum*, entendemos os meios de comunicação como o ambiente para a partilha de práticas e experiências, e o jornalismo como uma ferramenta de forte atuação pode ajudar ou atrapalhar na

consolidação de algo, se utilizando de diversos suportes linguísticos, assim como também sonoros e visuais. Segundo Christofolletti (2015):

Se observarmos pelo prisma ético, o jornalismo tem com a sociedade o compromisso e a responsabilidade de exercer importantes funções, sejam auxiliar os cidadãos em decisões, consequentemente ajudando numa cidadania sólida, fomentar a cultura, divulgar aquilo que possa ser de interesse público, denunciando quando for preciso e, sobretudo, assumir a responsabilidade pelo conteúdo que divulga. (CHRISTOFOLLETTI, 2015, p. 236)

Portanto, com relação aos Terenas, tratados nessa pesquisa, o jornalismo tem o poder de auxiliar na construção e propagação das representações associadas a esses povos. Contribuindo para a manutenção ou alteração do modo como são vistos, não só a etnia em questão, mas todas as etnias conhecidas no país.

As questões indígenas no Mato Grosso e as representações que são criadas a partir delas estão sempre ligadas às disputas por terras, às leis, às instituições ou às melhorias em espaços concedidos a diversas etnias presentes no estado. Assim, os resultados desse estudo indicam que as representações sociais dos indígenas Terena do Norte do Mato Grosso veiculadas no telejornalismo brasileiro são parte de um processo de manutenção de um status já existente. Essa manutenção, que se construiu ao longo de décadas, também é social, e acolhe uma representação hegemônica construída.

Os aspectos aqui apontados e discutidos indicam que, de fato, determinados grupos sociais silenciaram-se, e foram silenciados. Existem discursos não revelados e, portanto, notícias não veiculadas. E por que não são? Não são consideradas notícias? O espaço concedido ao índio Terena existe e há algo além a ser observado, que tipo de espaço está sendo dado. Não é o que o indígena diz, mas como está sendo representado o que o índio diz.

O senso comum, base da maioria das representações sociais existentes em nossa sociedade, prevalece. O governo, através da FUNAI, ministérios e secretarias, é ainda a autoridade que mantém a tutela sobre o índio, que faz anúncios sobre os rumos que a vida indígena toma no país. Ainda que ineficiente, são eles que concedem ou retiram direitos dos índios. Assim, entendemos que o jornalismo e suas

práticas acabam por reproduzir aquilo que está presente no dia a dia: as relações sociais.

Portanto, ao fim da pesquisa conclui-se que as Representações Sociais dos indígenas da etnia Terena do Norte do Mato Grosso encontradas nas análises nos mostram que o telejornalismo brasileiro não está colaborando, quando se trata da questão indígena no país, com o interesse público, que é o de saber dos fatos em sua íntegra. Sem manipulação, buscando traduzir para o telespectador a realidade mais fidedigna possível. Os programas jornalísticos e as reportagens exibidas atuam como mantenedor de representações já existentes na sociedade, como dito anteriormente, a do senso comum. Sem interesse maior de alterar esse status, mantendo esse grupo à margem da sociedade. Atualmente (2017), dezenas de conflitos estão ocorrendo por todo o país, no entanto, pouco se vê tais fatos sendo noticiados nos telejornais. Assim, o jornalismo deixa de fazer o seu papel de informar e formar a opinião pública, servindo apenas a interesses que vão desde os donos de emissoras, passando por disputas de terras, madeireiros e aos anunciantes. Não basta apenas dar espaço às questões indígenas, é preciso tratar as informações apuradas com cautela, para que as esferas que decidem sobre a vida desses povos em sociedade possam ter clareza de suas demandas, garantindo a eles seus direitos e deveres. E o jornalismo aja assim com responsabilidade social, cumprindo com seu papel na sociedade, retratando aquilo que é de interesse público.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. Em A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Orgs.), **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, (1998), p. 27-38.

_____. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p.155-172.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 7. ed., 2008.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1995.

BITTENCOURT, Circe M. & LADEIRA, Maria E. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.

CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L. G. **Observatório de mídia – Olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008.

CHRISTOFOLETTI, R. (Org). **Questões para um jornalismo em crise**. Florianópolis: Insular, 2015.

DIZARD, Wilson. **A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação**. Tradução [da 3. ed. norte-americana] Edmond Jorge; revisão técnica Tony Queiroga – 2. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

DOISE, Willian. Debating social representation. In: BREAKWELL, G. M.; CANTER, D. V. **Empirical approaches to social representations**. Oxford: Oxford University Press, 1993. p. 157-170.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1989

_____. **Sociologia e ciências sociais**. Tradução de Inês D. Ferreira. São Paulo: DIFEL, 1993.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Izabel Magalhães, coordenadora de tradução, revisão técnica e prefácio. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FONSECA, Francisco. Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 6. Brasília, jul.-dez. 2011, p.41-69

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

IBGE. Censo Demográfico 2010 – **Os indígenas no Censo**. Disponível em:
<https://ww2.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf>. Acesso em: 2 maio 2015.

ISAAC, Paulo A. M. **Modo de existir Terena na comunidade multiétnica que vive em Mato Grosso**. Tese de Doutorado, PUC, SP, 2004.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p.17-44.

_____. **Loucura e representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

JOVCHELOVITCH, S. Re(des)coabrindo o outro: Para um entendimento da alteridade na Teoria das representações sociais. In: ARRUDA, A (Org.). **Representando a Alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 69-82.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: JOVCHELOVITCH, S (Org.). **Textos em representações sociais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 63-85.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes. p.89-110.

KATZ e BRALY (1933). **Estereótipo ou estereótipos?** Publicado em 2008. Disponível em: <<http://estereotipos.net/enfrentando/estereot/>>. Acesso em: 4 jan. 2016.

LEITÃO, Rosani M. **Escola, identidade e cidadania:** comparando experiências e discursos de professores Terena (Brasil) e Purhépecha (México). Tese de Doutorado, UNB, 2005.

MATTELART, Armand. **A globalização da comunicação.** Tradução de Laureano Pelegrin. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

MATTOS, S. **Jornalismo, fonte e opinião.** Salvador: Quarteto, 2011.

MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem.** Canoas: Ed. ULBRA, 1996. (Série Mundo Mídia; 4)

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

_____. **Representações Sociais:** Investigações em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARQUES, J., & PAÉZ, D. (2002). Processos cognitivos e estereótipos sociais. In J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.), **Psicologia social.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MARX, K. & ENGELS, F. **A ideologia alemã.** São Paulo: Martins Fontes, 2002b.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **O trabalho simbólico da notícia.** Líbero, (FACASPER), 2005.

_____. **A análise pragmática da narrativa jornalística.** (2010) Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>>.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos.** Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

OLIVEIRA, João Pacheco de. FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A presença indígena na formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004372.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2015.

OLIVEIRA, Roberto C. de. **Urbanização e tribalismo**: a integração dos índios Terena numa sociedade de classes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

OLIVEIRA, D.C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 27-37.

PASUCH, Jaqueline. PERIPOLLI, Odimar J. ZOIA, Alceu. **Dez anos dos índios Terena em Mato Grosso**: aprendizagens de um processo migratório, conquistas e desafios. (2015) Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/52164/34129>>. Acesso em: 4 set. 2015.

PEREIRA, Marcos. **Estereótipos**: concepções gerais. 2002. Disponível em: <<https://estereotipos.net/enfrentando/estereot/>>.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SÁ, C.P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: Mary Jane Spink. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 19-45.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. OFICINA DO CES. Nº 135 - 1999: Publicação seriada do Centro de Estudos Sociais. Praça D. Dinis. Colégio São Jerónimo, Coimbra. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/135/135.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2017.

SECOM. Governo Federal. **Levantamento quantitativo domiciliar sobre os hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. 2016. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>>.

TACCA, Fernando de. **A imagética da Comissão Rondon**: Etnografias fílmicas estratégicas. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Campo Imagético)

TEIXEIRA, C. G. M. **A pobreza por aqueles que nela vivem**: um estudo em Representações Sociais. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

VALA, J. “Representações Sociais: Para Uma Psicologia Social do Pensamento Social”. In: VALA, J. e MONTEIRO, M. B. (Org.). **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

WAGNER, W. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.): **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 2004. p. 3-25.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução de Sandra Gardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2005.

ZOIA, A. **A infância na comunidade indígena Terena do Norte de Mato Grosso**. Tese de Doutorado, UFG, Goiânia, 2009.

APÊNDICE A - HISTÓRICO DAS EMISSORAS DE TELEVISÃO EM MATO GROSSO E QUE APARECEM NO CORPUS DA PESQUISA

REDE BANDEIRANTES

NACIONAL – TV Bandeirantes ou **BAND**, como é mais conhecida, é uma rede de televisão brasileira pertencente ao Grupo Bandeirantes de Comunicação. Entrou no ar no dia 13 de maio de 1967, em São Paulo, SP, pelo canal 13. Seu fundador foi João Saad, que contou com a ajuda do sogro, o político Ademar de Barros, antigo proprietário da Rádio Bandeirantes. ¹⁴Atualmente, a emissora é presidida por Johnny Saad, filho de João Saad. É a quarta maior rede de televisão do país em audiência e faturamento. Seu sinal é distribuído para todo o Brasil por meio das suas emissoras próprias ou afiliadas, televisão por assinatura e no exterior pela Band Internacional.¹⁵

MATO GROSSO – A Band Mato Grosso, também conhecida como Band MT, TV Cidade Verde, TV CV ou simplesmente CV, é uma emissora de televisão brasileira, afiliada à Rede Bandeirantes, com sede em Cuiabá, Capital do Mato Grosso. A emissora foi afiliada ao SBT durante 18 anos, de 1991 até dia 16 de maio de 2009, quando o dono da rede, Luiz Carlos Beccari, anunciou no dia 15 de maio, a afiliação com a Rede Bandeirantes. Após implantar seu canal digital por definitivo em 2013 a TV Cidade Verde (Cuiabá) foi nomeada como Band Mato Grosso.¹⁶

AFILIADAS: Após a afiliação o grupo Bandeirantes; iniciou o projeto audacioso de se expandir para todos os 141 municípios matogrossenses. Para conseguir atingir esta ambiciosa meta buscou parcerias com o objetivo de conseguir investimentos em infra-estruturas. Encontrou forte auxílio no Grupo Futurista de Comunicação, do ex-senador Júlio Campos, que já comandava a concessão da Tv Gazeta no estado e com o acordo passa também a ter participação na Tv Band. Atualmente é a emissora da Rede Cidade Verde com maior abrangência no estado e está presente em 80% do Estado, cobrindo 101 municípios

¹⁴<https://web.archive.org/web/20070629152248/http://www.telehistoria.com.br/revista/anteriores/maio2007/reportagem01.htm>, acessando em 15 de março de 2016.

¹⁵ <http://www.band.uol.com.br/grupo/historia.asp>, acessando em 15 de março de 2016.

¹⁶ <http://www.rdnews.com.br/ultimas-noticias/sbt-desaparece-de-cuiaba-tv-cidade-verde-vai-para-band/13967> acesso em 15 de março de 2016.

matogrossenses. Apesar de responder a uma programação e linha editorial nacional, por ter como dirigentes pessoas ligadas diretamente à política nacional, as pautas e programas da emissora no Mato Grosso sofrem influência das demandas políticas locais. Das nove afiliadas espalhadas pelo estado, seis delas são comandadas por pessoas ligadas a política.¹⁷

SBT – SISTEMA BRASILEIRO DE TELEVISÃO

NACIONAL - O **Sistema Brasileiro de Televisão** ou simplesmente SBT, é uma rede de televisão aberta brasileira fundada em 19 de agosto de agosto de 1981, pelo apresentador de televisão Silvio Santos, fazendo parte do Grupo Silvio Santos. A fundação do SBT também é um momento histórico para a televisão no Brasil e mundial, uma vez que foi a primeira emissora do mundo a transmitir sua inauguração ao vivo.¹⁸ Antes de adquirir as concessões das quatro emissoras que formariam o SBT, o Grupo Silvio Santos já tinha desde 1976 a concessão do Canal 11 do Rio de Janeiro, conhecido como TV Studios (TVS), o que foi um passo fundamental para dar vida ao SBT, que entrou no ar para São Paulo e também para todo o Brasil em 19 de agosto de 1981 como TVS Canal 4 de São Paulo, e aos poucos ficando popularizada como SBT.¹⁹ Possui 114 emissoras, sendo oito delas próprias, e 107 emissoras afiliadas espalhadas por todo o território nacional.

MATO GROSSO - O **SBT Cuiabá** - é uma emissora de televisão brasileira sediada em Cuiabá, capital do estado do Mato Grosso. A emissora pertence ao Grupo Roberto Dorner de Comunicação, de propriedade do empresário, pecuarista e político Roberto Dorner, do qual também fazem parte o SBT Rondonópolis e o SBT Sinop. O empresário conseguiu as concessões logo após a Tv Band deixar de ser afiliada ao canal, deixando o estado de Mato Grosso sem uma emissora que transmitisse o SBT. Atualmente, seguindo o novo modelo de produção e veiculação nacional, todas as emissoras do grupo estão transmitindo com sinal digital, produzindo em HD.

AFILIADAS – No Mato Grosso o número de afiliadas chega a 21 emissoras, cobrindo todo o estado. E as concessões pertencem a

¹⁷ www.donosdamidia.com.br acesso em 15 de março de 2016.

¹⁸ <http://www.tudosobretv.com.br/historvtv80.htm> acesso em 15 de março de 2016.

¹⁹ <http://www.sbtmedia.com.br/2013/01/cartas-e-cartazes-n-30-sbt-conquista.html> 15 de março de 2016.

diversos empresários do setor de comunicação, entre eles, alguns políticos, mas, ao contrário da TV Bandeirantes os dados contendo as informações de quem controlam as afiliadas são disponibilizados.

Mesmo não disponibilizando todos os dados, fazendo buscas individuais é possível encontrar alguns nomes ligados as afiliadas no estado. No exemplo da capital temos o próprio Roberto Dorner que é pecuarista e foi deputado estadual por dois mandatos. Logo, a programação da emissora na região passa a ser regida por algumas normas, já que o canal não possui uma linha editorial clara. Produzem bastante material ligado ao campo e colaboram frequentemente com os telejornais nacionais enviando produções locais e estaduais.

REDE RECORD

NACIONAL - A TV RECORD, entra no AR em 27 de setembro de 1953, no canal 7 às 20 horas. Foi equipada com o que havia de mais moderno e avançado em tecnologia na época, mudando o cenário televisivo e tornou-se a mais importante emissora do país. Nos primeiros anos, além da música, a Record investiu em esporte e em entretenimento.

Nos anos noventa, a mudança do controle acionário da emissora trouxe grande ampliação na programação, e manteve o jornalismo como carro-chefe. A Record iniciou a formação de uma rede nacional de emissoras, além de comprar equipamentos de última geração e mudar sua sede para um novo prédio no bairro da Barra Funda.²⁰

Atualmente já é considerada a vice-líder em audiência em todo o Brasil, apesar de ser a quarta em números de afiliados. Para alcançar essa vice-liderança vale destacar a sua expansão territorial, seus investimentos em produções próprias (novelas, reality shows), em esporte e em jornalismo de qualidade. Além disso, passou a investir na compra de produções estrangeiras (filmes e séries). São 30 grupos afiliados à Rede Record, controlando direta e indiretamente 142 veículos. Seu sinal está presente em todo o Brasil por meio de 870 retransmissoras de TV.²¹

MATO GROSSO - A TV Gazeta Cuiabá (mais conhecida como TV Record Cuiabá) é uma emissora de televisão brasileira, afiliada da Rede Record, com sede em Cuiabá, Mato Grosso. Entrou no ar em 26 de novembro de 1993. No início se chamava TV Gazeta

²⁰ <http://rederecord.r7.com/historia/> acesso em 15 de março de 2016

²¹ <http://donosdamidia.com.br/rede/21398> acesso em 15 de março de 2016

Cuiabá e retransmitia a CNT. É importante destacar que a emissora foi pioneira ao trazer a proposta de uma programação local e a transmiti-la para todo o Estado. Na época, era uma inovação para o setor de comunicação mato-grossense, afinal, o espaço para programas locais em outras emissoras eram muito pequenos. Dois anos após a fundação da emissora, em 1995, houve a afiliação com a Rede Record. Em 1998, a TV Gazeta Cuiabá passou a transmitir o sinal via satélite e levar a programação regional para praticamente todos os municípios do Estado.

AFILIADAS – Por todo o estado de Mato Grosso são 62 afiliadas, destas, segundo o site Donos da Mídia, 28 são controladas por políticos (vereadores, prefeitos, governadores, deputados e senadores), mesmo que não diretamente. No norte do estado, em cidades como Sinop, Peixoto de Azevedo, Matupá, Itaúba e outros as emissoras são comandadas por pecuaristas e políticos ligados ao setor de comunicação.²²

TV BRASIL

ABRANGENCIA NACIONAL - A TV Brasil é uma empresa administrada pela EBC – Empresa Brasileira de Comunicação. A empresa pública está vinculada à Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República e tem à frente o jornalista Nelson Breve, nomeado para o cargo de diretor-presidente. A sede da EBC fica em Brasília, mas há centros de produção e outros escritórios regionais pelo país. A EBC tem autonomia e independência em relação ao governo federal para definir produção, programação e distribuição de conteúdos no sistema público de radiodifusão, que tem a finalidade de prestar serviços de radiodifusão pública com o objetivo de promover a cidadania. A programação da EBC é exibida em redes de televisão e rádio (prevê-se a interação dos vários veículos se dê por meio da internet), com temas das áreas de educação, arte, cultura, ciência e tecnologia e visa estimular a produção de conteúdos regionais, nacionais e independentes.²³

MATO GROSSO – No estado a programação da Tv Brasil, na Tv aberta, fica a cargo da Tv Universitária da UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso, operando no canal 2, com sede em Cuiabá. O canal busca ser plural e não há um dirigente, mas, um conselho

²² Pesquisas realizadas pelo autor entre janeiro e março de 2016.

²³ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6689.htm acesso em 15 de março de 2016

composto por funcionários e alunos ligados ao centro de comunicação e expressão da universidade.

AFILIADAS – a emissora não possui outras afiliadas pelo estado de Mato Grosso, além da citada anteriormente.